

UERN Socialmente Referenciada



Pedro Fernandes Ribeiro Neto
Fátima Raquel Rosado Morais
Aldo Gondim Fernandes
Cicília Raquel Maia Leite (Org)
Luziária Firmino Machado Bezerra (Org)



Pedro Fernandes Ribeiro Neto
Fátima Raquel Rosado Moraes
Aldo Gondim Fernandes
Cicília Raquel Maia Leite (Org.)
Luziária Firmino Machado Bezerra (Org)

UERN

SOCIALMENTE REFERENCIADA



UERN



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Reitora

Cicília Raquel Maia Leite

Vice-Reitor

Francisco Dantas de Medeiros Neto

Diretora de Sistema Integrado de Bibliotecas

Jocelânia Marinho Maia de Oliveira

Chefe da Editora Universitária – EDUern

Francisco Fabiano de Freitas Mendes

Conselho Editorial das Edições Uern

José Elesbão de Almeida

Isabela Pinheiro Cavalcanti Lima

Kalídia Felipe de Lima Costa

Regina Célia Pereira Marques

Maria José Costa Fernandes

José Cezinaldo Rocha Bessa

Revisão

Nayara Nicololy Braga

Stella Sâmia Fernandes de Oliveira

Capa

Pablo Allende

Diagramação

Maria Helena de Medeiros

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Ribeiro Neto, Pedro Fernandes.

Uern socialmente referenciada [recurso eletrônico]. / Pedro Fernandes Ribeiro Neto, Fátima Raquel Rosado Moraes, Aldo Gondim Fernandes; organização de Cicília Raquel Maia Leite, Luziária Firmino Machado Bezerra. – Mossoró, RN: Edições Uern, 2022.

279p. :

ISBN: 978-85-7621-318-5 (E-book).

1. Uern - Inserção social e inclusiva. 2. Uern - Organização pública. 3. Uern - Administração pública. I. Moraes, Fátima Raquel Rosado. II. Fernandes, Aldo Gondim. III. Leite, Cicília Raquel Maia. IV. Bezerra, Luziária Firmino Machado. V. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. VII. Título.

Uern/BC

CDD 378.101

Bibliotecária: Jocelania Marinho Maia de Oliveira CRB 15 / 319

Editora filiada à:



Sumário

PREFÁCIO	5
SOBRE OS GESTORES	9
CAPÍTULO I: DISCURSOS	25
CAPÍTULO II: ENTREVISTAS	127

PREFÁCIO

Ao longo de mais de cinco décadas de existência, a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Uern tem sua história marcada pela luta de muitas pessoas que se dedicaram e continuam se dedicando à defesa da educação. Oferecer as ferramentas necessárias para que nossos estudantes tenham acesso ao ensino superior público, gratuito e de qualidade é um gesto que merece todo nosso reconhecimento.

Nesse sentido, as decisões tomadas pelos conselhos superiores e pelos gestores, com as representações dos estudantes, professores, técnicos e da sociedade, são cruciais para que a Universidade seja reconhecida pela importância que ela tem.

A Uern é o grande patrimônio vivo do Rio Grande do Norte. Transforma vidas e realiza sonhos. Nesse ambiente de conhecimento, encontramos pessoas inspiradoras, que nos instigam a sempre procurarmos algo melhor, inquietam-nos com seus pensamentos e provocam mudanças significativas em nossas vidas.

Neste livro reunimos uma pequena parte das ações de dois professores, gestores e amigos que contribuíram de forma incontestável para o desenvolvimento da Universidade

do Estado do Rio Grande do Norte e continuam se dedicando à educação e à ciência. Ler sobre suas ações e pensamentos é aprender um pouco sobre a própria Universidade.

Trata-se do Prof. Dr. Pedro Fernandes Ribeiro Neto – Reitor nas gestões 2013/2017 e 2017/2021 – e da Profa. Dra. Fátima Raquel Rosado Morais – Reitora em exercício, de março de 2020 a setembro de 2021. Os dois são exemplos de competência, zelo e amor pelo trabalho e pela instituição.

O que dizer do Reitor Pedro Fernandes? Antes de se tornar Reitor, estando à frente da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, foi responsável pelo trabalho incansável na capacitação de nossos servidores e na aprovação de novas propostas de mestrados e doutorados. A expansão da pós-graduação da Uern também tem a assinatura dele. Conseguia ter uma visão de futuro apurada, semeando de forma paciente os frutos que estamos colhendo agora. Um grande homem, exímio pesquisador e “humano, demasiadamente humano”.

Em seu primeiro mandato, o Reitor Pedro Fernandes teve ao seu lado o professor Aldo Gondim como Vice-Reitor. Os dois formaram uma parceria de sucesso. Carismático e com muita disposição ao trabalho, o professor Aldo Gondim percorria todos os *campi* da Uern, presidia solenidades de colação de grau e fazia questão de acompanhar as obras em execução na Universidade. É uma figura ilustre que tem grande importância para a Uern e merece todo nosso reconhecimento. A professora Fátima Raquel já fazia parte da primeira gestão do Reitor Pedro Fernandes e, na segunda gestão, esteve ao seu lado como Vice-Reitora, contribuindo de forma marcante com o desenvolvimento da Uern.

Como alguém que participou de sua gestão, não posso deixar de evidenciar o compromisso que Pedro Fernandes sempre teve com a pauta da autonomia financeira, sendo responsável por unir a comunidade acadêmica no propósito de fechar uma proposta em comum a ser encaminhada ao Governo do Estado. Tivemos a imensa alegria de conquistar esse marco em nossa gestão e tenho o dever de reconhecer que essa conquista foi fruto de todo esse trabalho feito por nossos antecessores, especialmente pelo Reitor Pedro Fernandes.

Ao lado dele, a professora Fátima Raquel Rosado Moraes, Reitora em exercício em um dos períodos mais difíceis da Universidade – durante a pandemia da Covid-19 – foi gigante e é uma pessoa que quero sempre ter por perto. Uma pessoa que compreende os números como ninguém, dona de um olhar humanista e de um coração generoso como poucos.

Muito obrigada pelas experiências compartilhadas. Com você aprendi, e continuo aprendendo, sobre ética, disposição, empenho e espírito público.

Em suas falas, ambos os gestores sempre demonstraram confiança e fizeram questão de valorizar o potencial de suas equipes, de forma que todas as ações mencionadas neste livro se estendem também a cada um e cada uma que fez parte das respectivas gestões. Sintam-se homenageados e homenageadas. Sem vocês nada disso seria possível.

As palavras têm o poder de dar significado a muitas coisas, sendo assim, nada melhor do que as palavras dos próprios homenageados para dar uma pequena noção da

importância de seus trabalhos.

Organizamos um compilado de discursos e entrevistas concedidas pelos reitores Pedro Fernandes e Fátima Raquel ao longo do período à frente da Instituição. Por meio deles, compreendem-se momentos importantes da Uern e como ela chegou até aqui.

Boa leitura!

Cicília Raquel Maia Leite

Reitora da Uern

SOBRE OS GESTORES

Aldo Gondim - 30 anos de amor à Uern

O professor Aldo Gondim encerra sua carreira no ensino superior como vice-reitor da Uern, cargo que ocupou desde 2013, ao lado do reitor Pedro Fernandes



Em 1º de março de 1987, o professor Aldo Gondim Fernandes iniciava sua trajetória como professor do curso de Educação Física da Uern, deixando para trás a carreira de fuzileiro naval na Marinha do Brasil. Essa nova missão

possibilitou um universo de conhecimento, amizades e ensinamentos.

Querido entre os professores, técnicos e alunos, o professor Aldo Gondim encerra sua carreira no ensino superior como Vice-Reitor da Uern, cargo que ocupou desde 2013, ao lado do Reitor Pedro Fernandes. Ao longo de 4 anos, foram muitas viagens a trabalho e uma dedicação em tempo integral.

“Construí minha amizade com Aldo nas trincheiras em defesa da nossa Universidade. Mas ele é, além de amigo, um professor para mim. Com ele tive lições importantes que me ajudarão a seguir projetando a Uern do futuro se pautando pelo diálogo e o entendimento”, declarou o Reitor Pedro Fernandes.

Vai ser estranho para os servidores da Uern chegarem à Reitoria a partir do dia 29 de setembro de 2017 e não encontrarem mais a empolgação de Aldo Gondim.

Carismático, ele sempre acompanhava o funcionamento em cada setor da Reitoria e do Edifício Epílogo de Campos, onde funcionam as pró-reitorias administrativas da Universidade – Pró-Reitoria de Recursos Humanos e Assuntos Estudantis (Prorhae), Pró-Reitoria de Planejamento, Orçamento e Finanças (Proplan) e Pró-reitoria de Administração (Proad). Aldo Gondim adotou em sua rotina a visita aos vários setores, oportunidade em que ouvia as demandas com simpatia e carinho.

Antes de ser eleito Vice-Reitor em 2013, Aldo Gondim foi chefe do Departamento de Educação Física por duas vezes, em outras duas oportunidades esteve à frente da direção da Faculdade de Educação Física (Faef) e ocupou a presidência do Fórum de Diretores.

Na sua atuação profissional, Aldo Gondim foi além do papel de vice-reitor. Era uma espécie de síndico da Uern que acompanhava de perto cada obra, que estava em todos os recantos da universidade, sempre pronto para tentar solucionar os problemas. “Aldo é super profissional, ama o que faz. Eu pensava que isso era só pela educação física e me enganei

totalmente por ele continuar com o mesmo entusiasmo como vice-reitor”, relata a esposa, Magnólia Pinto Gondim.

Ao longo dos últimos quatro anos, Aldo participou de decisões difíceis e momentos tensos sem demonstrar qualquer tipo de irritação. Uma das contribuições de Aldo foi a coordenação dos trabalhos para a reformulação do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da Uern – documento que aponta os caminhos e metas da universidade nos próximos dez anos.

“Ele tem um pensamento tão positivo que mesmo quando algo não dá certo, ele agradece. A relação dele com os alunos é impressionante”, frisa Magnólia.

Os alunos confirmam as palavras de Magnólia. “Aldo representa a figura de uma pessoa especial, extrovertida, um ser humano que sempre tentou entender o aluno, ao mesmo tempo em que tentava passar o conhecimento. Só paguei uma disciplina com ele e ficou um exemplo para mim”, Monalisa Carini Dantas.

Entre os técnicos, o sentimento é idêntico. “Falar sobre Aldo Gondim é elencar todos os adjetivos positivos que uma pessoa pode ter. Já conviver com Aldo é aprender com excelência, dia após dia, como atender e tratar bem as pessoas, como ser proativo no trabalho, como resolver quaisquer problemas com o mínimo de efeitos negativos possíveis, como ser uma pessoa melhor em todas as vertentes. É um grande professor de Educação Física e, maior ainda, professor da vida. Meu chefe por quase 7 anos e um amigo para sempre. Em qualquer lugar, a qualquer hora, pode contar

comigo, amigo. Será sempre uma honra”, explica Jônatas Marques.

Em casa não é diferente. Mesmo com todos os compromissos que um vice-reitor tem que cumprir, Aldo não perde a atenção com a família, mantendo o mesmo estilo cativante deixado como legado na Uern. “Aldo é tão bom filho que não tinha como não ser um pai amoroso, um marido exemplar”, declarou Magnólia.

Família, essa é a palavra citada pelo professor Humberto Jefferson, diretor da Faculdade de Educação Física, ao avaliar Aldo Gondim. “Com sua aposentadoria, vamos sentir uma lacuna enorme na Uern, pois deixaremos de conviver diariamente com o conselheiro, mestre e amigo. Nas lembranças ficam marcados os ensinamentos, o amor pela Educação Física, o carinho pelos seus alunos e principalmente pela FAEF, a qual por muitos anos se confundiu com sua casa e família. O que tinha de ser feito, foi feito, meu amigo! Agora colha os bons frutos que plantastes, continue seu caminho como sempre andastes: de bem com a vida e de cabeça erguida”, declarou.

Aldo agora vai curtir a merecida aposentadoria sem deixar o amor pela Uern e o esporte de lado.

Fátima Raquel Rosado Morais, vice-reitora da Uern



Egressa de escola pública no interior do Rio Grande do Norte, Fátima Raquel Rosado Morais é mais um exemplo do poder transformador da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte na sociedade. A atual vice-reitora da Uern

costuma dizer que está na Instituição desde 1991, quando ingressou como aluna do curso de Enfermagem e que chegar a este cargo foi consequência de sua dedicação à Universidade, que considera sua casa.

Depois de graduada em Enfermagem, seguiu para a residência, buscando ampliar sua capacidade técnica. Em 1998, já com o título de especialista, ela retornou à Universidade, agora como docente, tendo sido aprovada no concurso público para professor do curso de Enfermagem, um sonho que cultivava desde a época da graduação, quando ingressou em um dos primeiros grupos do Programa de Educação Tutorial (PET) da Universidade e sentiu o desejo de ser docente da Uern aflorar.

A partir daí traçou seu caminho como professora universitária. Fez mestrado e doutorado, sempre buscando o aperfeiçoamento para tornar-se a melhor professora que

poderia ser. Dedicou-se à pesquisa e à extensão e, ao terminar o doutorado, começou a trilhar um novo caminho, o da gestão.

Assumi a chefia do Departamento de Enfermagem e, posteriormente, passou a compor o quadro da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (Propeg), ao lado do então pró-reitor Pedro Fernandes. Assumi a assessoria de captação de recursos, se destacando pelos resultados obtidos. Este foi um momento importante para a Uern, de mudança de paradigmas quanto ao financiamento de pesquisas e projetos na Instituição, e a professora Fátima Raquel teve papel primordial neste processo.

Mais tarde, assumi a chefia de Gabinete da Reitoria e depois a Pró-Reitoria de Planejamento da Uern. A experiência de gestão deu-lhe uma nova visão da Universidade. Passando a viver cada vez mais a Instituição, pôde conhecer todo o contexto para que as aulas e demais atividades da Universidade possam acontecer e pôde também perceber o quanto a Uern tem pessoas compromissadas e envolvidas para que continue cada vez mais prestando um bom serviço e um ensino de qualidade à sociedade.

Já na condição de vice-reitora, por diversas vezes apresentou as potencialidades da Universidade em reuniões e fóruns nacionais e também para a classe política em âmbito estadual e federal, uma tarefa que encara com naturalidade e considera um ato espontâneo. Sente-se muito confortável em falar sobre a Uern e mostrar o bom trabalho que a Universidade tem desempenhado no ensino, pesquisa e extensão, para que outras pessoas vejam o quanto esta Instituição é importante para o Rio Grande do Norte e o quanto ela pode contribuir com o desenvolvimento do Estado, destacando sempre o importante

papel da Universidade no processo de empoderamento das pessoas em condição de vulnerabilidade social.

Além de todas essas atribuições, a professora Fátima Raquel não abre mão de cumprir a função para qual ingressou na Universidade, a docência. Além do ensino, a professora desenvolve pesquisa e extensão e coordena importantes projetos com impacto direto na sociedade.

Uma das grandes contribuições da professora é o projeto que tem capacitado profissionais da área da saúde em todos os municípios do Rio Grande do Norte, no que diz respeito à atenção à saúde da mulher e do neonato. O projeto surgiu em 2014, ainda no antigo programa RN Sustentável, hoje Governo Cidadão, e já capacitou mais de dois mil servidores, tanto da atenção básica como, em nível secundário, no que diz respeito à atenção ao parto e ao nascimento em nível hospitalar, trazendo novos conhecimentos e novas práticas para atenção à saúde da mulher e consequentemente a redução dos índices de morbimortalidade no Estado.

Outra importante contribuição é o Núcleo de Atenção Materno Infantil (NAMI), que oferece atendimento multiprofissional a crianças com microcefalia em decorrência do Zika Vírus, e às suas famílias. A professora Fátima Raquel é uma das coordenadoras do Núcleo, que surgiu como consequência de uma dissertação de mestrado sob sua orientação, que estudou o surto de Zika Vírus e os casos de microcefalia em neonatos.

Durante a pesquisa, foi trabalhada a rede de atenção básica e percebeu-se a carência de recursos tanto para o diagnóstico como para o acompanhamento dessas crianças.

Entendendo que a Universidade possui potencialidades em seus cursos e residências para auxiliar essas famílias, surgiu a ideia de agregar os diferentes grupos e pensar em uma experiência multiprofissional para atuar com essas crianças, surgindo assim o NAMI.

No primeiro ano de funcionamento, foi possível observar que essas crianças conseguiram desenvolver o seu potencial cognitivo e linguístico. Mais do que isto, o Núcleo conseguiu envolver a família e gerar uma maior agregação no cuidado com as crianças a partir da estimulação no lar.

Considerando o NAMI uma experiência exitosa, a professora Fátima e demais voluntários do Núcleo pensam agora em ampliar a atuação para atender mulheres gestantes que precisam de um acompanhamento multiprofissional. Além disso, estuda-se a ampliação do espectro da estimulação precoce para trabalhar com crianças com síndrome de Down e com autismo.

Mãe de dois filhos, a professora, pesquisadora, orientadora, vice-reitora da Uern precisa conciliar todo esse mundo acadêmico e administrativo com as atribuições de dona de casa, esposa e mãe. Como mulher, é inspiração para alunas e colegas de trabalho, apesar de não se reconhecer nesta condição. Ela admite que não é fácil assumir tantos papéis, mas encara tudo com naturalidade, entendendo que “tudo depende muito do que você quer para sua vida”.

Inquieta, Fátima sempre buscou atingir novos objetivos. Não parou quando conseguiu ser docente da Uern, não parou sendo pesquisadora e não abandonou nada disso quando se viu à frente da gestão. Nem podia. Para ela, a

gestão é um compromisso a mais com a Universidade, uma contribuição a mais, que não pode substituir o papel para o qual ingressou na Instituição, de ser professora, ser docente, e atuar no ensino, na pesquisa e extensão, contribuindo com a formação de tantos jovens que, assim como ela anos atrás, buscam na Uern uma oportunidade de crescimento.

A professora tem consciência de que nenhum ser humano consegue ser 100% em tudo, mas acredita que dando o melhor de si, já se consegue desempenhar um bom trabalho. É isso que tem feito, tanto na gestão e na docência, como na família. E é assim, estando 100% comprometida com tudo o que faz, que ela consegue conciliar todos esses papéis, que se sobrepõem em um ritmo tão acelerado.

Fátima Raquel possui o Selo Uern em seu diploma, em seu currículo, em sua vida. É apenas uma, entre tantos egressos que tiveram suas vidas transformadas e, em suas atividades do dia a dia, colaboram para a transformação da vida de milhares de outras pessoas, entendendo que este é o compromisso assumido por ter sido formado em uma instituição socialmente referenciada.

Pedro Fernandes Ribeiro Neto



Pedro Fernandes Ribeiro Neto é professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern) desde 1998, sendo um dos fundadores do curso de Ciência da Computação. É doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade

Federal de Campina Grande (2006). Possui mestrado em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal da Paraíba (2001) e é bacharel em Ciência da Computação pela Universidade Estadual do Ceará (1997). Foi reitor da Uern por dois mandatos, de 2013 a 2017 e de 2017 a 2021.

Primeiro reitor doutor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern), o professor Pedro Fernandes Ribeiro Neto assumiu a reitoria em setembro de 2013 com o desafio de preparar a Universidade para o futuro.

Professor, pesquisador e gestor, em oito anos, Pedro Fernandes conseguiu imprimir um perfil acadêmico à Instituição, com a consolidação da pós-graduação na Uern, a criação de uma política de assistência estudantil, política de austeridade, a conquista do recredenciamento institucional, a ampliação e regularização do patrimônio da Universidade, realização de concurso público para professores e técnicos

administrativos, valorização do servidor, voto paritário para reitor e vice-reitor, fim da lista tríplice, entre outras importantes ações realizadas nos dois mandatos à frente da Universidade.

Quando assumiu a Reitoria, o jovem reitor estabeleceu três principais metas para sua gestão: avançar na assistência estudantil, melhorar a infraestrutura da Uern e conquistar a autonomia financeira. Oito anos depois, tendo gerido a Universidade durante período de grave crise econômica e política, a Uern colhe os frutos plantados desde 2003.

Entendendo que os estudantes são os principais atores da comunidade acadêmica e razão de existir da Universidade, o reitor Pedro Fernandes buscou valorizar o protagonismo estudantil, desde a forma de acesso aos cursos de graduação. Foi em sua gestão que a Uern passou a utilizar as notas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), através do Sistema de Seleção Unificada (SiSU).

Como forma de democratizar este acesso, a Universidade ampliou seu sistema de cotas, que contemplava, até então, apenas estudantes oriundos de escola pública. A Uern foi pioneira no Rio Grande do Norte na adoção de cotas para pessoas com deficiência e para pessoas autodeclaradas pretas, pardas ou indígenas. Além disso, a Universidade passou a adotar o argumento de inclusão regional, voltado para estudantes que cursaram ensino fundamental e médio em escolas do Rio Grande do Norte.

Buscando garantir formas de apoio à permanência do estudante em condição de vulnerabilidade social e econômica no ensino superior, durante a gestão Pedro Fernandes, foi

instituída a política de Assistência |Estudantil da Uern, que culminou na criação da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (Prae). A expansão das residências universitárias para os campi avançados; a instalação de Restaurantes Populares nos campi de Mossoró e Patu; a ampliação no número de bolsas de estágio não-obrigatório e a criação do auxílio inclusão digital são exemplos das ações voltadas para a assistência estudantil no âmbito da Uern.

A Uern também ampliou suas ações inclusivas. Foram realizadas obras de acessibilidade e disponibilizado apoio multiprofissional a estudantes e servidores com necessidades especiais. A adoção do nome social, antes mesmo da conquista da garantia deste direito por lei, foi outro marco inclusivo da Uern, que deixou claro o protagonismo da universidade. Foi na Uern que surgiu também o primeiro ambulatório LGBTT+ do Rio Grande do Norte.

Nos oito anos da gestão Pedro Fernandes, a Uern enfrentou uma grave crise econômica e política em nível nacional e estadual. Não raramente, a Universidade passou a receber ataques de membros da classe política da capital do Estado, questionamentos sobre a manutenção de uma universidade estadual e até mesmo sugestões de privatização da Uern. Observou-se um boicote à Uern, que culminou na falta de recursos para a rubrica investimento.

Buscando contornar a falta de recursos, o reitor buscou alternativas para o problema, implantando a política de austeridade que possibilitou a racionalização das despesas e redução de gastos. Outra medida eficiente foi a captação de verbas federais, através de emendas parlamentares, convênios e projetos. Neste período, a Uern conseguiu captar R\$ 60

milhões de recursos federais, que foram direcionados a obras estruturantes e aquisição de equipamentos para os seis campi da Instituição. Embora a execução dos recursos federais seja lenta e burocrática, a Uern conseguiu executar grande parte desses recursos, tornando-se referência na execução de emendas parlamentares. Para conseguir aprovação de convênios como esses, a universidade passou a contar com uma equipe técnica especializada na elaboração de projetos.

Durante a gestão Pedro Fernandes observou-se também a ampliação do patrimônio da universidade. Espaços que não eram legalizados passaram a fazer parte da instituição de fato e de direito, como o prédio onde funciona o Campus de Patu e o Clube Aceu, em Mossoró, que hoje possuem escritura em nome da universidade e estão aptos a receber recursos públicos para a sua revitalização. Além disso, novos espaços foram incorporados ao patrimônio da Uern, como o prédio onde funcionou o Fórum Estadual Des. Silveira Martins e os ambulatórios do curso de Medicina, ambos em Mossoró, e a sede do Campus de Caicó, que até então funcionava em uma ala cedida do CAIC da cidade.

Além da busca pela documentação das estruturas, durante a gestão Pedro Fernandes, a Uern iniciou um processo de atualização dos documentos institucionais. A atualização do Estatuto da Uern, documento que norteia toda a Universidade, foi concluída, após uma discussão que durou mais de 10 anos. A Uern conquistou seu recredenciamento junto ao Conselho Estadual de Educação. Todos os cursos da instituição foram reconhecidos ou tiveram o reconhecimento renovado.

Pautas históricas da comunidade acadêmica foram destravadas. O voto na Universidade, seja para reitor e vice

ou para diretores ou chefes de departamento, passou a ser paritário. Ou seja, o voto das categorias docente, discente e técnico administrativo passaram a ter o mesmo peso nas eleições no âmbito da Uern. Até então, o peso do voto da categoria docente correspondia a 70% e as demais categorias, 15% cada.

A gestão Pedro Fernandes foi marcada também pelo concurso público de 2016 e o incentivo à capacitação dos servidores. A universidade passou a contar com um corpo docente com mais de 90% com capacitação em nível de mestrado ou doutorado, sendo formado, em sua maioria, por profissionais com doutorado. Mais de 80% dos professores também conquistaram o adicional por dedicação exclusiva.

Entre os técnicos administrativos, observou-se o início da política de incentivo à capacitação, que resultou em um corpo técnico composto por mais de 90% dos profissionais com pós-graduação lato sensu, e o aumento considerável no número de servidores técnicos buscando cursos de mestrado.

A oferta dos programas de pós-graduação pela própria universidade foi outro fator que influenciou esse salto de qualidade na formação dos servidores. Até 2007, a Uern não ofertava cursos de pós-graduação stricto sensu. Ao fim do seu mandato, eram 22 cursos de mestrado e 04 de doutorado, além de 03 residências na área da saúde.

A Uern passou a se destacar na oferta de pós-graduação no interior do Rio Grande do Norte, com cursos de mestrado sediados nos municípios de Mossoró, Pau dos Ferros, Assú e Caicó, e um curso de doutorado em Pau dos Ferros.

Na graduação, além do reconhecimento de todos os cursos da Universidade, os avanços foram sentidos nos indicadores de qualidade da Universidade. Vários cursos da Uern passaram a receber os mais altos conceitos em avaliações externas, como o Enade, Selo OAB Recomenda, Guia de Estudantes, entre outros.

Outro avanço significativo observado na gestão Pedro Fernandes foi a desburocratização, modernização e sistematização dos processos administrativos. A Universidade, que está presente em seis municípios do Rio Grande do Norte, passou a se comunicar através de sistemas, otimizando os processos e gerando maior eficiência, transparência e economicidade.

Entre os objetivos traçados no início de sua gestão, o reitor não conseguiu efetivar a sonhada autonomia financeira da Universidade, uma luta constante durante seus dois mandatos. Ainda assim, não se pode desconsiderar todo o trabalho de articulação política do reitor Pedro Fernandes, e mais recentemente da vice-reitora e reitora em exercício de março de 2020 a setembro de 2021, Fátima Raquel, e sua equipe para a efetivação dessa pauta, que foi concretizada no início da gestão da professora Cicília Maia e do professor Chico Dantas, em dezembro de 2021.

As contribuições da Uern para o desenvolvimento do Rio Grande do Norte são imensuráveis. A Universidade é comprovadamente responsável pela formação de aproximadamente 90% dos professores da educação básica que atuam no interior do Estado. É responsável pela formação de profissionais de diversas áreas, especialmente na área da saúde, que atuaram na linha de frente da pandemia de

Covid-19. Além disso, realiza ações de pesquisa e extensão em todo o Estado.

Durante sua gestão, o reitor Pedro Fernandes respondeu às críticas e ataques feitos à Uern ressaltando as contribuições da instituição para o Rio Grande do Norte e apresentando a instituição como o maior patrimônio do Estado do Rio Grande do Norte.



CAPÍTULO I:



DISCURSOS

45ª Assembleia Universitária da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Discurso do Magnífico Reitor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pedro Fernandes Ribeiro Neto

Estamos assumindo o cargo de Reitor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, feliz e motivado. Somos vinculados à Uern, profissionalmente, desde abril de 1998, com uma vida que se confunde com a da Instituição, pois nascemos em Mossoró, vivemos da educação e sempre superamos as dificuldades que nos surgem. Somos a terceira geração de uma família que aqui presta serviços, pois meu avô, Pedro Fernandes Ribeiro, era o vice-presidente do Conselho Curador, quando se deu a aquisição do terreno em que hoje é o Campus Central. Meu pai, Paulo Fernandes, e sua irmã, Joana D'Arc, hoje são professores aposentados. Minha mãe, Mary Ester, minha esposa, Yáskara, e meu irmão, Aldo, são formados nessa Instituição, de que minha irmã, Isabelle, é docente. Temos tudo, portanto, para arriscar que, por aqui, meus filhos também passarão.

Sentimo-nos extremamente honrado pela distinção que recebemos da comunidade universitária, homologada pelo Conselho Universitário e confirmada pela Exma. Sra. Governadora do Estado, Dra. Rosalba Ciarlini, para conduzirmos esta instituição pelos próximos quatro anos.

Conforta-nos saber que, para responder aos grandes desafios na condução da Uern, poderemos contar com o apoio

dedicado, a competência e a solidariedade, em todas as horas, do Professor Aldo Gondim Fernandes, que ora assume o cargo de vice-reitor.

Conforta-nos, ainda, a confiança que temos na equipe de trabalho que está assumindo, conosco o reitorado. A todos os que aceitaram o convite, nossos sinceros agradecimentos.

Dizemo-lhes, neste momento, que jamais se deixem duvidar de nossa lealdade pessoal e institucional, e manifestamos a certeza de que receberemos o mesmo gesto de cada um.

A Uern de hoje foi criada por via do decreto de Lei Municipal nº 20/68, assinado, em 28 de setembro de 1968, portanto há 45 anos, pelo então prefeito Raimundo Soares, que transformou a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica – FUNCITEC – em Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte – FURRN. Dentre outras providências importantes, destaca o Artigo 2º, da referida lei.

“A Universidade Regional do Rio Grande do Norte gozará de autonomia administrativa, financeira, didática e disciplinar...”

Fruto da fusão das faculdades de Ciências Econômicas, de Serviço Social, de Filosofia, Ciências e Letras e da Escola Superior de Enfermagem, a então URRN seria mantida pelo repasse de recursos pertinente ao Município de Mossoró e de rendas oriundas das taxas escolares.

Importante destacar que, no ano de 1968, vivíamos em pleno regime militar e ocorreu a regulamentação da reforma universitária pela Lei Federal nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, que fixou normas de organização e funcionamento

do ensino superior. Dois fatos que certamente influenciaram nossa Instituição.

Neste sentido, creio ser nosso dever, nestas primeiras palavras como reitor, realçar a compreensão de que a Universidade é uma obra de construção coletiva, cujo sucesso depende do trabalho, da dedicação e da competência de cada um. A Uern que temos resulta, pois, do que fizeram aqueles que nos antecederam, moldando uma instituição compromissada, ao mesmo tempo, com a excelência acadêmica e com o seu papel social. Uma instituição com raízes no interior de nosso estado, com ações voltadas para o Brasil e para o Mundo, consciente de seu tempo e de seu lugar.

Recordando aqueles que nos antecederam, cumpre-nos homenagear, com gratidão, o trabalho de todos os ex-reitores, em nome do Professor João Batista Cascudo Rodrigues, primeiro reitor e grande idealizador da maior obra que já surgiu em Mossoró; do Professor Walter Fonseca, em cuja gestão nos inserimos na vida acadêmica, sendo efetivado e pós-graduado, níveis mestrado e doutorado, como oriundo da política de capacitação que ora tinha sido implantada; e, por fim, do Professor Milton Marques, que nos abriu portas à vida acadêmico-administrativa, como homem de visão, e em sua gestão fomos chefe do departamento de pós-graduação e pró-reitor de pesquisa e pós-graduação.

Aos 45 anos, a Uern é uma instituição jovem, se comparada às quase milenares universidades do Velho Mundo. É uma universidade que vem se desenvolvendo com muitas dificuldades. Mesmo assim, os resultados que vem obtendo nos mais diferentes processos de avaliação a que é submetida,

são expressivos, sempre figurando na relação das instituições de melhor desempenho.

Podemos compreender o processo de institucionalização da nossa universidade em cinco fases:

Aprimeira, denominamos de FASE DAMUNICIPALIZAÇÃO, de 1968 a 1974, que dotou a instituição de uma relativa autonomia para buscar, numa perspectiva desenvolvimentista, a expansão do ensino superior a outras cidades do interior do estado. Destacam-se as experiências iniciais ocorridas com o ensino, e ações extensionistas voltadas para projetos de desenvolvimento dos vales do Apodi e do Açu.

A segunda fase, denominamos de FASE DA REGIONALIZAÇÃO, de 1974 a 1987, na qual a Instituição começou a materializar os seus ideais expansionistas, construindo os campi de Açu (1974), de Pau dos Ferros (1976) e de Patu (1980). Nesse período, destaca-se a fundação do sindicato dos docentes, Aduern, em 1980, e a dos técnicos administrativos, Sintauern, em 1985.

Nesta fase, o ensino era desenvolvido de forma precária, com ações pontuais de extensão, e a pesquisa era muito incipiente. Como não existia vida acadêmica nem políticas de fortalecimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão, começava a brotar um período muito crítico para a nossa instituição, marcado por incertezas, pela angústia dos docentes e técnicos-administrativos com seus salários atrasados e defasados.

Tudo isto incidiu diretamente na qualidade do ensino, que ficava aquém das exigências mínimas requeridas por uma

Universidade. O agravamento dessas dificuldades resultou numa longa discussão no seio da comunidade universitária, e que culminou na elaboração do PROJETO EMERGÊNCIA, em 1985. Tal Projeto envolveu lideranças políticas das esferas municipal, estadual e federal, conquistando, nesta primeira etapa, recursos necessários para manter a universidade durante seis meses. A segunda etapa do projeto buscava a federalização da Uern, a anexação à Esam (atual Ufersa) ou a sua estadualização.

Para tanto, foi articulada uma reunião, em Brasília, com o então Ministro da Educação, Marco Maciel, as lideranças políticas do RN e a coordenação do Projeto Emergência. Após ampla discussão, foi acordado o repasse das parcelas de contribuição do Governo Federal, conforme sugerido no Projeto e descartada a possibilidade de Federalização ou anexação à ESAM, restando, assim, encampar a luta em favor da Estadualização.

Em 1987, por via da Lei nº 5.546, o então Governador Radir Pereira estadualizou a FURRN, dando início ao que chamamos de FASE DA ESTADUALIZAÇÃO, ou seja, a terceira, compreendida de 1987 a 2000, e que significou uma conquista dos segmentos universitários, sobretudo da comunidade oestana. Registrou-se, num primeiro momento, a ampliação das relações democráticas no interior da universidade, culminando na aprovação do Estatuto da Uern, em 1988. A estadualização constituiu-se, nesse contexto, uma conquista da autonomia política.

Indubitavelmente, foi um período de profundas mudanças no regime de trabalho dos professores, com a criação de

um plano de cargos e salários e estabelecimento de carga horária semanal de trabalho, pondo fim à sofrível sina do professor horista. As contratações passaram a ocorrer por meio de concurso público, com os servidores passando a ser regidos pelo Regime Jurídico Único dos Servidores Públicos Estaduais. Daí incrementou-se a formação do corpo docente, com a realização de cursos de Especialização e a participação em mestrados e doutorados; estruturaram-se núcleos de pesquisa e de pós-graduação, como por exemplo, o Cemad e o Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente, os quais abriram perspectivas para a viabilização de outros programas e a consolidação das atividades acadêmicas.

Tais conquistas culminaram no reconhecimento da Uern, como universidade, pelo Ministério da Educação, formalizada pela Portaria nº 874, de 17 de junho de 1993, conferindo-lhe maior identidade, dignidade e credibilidade. À quarta fase (2000 a 2013), denominamos de FASE DA CONSOLIDAÇÃO, que corresponde ao aprofundamento do processo de institucionalização e consolidação da Universidade como ambiente de produção do conhecimento, de formação do pensamento crítico e de organização e articulação de saberes na constituição de cidadãos, profissionais e lideranças intelectuais.

Este período caracteriza-se pela expansão da universidade, mercê da criação e implantação de dois campi, Natal (2002) e Caicó (2005), da Faculdade de Ciências da Saúde – FACS, em Mossoró, e de 11 núcleos de ensino superior.

Quanto à Pesquisa e à Pós-Graduação, destacam-se a regulamentação dos grupos de pesquisa, a sistematização

da iniciação científica nacional e internacional, da produção bibliográfica, a contínua captação de recursos, a criação dos cursos *stricto-sensu* e o estabelecimento de parcerias com agências de fomento, e ainda com reconhecidas instituições para oferta de Dinter e Minter, dando um novo formato à política de capacitação dos servidores: de qualidade, mais ágil e mais econômica.

Esta fase caracteriza-se, ainda, pelo aprofundamento das relações democráticas no interior da Uern, com o estabelecimento de diálogos com os segmentos da comunidade universitária e suas entidades representativas (Aduern, Sintauern e DCE), a valorização e funcionamento regular dos colegiados acadêmicos e administrativos (CONSEPE, CONSUNI, Conselho Diretor e Conselho Curador) e a formalização das relações institucionais com a estruturação de uma legislação universitária consistente, no que merecem destaque os esforços despendidos com a Estatuinte em 2010.

Podemos afirmar que, nos últimos treze anos, a Uern teve avanços significativos em suas ações acadêmicas, na oferta de programas formativos, de cursos de graduação e de pós-graduação *stricto-sensu*, e que institucionalizou ações transversais, como a internacionalização, inclusão, ensino a distância, informatização, sustentabilidade; atualizando e aplicando os seus documentos legais/normativos. Sobretudo, evoluiu na captação, capacitação e fixação de seus servidores. Não obstante isso, ainda restam muitos desafios e demandas a serem superados.

Com a incumbência de vencermos esses desafios, identificamos, portanto, uma nova fase, a quinta, que nos

permitimos denominar de FASE DA AUTONOMIA PLENA. Importante registrar que a Uern é membro da Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais – Abruem, que congrega 42 Instituições de Ensino Superior, estaduais ou municipais, portanto públicas e não federais, presentes em 22 estados brasileiros, com 740 mil alunos regularmente matriculados, isto em 2011, o que representa 42% das matrículas no ensino superior público. Em 2008, éramos 55%. Enfatizando, ainda mais, a importância das IES Estaduais, trazemos o Plano Nacional de Educação – PNE, 2011-2020, que estabelece em sua Meta 12: Elevar a taxa bruta de matrícula na educação superior pública para 50%. O cumprimento dessa meta tem sido algo difícil, pois o que temos identificado, a partir do ano de 2008, é uma migração de alunos das IES estaduais e municipais para as federais, ficando, assim, estável a taxa bruta de matrícula em 26% na educação superior pública.

De modo que, a bandeira que hastearemos, a esta altura, será a de inclusão das Universidades Estaduais e Municipais nas políticas de financiamento do governo federal, e é por isso que denominamos esta fase de autonomia plena e não de federalização.

Todos hão de convir que o valor e a não regularidade do repasse mensal de custeio e investimento pelo Governo do Estado, mantenedor da Uern, é incompatível, e inconcebível, com as necessidades de uma instituição do nosso porte, com aproximadamente 12 mil alunos regularmente matriculados.

Cabe ressaltar que 94% dessas matrículas são no interior do estado, e 70% realizadas por alunos oriundos da educação básica pública.

A Uern está presente em 17 municípios, com a oferta de 80 cursos de graduação, 94% dos quais no interior, com 14 cursos de mestrado e 4 de doutorado, incluindo MINTER e DINTER, todos no interior. Apresenta ainda um quadro funcional de 1.475 servidores entre professores e técnicos administrativos ativos. Destes, 93% estão lotados no interior, com 75% dos docentes, doutores ou mestres.

Aqui, referenciamos mais uma vez o PNE 2011-2020, que define como uma estratégia “otimizar a capacidade instalada da estrutura física e de recursos humanos das instituições públicas de educação superior mediante ações planejadas e coordenadas, de forma a ampliar e interiorizar o acesso à graduação.”

A Uern expandiu-se, interiorizou-se, cresceu, chegou à Capital e, no desempenho do seu papel, requer mais investimentos, servidores e custeio. Os espaços físicos, por exemplo, já não comportam a demanda atual. Não há como se conceber a Uern de hoje, com a estrutura física e espaço que davam suporte as suas atividades nas décadas de 70/80. Os ambientes construídos, desde então, para o desenvolvimento de atividades acadêmicas e administrativas acham-se muito aquém das demandas atuais. Daí que precisamos, urgentemente, de estruturas que garantam a permanência dos docentes, técnicos e, em especial, dos alunos, nos campi universitários, com a construção de residências e restaurantes universitários; de núcleos de língua e de prática

jurídica; espaços próprios para ambulatórios, conservatórios, práticas desportivas, enfim, urbanização dos campi. Assim, observamos que, mesmo com as obras atuais, ora paralisadas, por falta de aportes financeiros, ainda faltam condições infra-estruturais para um digno funcionamento.

Em todo o caso, tenha-se a certeza de que buscaremos, incansavelmente, parcerias com os governos federal, estadual e municipal; com os organismos de fomento, tais como Capes, CNPQ, Finep, Fapern e com instituições privadas, para a captação de recursos que possam ampliar e consolidar nosso capital, sobretudo que subsidiem demandas especializadas para a prestação de serviços à comunidade e à transformação do saber em conhecimento útil à sociedade.

Para responder aos novos desafios e demandas decorrentes da expansão e consolidação de nossa universidade, necessitamos de mais concursos públicos, de modo a assegurar condições dignas de trabalho, de salário e de acesso à capacitação que possibilitem a participação efetiva na consolidação de um novo projeto de universidade.

As dificuldades orçamentárias e financeiras vivenciadas pela Uern desde o processo de estadualização, têm revelado que o enfrentamento dessas dificuldades não pode prescindir da luta por uma Universidade que goze de autonomia administrativa, financeira, didática e disciplinar, como descrito no artigo 2º, da lei municipal 20/68. O que resumidamente chamaremos de Autonomia Plena. A autonomia plena deve ser um atributo da universidade. Conforme afirma o Prof. Antônio Carlos Bernardes, ela é “absolutamente necessária para a liberdade de pensamento, para o desenvolvimento do ensino, da ciência

e de uma cultura não atrelada à ideologia ou ao sistema de governo dominante” (BERNARDES, s/d,69).

Ampliando esta perspectiva, Florestam Fernandes enfatiza que: “Não há autonomia administrativa, didático-pedagógica sem autonomia financeira (...). Não há autonomia sem recursos, não há autonomia sem dinheiro”. (FERNANDES,s/d,63)

Nesta dimensão, a autonomia plena é nosso nó górdio; centro da luta de todos. Luta da administração superior, juntamente com os segmentos universitários Aduern, Sintauern e DCE, da sociedade civil, através de um constante diálogo com o Governo do Estado e a Assembleia Legislativa. Isto requer debates constantes e intensos, gestão participativa e transparente, notadamente, uma postura de firmeza, competência administrativa, sob o compromisso ético e político que preserve a instituição da ingerência de entes alheios aos seus propósitos. Da parte da comunidade universitária, um compromisso com a construção de um novo projeto para Uern, fundado no fortalecimento de suas dimensões pública, gratuita, crítica e de qualidade.

A conquista da autonomia plena, incluindo a financeira, ao contrário do que se possa supor, transcende as preocupações de ordem eminentemente financeiras, e remete à (re)estruturação de um projeto de universidade que, em sua essência, suscite uma reforma administrativa, estrutural e funcional. Neste sentido, é imprescindível que haja uma revisão do seu estatuto e demais documentos legais que regulam seus atos administrativos e sua funcionalidade.

Entre outros desafios e prioridades, destacamos a internacionalização das atividades acadêmicas, a expansão

das ações inclusivas, a informatização dos processos institucionais, a promoção da sustentabilidade socioambiental, a estruturação do ensino a distância, o foco na política de apoio aos discentes, com a implantação de uma pró-reitoria de assuntos estudantis e a (re)definição de uma política de interiorização e expansão, a partir da avaliação dos campi e núcleos. Este último tem-se evidenciado como um dos maiores desafios enfrentados pela instituição, exigindo-lhe a (re)definição do seu papel social e a capacidade de inserção e promoção do desenvolvimento humano no contexto em que se insere.

Neste sentido, repensar a expansão requer mais do que a vontade pessoal do gestor e das lideranças políticas locais, exige responsabilidade e planejamento institucional, estudo de demanda e/ou potencialidades locais e/ou oportunidades, além de condições de funcionamento para a efetivação das atividades acadêmicas, a fim de que se possa proporcionar, aos nossos alunos, uma formação consistente, compatível com suas necessidades formativas.

Considerando que as instituições públicas como UFRN, Ufersa e IFRN têm-se expandido nos últimos anos, a oferta de cursos e vagas deixou de ser algo individual e, de forma articulada e planejada, estas instituições, incluindo a Uern, têm discutido tal expansão, de forma inédita no Brasil, para que haja um melhor atendimento às demandas existentes, em detrimento de uma suposta sobreposição de ações. Tal ação originou, em 2012, o fórum de expansão do ensino, superior ou técnico, público do Rio Grande do Norte.

Aproveitamos, assim, para nos apresentar, aos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, das esferas federal, estadual e municipal, à sociedade norte-rio-grandense, e às instituições privadas, disponibilizando o nosso potencial intelectual instalado, para a elaboração e execução de projetos que busquem o desenvolvimento do RN.

Rumo à Universidade para o Futuro. O futuro não é uma utopia que se constrói com sonhos, idealizações ou ações isoladas. É um tempo que só pode acontecer se o presente for o alicerce que o sustentará. O novo não surge do nada. O presente tem uma história; o futuro é o hoje que ainda não aconteceu. Portanto, o futuro é uma construção coletiva, assim como será coletiva a realização das propostas que apresentamos em nossa campanha e que transformamos em nosso plano de gestão.

Considerando nossa realidade presente, nosso dia a dia, empenharemos nossos esforços, físicos, intelectuais, afetivos e subjetivos, em ver acontecer aquilo que deve ser: o futuro; o futuro que nos anima, que nos faz caminhar, que não nos deixa acomodar.

É com essa força que reiteramos nossa absoluta disposição para o diálogo, no firme compromisso com a valorização do ser-humano. Convidamos, assim, os três segmentos da Uern, professores, alunos e técnicos-administrativos, através de suas entidades representativas, para o debate e o diálogo em torno dos megatemas que nos desafiam, entre estes, a autonomia financeira, a paridade e o novo estatuto.

Daí vem que, conclamamos, neste momento, toda a sociedade civil organizada para a luta imediata em favor das condições

financeiras e materiais que venham a suprir as dificuldades impostas ao avanço da universidade.

Queremos aqui agradecer à governadora do Estado, chanceler da nossa Universidade, Sra Rosalba Ciarlini, por estar dialogando conosco, deixando-nos cientes da profícua parceria que faremos.

Agradecemos ao ministro da Previdência Social, senador Garibaldi Alves Filho, que nos tem sempre apresentado oportunidades, demonstrando seu espírito público e, em especial, sua atenção a nossas causas.

Agradecemos ao presidente da Câmara dos Deputados, deputado Henrique Eduardo Alves, por ter acatado nossas demandas e desencadeado soluções que serão determinantes para a consolidação da Educação Superior.

Externamos nossos agradecimentos à deputada Fátima Bezerra, que, de forma profissional e carinhosa, tem-nos recebido na capital federal, acompanhado-nos na busca por recursos para Uern.

Agradecemos a atenção da deputada Sandra Rosado por indicar, ano após ano, emendas para nossa Instituição. A mais recente proporcionará à Uern um laboratório de inclusão digital.

Agradecemos ao deputado Betinho Rosado por ter destinado mais de um milhão de reais para compra de equipamentos, recursos que já estão em conta. Por gratidão, registramos, mais uma vez, o nome da deputada Fátima Bezerra, por ter ido conosco ao FNDE e ao MEC dando celeridade à liberação desse montante.

Ao deputado Fábio Farias, com a indicação de emendas de bancada, durante dois anos seguidos; ao deputado João Maia, coordenador da bancada federal, ao deputado Felipe Maia, ao deputado Paulo Wagner, aos senadores José Agripino, Garibaldi Alves e Paulo Davim afirmamos aqui a certeza de um trabalho articulado em prol da Uern.

Aos deputados estaduais, manifestamos nossa plena confiança na sensibilidade de cada um, com a convicção de que, juntos, poderemos assegurar o crescimento da nossa Uern, promovendo o desenvolvimento de nosso estado, com a formação de recursos humanos de alto nível. Agradecemos às prefeituras e às câmaras municipais das cidades onde a Uern está inserida, direta ou indiretamente, pelas importantes parcerias e apoio.

Registramos com enorme satisfação a atenção especial que o Poder Judiciário, em nome do presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Aderson Silvino, vem demonstrando com a nossa Instituição, na celebração de convênios.

Enfim, externo minha gratidão especial ao Prof. Milton Marques de Medeiros.

Deixei para o final o mais fácil e ao mesmo tempo o mais difícil. Mais fácil, porque falarei com o coração e com a alma. Mais difícil, porque seguramente me emocionarei.

Filho mais novo que sou, saí de casa aos 14 anos para estudar o ensino médio, culminando no ingresso na Universidade Estadual do Ceará, onde recebi o grau de bacharel em Ciência da Computação. Naquela época, quase não existiam bolsas de ensino, pesquisa ou extensão; então aos 17 anos comecei a estagiar, e aos 20 anos consegui meu primeiro emprego

formal. Mas, desde cedo, descobri uma vocação para o magistério e a gestão pública, e me submeti ao concurso público para a Uern. Imbuído de um espírito de luta, pensava, pela dura, mas estimulante vida de professor, pesquisador e gestor universitário.

Como disse Ortega y Gasset, o homem é o homem e suas circunstâncias, e eu diria, a partir daí, que o homem é o homem e suas escolhas. Escolhas que, para o bem ou para o mal, fazem de nós o que somos. Escolhas pessoais e profissionais, acadêmicas e afetivas, elas moldaram o homem que sou.

Quero mencionar, com absoluta solidariedade e com grande alegria, os meus pais, Paulo Fernandes e Mary Ester, esses incansáveis lutadores que jamais se renderam aos obstáculos e adversidades da vida, dando diariamente a seus filhos a lição de superação, coragem e de luta, na perseguição dos objetivos sociais e profissionais, legando-nos uma preciosa e segura orientação de vida.

Agradeço a Yáskara, minha esposa há 17 anos, que, com sua amizade e solidariedade, me deu ânimo, sempre, para não desistir de minha caminhada, para satisfação dos meus objetivos profissionais; aos nossos filhos Yasmin, Yngrid e Pedro Filho: Vocês, juntamente com o mais novo irmão, são e serão o esteio pessoal e emocional do meu cotidiano. Com vocês compartilharei as alegrias e as agruras da função que ora assumo.

Meus agradecimentos aos familiares, amigos, colegas de trabalho e às muitas pessoas que me ajudaram nessa travessia.

Por tudo isso, posso dizer que sou um privilegiado.

Carlos Drummond de Andrade disse: “tenho duas mãos e o sentimento do mundo”. Eu digo: “tenho duas mãos e o sentimento da Uern”.

Agradeço a Deus por me permitir aqui estar; agradeço a Deus por me permitir aqui falar; agradeço a Deus por me permitir aqui ser. E peço a Deus que continue me fazendo seu seguidor.

O futuro começa aqui e agora!!

Muito obrigado.

46ª Assembleia Universitária da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Discurso do Magnífico Reitor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pedro Fernandes Ribeiro Neto

Nós sabemos que Educação gera desenvolvimento: isso é senso comum. E Paulo Freire já dizia que “há bom senso também no senso comum”.

José Murari Bovo, professor e pesquisador de economia, afirma, no livro “Impactos econômicos e financeiros da UNESP para os municípios”, que a implantação de uma universidade pública eleva em cerca de 30% a receita fiscal dos municípios do interior.

Na Conferência Mundial sobre o Ensino Superior, realizada em Paris, em 1998, já se preconizava que “sem uma educação superior e sem instituições de pesquisa adequadas que formem a massa crítica de pessoas qualificadas e cultas, nenhum país pode assegurar um desenvolvimento endógeno genuíno e sustentável e nem reduzir a disparidade que separa os países pobres e em desenvolvimento dos países desenvolvidos.”

No documento de 2009, dessa conferência, define-se que: “Nunca na história foi tão importante investir na educação superior como força maior na construção de uma sociedade inclusiva e de conhecimento diversificado, além de avançar em pesquisa, inovação e criatividade.”

No Plano Nacional de Educação – PNE, estabelecido pela

Lei Nº. 10.172, de 9 de Janeiro de 2001, encontramos que: “As Instituições de Ensino Superior têm muito a fazer, no conjunto dos esforços nacionais, para colocar o País à altura das exigências e desafios do século 21, encontrando a solução para os problemas atuais, em todos os campos da vida e da atividade humana e abrindo um horizonte para um futuro melhor para a sociedade brasileira, reduzindo as desigualdades.”

Pois bem, Senhoras e Senhores, todas estas citações servem para mostrar que a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte tem sua missão respaldada no melhor pensamento contemporâneo que relaciona educação e desenvolvimento.

Temos ainda a compreensão que a educação superior deve andar de mãos dadas com a Educação Básica, pois o que dizer de uma educação superior sem alunos bem formados na educação básica e o que dizer da educação básica sem professores bem formados na educação superior?

No Plano Nacional de Educação – PNE, estabelecido pela Lei Nº. 13.005, de 25 de Junho de 2014, com vigência de 10 anos, são definidas metas e estratégias.

Na estratégia 12.1 tem-se: “otimizar a capacidade instalada da estrutura física e de recursos humanos das instituições públicas de educação superior, de forma a ampliar e interiorizar o acesso à graduação.”

Na estratégia 12.4 tem-se: “fomentar a educação superior pública e gratuita prioritariamente para a formação de professores e professoras para a educação básica, sobretudo nas áreas de ciências e matemática, bem como atender o

déficit de profissionais em áreas específicas.”

E a meta 16 é: “formar, em nível de pós-graduação, 50% dos professores da educação básica, até 2024, e garantir a todos e todas, profissionais da educação básica, formação continuada em sua área de atuação.

Dessa forma, podemos assegurar que a Uern tem sua missão não somente respaldada, como também reforçada.

Nossa instituição, presente hoje em todas as regiões do estado, assegura o acesso à graduação a pessoas que nunca estudaram numa escola particular, bem como a pessoas com necessidades especiais. São mais de 40 opções de cursos de licenciaturas e 11 de mestrado, em todas as áreas do conhecimento, oportunizando o interior do RN. Além dos cursos regulares para formação de professores, devemos destacar o maior Plano Nacional de Formação de Professores – PARFOR/CAPES/MEC –, que oferta a primeira licenciatura para professores na Educação básica e a segunda Licenciatura àqueles que atuam fora da sua área de formação específica, bem como o maior programa institucional de bolsas de iniciação a docência – PIBID/CAPES/MEC –, que já insere o aluno no seu campo de trabalho.

Neste sentido, é nossa obrigação agradecer e parabenizar os que nos antecederam, pois moldaram uma instituição compromissada, ao mesmo tempo, com a excelência acadêmica e com o seu papel social. Uma instituição com raízes no interior de nosso estado, com ações voltadas para o Brasil e para o Mundo, consciente de seu tempo e de seu lugar.

Optamos por iniciar a nossa fala, nesse momento tão grandioso, transmitindo a mensagem de que a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte é hoje o ente mais importante que temos em nosso estado a favor da Educação Básica, pois formamos e capacitamos professores, ampliando e interiorizando a graduação e pós-graduação.

Em nosso discurso de posse, há um ano, definimos a Uern em cinco fases: FASE DA MUNICIPALIZAÇÃO, de 1968 a 1974; FASE DA REGIONALIZAÇÃO, de 1974 a 1987; FASE DA ESTADUALIZAÇÃO, de 1987 a 2000; FASE DA CONSOLIDAÇÃO, de 2000 a 2013; e FASE DA AUTONOMIA PLENA, de 2013 aos dias atuais.

E porque denominar autonomia plena se desde a sua criação, em 28 de setembro de 1968, por via do decreto de Lei Municipal nº 20/68, assinado pelo então prefeito Raimundo Soares, definia no Artigo 2º, que “A Universidade Regional do Rio Grande do Norte gozará de autonomia administrativa, financeira, didática e disciplinar...”.

Isso já não seria a autonomia plena? Pois bem, todos os anos, mais especificamente, no mês de setembro, via de regra, submetemos ao poder executivo estadual, mantenedor da FUern, o orçamento para o ano seguinte, divididos em basicamente três rubricas: custeio, investimento e pessoal. Em seguida, este orçamento é submetido ao legislativo estadual e então aprovado. Todavia, o orçamento aprovado não assegura o financeiro. Então ficamos mês após mês, buscando o repasse do financeiro para o cumprimento do orçamento. Para qualquer instituição, tal modelo impede um planejamento de curto, médio e longo prazo. Até mesmo porque, como

essa situação acontece desde a estadualização, a rubrica de investimento, por exemplo, encontra-se totalmente defasada, uma vez que os anos se passaram e como o financeiro não é repassado, o orçamento vem diminuindo a cada ano.

A conquista da autonomia plena transcende as preocupações de ordem eminentemente financeiras, e remete à (re) estruturação de um projeto de universidade em busca de um modelo adequado que suscite uma reforma administrativa, estrutural e funcional.

Neste sentido, intensificamos um diálogo constante com os segmentos acadêmicos, docentes, discentes e técnicos administrativos, com os fóruns de diretores e de chefes de departamento e com os conselhos consultivos e deliberativos. Invocamos os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, das esferas federal, estadual e municipal, invocamos a sociedade norte-rio-grandense, o Ministério Público, a Imprensa, e participamos efetiva e ativamente das discussões na Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais – ABRUEM.

Destacamos a interação com o Conselho Estadual de Educação – CEE, que juntamente com a Secretaria Estadual de Educação, vem discutindo uma forma de autonomia e também desenvolvendo um trabalho intenso para o reconhecimento e renovação de reconhecimento dos cursos de graduação. Em 8 meses submetemos 33 Projetos Pedagógicos de Cursos, de um total de 42. Não víamos como avançar, pensar em autonomia plena, sem essa apreciação. Faço questão de citar, pois sem dúvida alguma esse foi o trabalho mais árduo que tivemos nesse primeiro ano de gestão. Aqui fica nosso reconhecimento

e agradecimento ao Conselho e a cada professor, técnico e aluno que se empenhou.

Também devemos reconhecer o diálogo com o Governo do Estado que resultou na convocação de docentes e técnicos-administrativos aprovados em concursos vigentes; na participação ativa em ações do estado, como a ação extensionista capacitadas com abrangência nos 167 municípios, em parceria com a SETHAS; na capacitação dos servidores estaduais por meio de cursos de graduação e pós-graduação, em parceria com a Escola de Governo e Secretaria de Administração, e também com a SESAP. Na destinação de recursos que garantirá infraestrutura adequada para o campus de Natal e de Caicó; na indicação da Uern como a parceira para construção do Hospital Materno-Infantil, com recursos do Banco Mundial; na aquisição de um ônibus, e ainda pela indicação do diretor presidente da FAPERN.

Nesse momento, digo aqui a todos os presentes que a negociação sobre a campanha salarial está avançada e pronta para repassarmos aos presidentes da Aduern e do Sintauern para que estes encaminhem para apreciação nas assembleias.

Também, após apresentarmos ao governo do estado, o projeto de autonomia financeira resultante da comissão constituída pela portaria número 1482/2012-GR/Uern, foi elaborado um anteprojeto de lei que também será apresentado aos sindicatos para discussões.

Pactuamos com Florestam Fernandes quando diz: “Não há autonomia administrativa, didático-pedagógica sem autonomia financeira (...). Não há autonomia sem recursos,

não há autonomia sem dinheiro”. (FERNANDES, s/d, 63)

Ao mesmo tempo em que estamos discutindo os temas já citados, temos demandas que precisamos atender com certa urgência.

Já cito a política de assistência estudantil que é bastante deficitária. 70% dos nossos alunos são oriundos de escola pública, do que subentende-se que possuem um poder aquisitivo baixo; e 1% são pessoas com necessidades especiais; também é bastante comum nos depararmos com discentes de outros municípios, isso acontece em todas as unidades da Uern. Apenas esses três fatores são suficientes para termos que disponibilizar condições adequadas de alimentação, mobilidade, moradia e acessibilidade.

Apresentamos ao Governo do Estado uma proposta para que os restaurantes populares fiquem próximos de cada campus. A priori tínhamos uma dificuldade em Patú, pois o município não possui. Por questões judiciais/legais ainda não avançamos. Aqui já fica a nossa demanda ao novo Governo e nosso compromisso com a comunidade de buscarmos implementar essa solução. Também nos empenharemos que tais restaurantes funcionem à noite para servir jantar, que certamente é a nossa maior demanda.

Concomitante a essa proposta, a Uern definiu como forma de ingresso para aqueles que almejam cursar graduação em 2015, que 60% das vagas serão pelo Sistema de Seleção Unificado – SISU. Tal adesão assegurará uma captação de quase dois milhões de reais que podem ser investidos em restaurantes universitários. Importante frisar que tais recursos deverão ser liberados até 2016.

Quanto à mobilidade, em especial para aula de campo, temos conseguido avançar com a aquisição do ônibus; com uma determinação para priorização de tais aulas; e com o pagamento de ajudas de custo para alunos, além de um planejamento com os departamentos acadêmicos.

A moradia para os alunos tem sido discutida em três ações: as residências universitárias existentes, sendo cinco em Mossoró e um dormitório em Patú. Porém essa demanda, como nos repassado durante as atividades da administração itinerante, existe em todos os campi. Então estamos fazendo alguns ajustes, inclusive de adequação das residências existentes. Uma outra ação pensada, planejada e definida para o orçamento de 2015 é um auxílio moradia; e a outra é a construção e/ou locação de espaços adequados com recursos de emendas federais, ou estaduais, ou com recursos do Programa Nacional Assistência Estudantil – PNAEST.

A acessibilidade tem sido também priorizada. Em outubro de 2013, no primeiro mês da gestão PEDRO e ALDO, já tivemos a felicidade do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CONSEPE aprovar a lei assegurando 5% das vagas para pessoas com necessidades especiais. Tão logo aprovada, fomos a assembleia legislativa que, imediatamente, de uma forma pioneira, aprovou uma emenda de bancada no valor de um milhão e meio de reais. Também asseguramos com emendas federais, recursos para aquisição de equipamentos, inclusive de elevadores. Além da infraestrutura, devemos destacar a Diretoria de Apoio à inclusão que é composta por uma equipe multidisciplinar e vem fazendo todo o acompanhamento e apoio, não só dos estudantes, como também dos professores e

técnicos administrativos. Com muito orgulho a Uern tem em seu quadro docente dois professores cegos.

O órgão institucional responsável pela assistência estudantil também teve uma ampliação. Hoje temos uma diretoria, antes era um departamento. Estamos perseguindo a criação da pró-reitoria. Também devemos destacar o novo espaço para funcionamento do Diretório Central dos Estudantes e a licitação de 190 mil reais em livros com recursos de emendas e de programas formativos como o PARFOR.

Ainda, assegurando a participação efetiva e ampliada dos discentes, temos tido encontros com a diretoria do DCE e Centros Acadêmicos, e temos feito questão de receber todos os calouros, por meio do Simpósio de ambientação acadêmica. Com muita satisfação, hoje a composição do CONSEPE passou de 5 para 9 alunos, de um total de 29 conselheiros, conforme estatuto.

Quanto a nossa infraestrutura, temos muito o que nos preocupar, como também muito a falar.

Nós assumimos a Reitoria com três obras fundamentais paralisadas. AFANAT, Faculdade e Ciências Exatas e Naturais, imprescindível para o Campus Central, como descrito em ata do Fórum dos Diretores, e que oferece 6 cursos de graduação e 3 de mestrado. Para essa construção, nós apresentamos, e foi acatado, um cronograma físico financeiro ao Governo para conclusão da obra em vinte e quatro meses, ou seja, Março/2016.

O campus avançado de Natal – CAN, outra obra de extrema importância, não somente para Uern, como também para Zona

Norte da capital do estado. Essa construção foi contemplada com recursos do proinveste, empréstimo que o Governo do Estado fez ao banco do Brasil. O valor alocado foi de seis milhões e duzentos mil reais. Todavia, para liberação do recurso, uma série de documentos deveriam ser apresentados. Fizemos um esforço todo especial, e uma peregrinação entre as secretarias de estado, SIN e Seplan, empresa MK, detentora da licitação, secretarias municipais de Natal, Semurb e Semob, Corpo de Bombeiros, Caern, cartórios, até que conseguimos todos os documentos e estamos agora na fase de publicação da retomada das obras.

O campus avançado de Caicó, após várias reuniões com alunos, professores e técnicos que o compõem, ficou definido que deveria ser transferido para Escola Estadual Joaquim Apolinar, hoje desativada. Estamos no curso para essa transferência, uma vez que já temos os recursos do Proinveste, já temos a lei de doação do terreno, agora é tramitar para licitação.

Para os prédios já existentes, focamos na manutenção predial. Destacamos o trabalho realizado, pois uma recomendação do Ministério Público em agosto/2014 interditando alguns espaços do campus Central foi suspensa imediatamente após apresentarmos todos os documentos com orçamento, cronograma e empresa licitada.

Mais especificamente estamos no acabamento das salas incendiadas no ano passado e do auditório da Faculdade de Serviço Social, ambos no campus central. As Faculdades de Letras e Artes, de Enfermagem, de Educação Física, de Ciências Econômicas, de Educação, de Ciências da Saúde, e

os campi avançados de Patú e de Assú, todas essas unidades tiveram ou têm alguma reforma. Reitero que temos plena convicção da urgência dessas ações.

Destaco também o diagnóstico da rede elétrica de todos os endereços da instituição, bem como um plano corretivo e de ampliação; e a instalação da rede nacional de pesquisa – RNP que ao ser implantada multiplicaremos em vinte vezes nossa velocidade de internet.

Também ressaltamos que o orçamento de 2015 para investimento é fruto dos diálogos com os diretores das unidades acadêmicas que apresentaram as demandas, adicionadas ao plano plurianual e a nossa carta programa.

Uma grande conquista foi a liberação dos recursos para a construção da biblioteca do campus avançado Profa Maria Elisa de Albuquerque Maia, em Pau dos Ferros, fruto de um projeto ct-infra e que tem a contrapartida assegurada pelo governo do estado. Também devemos destacar a liberação para a construção do campus de Apodi. Ambas as obras já foram licitadas e estão iniciando.

Não paramos por aqui, antes de concluirmos 2013, fizemos uma proposta de plano diretor, inicialmente para o campus Central, com a projeção de fazermos em todos os campi. Após, fomos conversar com toda a bancada federal da qual obtivemos a indicação de duas emendas de bancada que totalizam 25 milhões e 7 individuais no valor total de 1 milhão e 600 mil. Estamos aguardando o empenho dessas e em seguida a liberação dos recursos.

Podemos aqui ainda citar os projetos para construção do hospital materno-infantil; da pista de atletismo com o

Ministério dos Esportes; do centro tecnológico do sal com o Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação; a doação do prédio dos ambulatórios de medicina e sua reforma com o Ministério da Saúde; a doação do terreno para ampliação do Projeto Cetáceos em Areia Branca; a doação do terreno para o novo campus em Assú; e a busca pela documentação de propriedade e então a reforma do ACEU.

Do ponto de vista de tomada de decisões, deixamos claro para os membros da nossa gestão que os cursos protagonizam e a administração apoia. Dessa forma, mais uma vez ressaltamos a importância do diálogo e para isso não temos limitado nossa comunicação a formas convencionais, pois as redes sociais têm sido bastante útil, em especial, para a interação com os segmentos, imprensa e sociedade.

Dentre as atividades de ensino, além do trabalho árduo de reconhecimento dos cursos, um momento inovador e de grande emoção tem sido a entrega dos diplomas durante a colação de grau. Naquele momento, além do ato solene, porém simbólico, de receber o grau, o bacharel e/ou licenciado recebe o diploma que concretiza sua conquista. Também merece toda atenção a ampliação de vagas do curso de medicina, em consonância com a demanda do Brasil para formação de médicos no interior; o novo espaço para prática jurídica aqui em Mossoró, fruto de um convênio com o Tribunal de Justiça do RN; a fusão do Departamento de Artes, da Faculdade de Letras e Artes, com o Conservatório de Música; o lançamento do jornal *Officina*; a campanha em prol da FM universitária e o inéditismo da Uern TV, essas e outras são atividades que propiciam a prática do estágio, portanto antecipação do exercício da profissão.

Nas atividades de pesquisa e pós-graduação, parabenizamos e agradecemos todos que se empenharam na construção de Seis propostas de mestrado, incluindo dois profissionais, e três de doutorado, todas de acordo com os requisitos nacionais. Também já temos os primeiros alunos de doutorado da Uern, com bolsa, no Programa Multicêntrico de Pós-Graduação em Bioquímica e Biologia Molecular.

Em relação às atividades de extensão, destacamos a criação de três núcleos de extensão fortalecendo institucionalmente tais ações. O Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (Nudoph), por exemplo, já firmou convênio com a Câmara Municipal de Mossoró, foi agraciado com documentos do ex-reitor Padre Sátiro e em breve deve assinar convênio com o acervo jurídico. Direcionamos os esforços no sentido de que tais núcleos disponham de espaços físicos como hoje já concebemos para os grupos de pesquisa. Pensemos em estruturas compartilhadas onde desenvolvamos atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Importante destacar o primeiro Processo Seletivo Vocacionado – na modalidade de Educação a Distância (PSV-EAD) para ingresso no curso de Letras (Licenciatura) Língua Portuguesa, a partir do semestre letivo 2015.1. Serão os alunos pioneiros nessa modalidade.

Enaltecemos ainda a criação da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado do Rio Grande do Norte – Funcintern. Importante para Uern, porém não pioneiro em nosso estado, pois todas as outras instituições públicas de ensino já dispõem de uma entidade que viabiliza a captação e gerenciamento de recursos.

Somos cientes que precisamos discutir e definir uma política de expansão, a partir da avaliação dos campi e núcleos. Este último tem-se evidenciado como um dos maiores desafios enfrentados pela instituição, exigindo-lhe a suspensão de vagas para sua regulamentação.

Neste sentido, a expansão exige responsabilidade e planejamento institucional, estudo de demanda e/ou potencialidades locais e/ou oportunidades, além de condições de funcionamento para a efetivação das atividades acadêmicas; a fim de que se possa proporcionar, aos nossos alunos, uma formação consistente, compatível com suas necessidades formativas.

Finalizo meu discurso agradecendo aos membros do Conselho Universitário por conceder homenagens a pessoas tão significantes para Uern. Nossa estimada Neuminha, nosso amigo, professor e conselheiro João Batista Xavier e ao desembargador Aderson Silvino que tem sido um incentivador e apoiador de nossa gestão.

Também agradecemos aos membros da comissão que escolheu os agraciados com a medalha da Abolição. Poder homenagear, na condição de reitor, pessoas como Canindé Queiroz, Milton Marques e Rútilo Coelho é uma honra.

Agradeço aos membros da nossa equipe e a todos que contribuem com a Uern mesmo quando criticam, pois as críticas nos ensinam.

Agradeço a Aldo Gondim, pela parceria, compreensão e empenho.

Agradeço aos ex-reitores que sempre que precisamos têm nos ajudado e nos orientado. Obrigado Milton Marques, Walter Fonseca, Nevinha, Capistrano, família de Gonzaga Chimbinho, Padre Sátiro, família de Laplace, Elder Heronildes, família de Gabriel Negreiros, Genivan Batista, Canindé Queiroz, Maria Gomes e família de João Batista Cascudo.

Agradeço aos prefeitos Fco. José Júnior, de Mossoró; Ivan Júnior, de Assú; Roberto Germano, de Caicó; Fabrício Torquato, de Pau dos Ferros; Evilazia Gildenea, de Patú; aos secretários Valter Pedro e Marcelo Toscano, de Natal, em nome dos quais agradeço ao Sr Carlos Eduardo. Também agradeço aos prefeitos Flaviano Monteiro, de Apodi, e Luana Bruno, de Areia Branca.

Agradeço aos meus pais, Paulo Fernandes e Mary Ester, pelas orações.

Agradeço pela compreensão e peço desculpas pela ausência, respectivamente, à Yáskara e aos nossos quatro filhos, Yasmin, Yngrid, Pedro Filho e Paulo Emanuel.

Peço a Deus que conforte a família de Brenna Sonaria.

PARABÉNS Uern, EU FAÇO PARTE DESSA HISTÓRIA!

Muito obrigado.

47ª Assembleia Universitária da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Discurso do Magnífico Reitor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pedro Fernandes Ribeiro Neto

O artigo duzentos e onze da Constituição da República Federativa do Brasil, do ano de mil, novecentos e oitenta e oito, define que:

A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios organizarão, em regime de colaboração, seus sistemas de ensino.

PARÁGRAFO PRIMEIRO: A União exercerá, em matéria educacional, função redistributiva e supletiva, de forma a garantir equalização de oportunidades educacionais e padrão mínimo de qualidade do ensino mediante assistência técnica e financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios;

PARÁGRAFO SEGUNDO: Os Municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental e na educação infantil.

PARÁGRAFO TERCEIRO: Os Estados e o Distrito Federal atuarão prioritariamente no ensino fundamental e médio.

Em suma, no texto constitucional, dá-se a indicação dos níveis de atuação prioritária, mas não EXCLUSIVA. Atualmente, em nosso Brasil, a melhor Instituição de Ensino Superior (IES) é a de denominação estadual, no caso, a Universidade de São

Paulo (USP), e destacam-se, no Ensino Médio, os Institutos Federais.

Menciono, ainda, a lei número nove mil trezentos e noventa e quatro, de vinte de dezembro de mil novecentos e noventa e seis, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDB).

Em seu artigo dez, cabe aos Estados, entre outras atribuições, autorizar, reconhecer, credenciar, supervisionar e avaliar, respectivamente, os cursos das instituições de educação superior, e bem assim os estabelecimentos do seu sistema de ensino.

Em seu artigo dezessete, os sistemas de ensino dos Estados e do Distrito Federal estão compreendidos, incluindo as instituições de educação superior.

Embora desnecessário, mas para enfatizar o respaldo legal da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, temos, na legislação estadual, a lei complementar Número cento e sessenta e três – organização do Poder Executivo – de cinco de fevereiro de mil novecentos e noventa e nove, na qual a Fundação Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (FURRN) é definida como instituição de caráter educacional, com suas competências. No anexo I da supracitada lei, temos a vinculação da Uern à Secretaria Estadual de Educação.

Amparado pela Constituição Federal e pela LDB, o Estado do Rio Grande do Norte não é o único a possuir, em sua estrutura organizacional, uma Universidade, e nem o mais pobre. Segundo o ranking dos estados da Federação, por Produto Interno Bruto (PIB), o Rio Grande do Norte é o DÉCIMO

OITAVO, à frente, portanto, dos estados da Paraíba, Alagoas, Piauí, Tocantins, Amapá e Roraima, todos com pelo menos uma IES estadual. Dos dezenove estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste, e só não temos universidades estaduais no Acre, Rondônia e Sergipe.

Hoje são quarenta e três universidades estaduais e duas municipais que, juntas, formam a associação brasileira dos reitores das universidades estaduais e municipais (ABRUEM), com aproximadamente seiscentos mil alunos de graduação, ou seja, quarenta e três por cento das matrículas nas IES públicas; e cento e doze mil alunos de pós-graduação, o que equivale a quarenta por cento dos estudantes de pós-graduação, no Brasil.

Como a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern), todas essas instituições se caracterizam pela acentuada capilaridade, com forte vocação para as licenciaturas e cursos na área da saúde, o que pode contribuir, eficientemente, para suprir as principais demandas do Brasil, conforme afirmou o ministro da Educação Renato Janine. Em entrevista recente, ao falar sobre FIES, que sabemos ser para IES privadas, disse o ministro: “serão priorizados cursos para formação de professores da educação básica, cursos da área de saúde... priorizando as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, excluindo o Distrito Federal.”

Dada a importância de tais instituições, em dois mil e treze, a maior Frente Parlamentar Mista da história recente do Congresso Nacional foi instalada e presidida pelo deputado federal Cleber Verde do Maranhão, com adesão de trezentos e vinte deputados e quarenta e um senadores, de vários partidos.

O propósito é definir uma política de financiamento federal para as IES estaduais e municipais. Esta Frente Parlamentar foi relançada em junho de dois mil e quinze, defendendo que o Orçamento da União contenha critérios para destinar recursos a essas instituições de ensino.

Imbuído da responsabilidade de propalar o imprescindível papel da Uern, faço questão de aqui sublinhar o Plano Nacional de Educação (PNE), lei treze mil e cinco, de vinte e cinco de junho de dois mil e quatorze, com vigência de dez anos. São definidas, nela, vinte metas, integrantes do seu anexo, das quais somos protagonistas de seis. Dentre elas, temos:

Meta NOVE: elevar a taxa de alfabetização da população com quinze anos ou mais, até dois mil e quinze, e até dois mil e vinte e quatro erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir, em cinquenta por cento, a taxa de analfabetismo funcional.

Meta TREZE: elevar a qualidade da educação superior e ampliar o número de mestres e doutores no corpo docente, em efetivo exercício no conjunto do sistema da educação superior.

Meta QUATORZE: elevar gradualmente o número de matrículas na pós-graduação stricto-sensu, de modo a atingir a titulação anual de sessenta mil mestres e vinte e cinco mil doutores.

Meta QUINZE: garantir, em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, que todos os professores e as professoras da educação básica possuam formação específica de nível superior, obtida em curso de licenciatura, na área de conhecimento em que atuam.

Então, senhoras e senhores, realçamos o papel fundamental da Uern na erradicação do analfabetismo; na superação das desigualdades educacionais; na melhoria da qualidade da educação; na promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade, contribuindo, decisivamente, para que o PNE seja cumprido.

Poderia, nesta ocasião, simplesmente dizer que paralisamos nossas atividades acadêmicas por mais de cento e vinte dias, por conta de uma greve. Em verdade, isso é ruim, pois compromete todo o calendário acadêmico, e frustra inúmeras expectativas. Também pode-se dizer que essa não foi a primeira, e certamente não será a última, e que cada um de nós, professor, técnico, aluno, enfim a sociedade, tem um papel fundamental, pois precisamos, sim, lutar por melhorias na educação.

Porém, tenho certeza de que, ao lado do amigo Aldo Gondim, vice-reitor, e contando com toda uma equipe abnegada, fizemos muito pela Uern nesses dois anos de gestão. E por obrigação, temos que prestar contas de nossas ações, atos e atitudes.

Ao completar quarenta e sete anos de existência, a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte vivencia um período de aprimoramento, com processos bem definidos e transparentes, ainda seus atos e patrimônios regulamentados. Por um lado, essa dinâmica se fundamenta no atendimento às exigências legais arrimadas na constituição e manutenção do status de Universidade. Por outro, busca atender aos anseios acadêmicos dos que compõem os segmentos da instituição e de toda a sociedade.

Em relação aos trinta e dois cursos de graduação, protocolamos cinquenta e dois projetos pedagógicos de cursos (PPC) no Conselho Estadual de Educação (CEE), de modo que o curso de enfermagem, por exemplo, possui três PPCs, uma vez que é ofertado em diferentes campi, com corpos docentes distintos. Desta forma, atendemos à LDB, particularmente, ao seu artigo quarenta e seis, que define prazos limitados para autorização e o reconhecimento de cursos, bem como o credenciamento de instituições de educação superior, renovados, periodicamente, após processo regular de avaliação.

Como resultado desse intenso e ousado trabalho, temos atualmente todos os campi credenciados, todos os cursos reconhecidos e todos os diplomas convalidados. Ressaltamos, ainda, que no último triênio, tivemos quarenta e dois cursos de graduação avaliados pelo Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE), dezenove dos quais alcançaram conceito quatro e cinco. Do Conselho Estadual, recebemos dezesseis conceitos, sendo três com cinco, seis conceito com quatro, seis com três, e um conceito dois.

É de ressaltar, ainda, agradecendo a cada um dos envolvidos nesse processo, que em dois mil e quinze, iniciamos o primeiro curso a distância de graduação da Uern, aumentando as oportunidades de ensino. Podemos dizer que iniciamos, gloriosamente, com o pé direito, pois iniciamos com o curso de Letras, Língua Portuguesa.

O Plano Nacional de Formação de Professores (PARFOR), que oferta a primeira licenciatura para professores da Educação Básica, e a segunda Licenciatura àqueles que atuam

fora da sua área de formação específica, tem recebido nossa especial atenção. Tanto que, para dois mil e quinze, estávamos aptos a formar dezesseis turmas; porém, por determinação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ficamos de aguardar para o próximo ano.

Quanto aos cursos de pós-graduação, *stricto* ou *lato-sensu*, propiciamos opções em todas as áreas do conhecimento, no interior do Rio Grande do Norte, com onze mestrados acadêmicos, três mestrados profissionais e dois doutorados, sem mencionar as duas residências médicas, uma residência multiprofissional, mais uma dezena de especializações, destacando seis em parceria com a Escola de Governo, e uma em parceria com a Secretaria Nacional de Segurança Pública.

Confesso que não sei o que nos dá mais orgulho, em face do trabalho árduo e exigente para aprovação de um curso de pós-graduação. Todavia, oportunizar vagas de mestrado na área de Letras, em Assú; doutorado na área de Bioquímica e Biologia Molecular, em Mossoró; e na área de Letras, em Pau dos Ferros, enche-nos de emoção. Parabéns, professoras e professores!

Atuar na área de ensino, pesquisa e extensão, visando à contribuir para a solução de problemas regionais de natureza econômica, social e cultural, é a competência da FUern descrita na lei. Atribuindo as atividades de ensino aos cursos de graduação, e de pesquisa aos de pós-graduação, ambos já mencionados; destacamos a prática da extensão através do Núcleo de Estudo e Ensino de Línguas (NEEL), dos Núcleos de Prática Jurídicas (NPJ), do Complexo Cultural, do Conservatório de Música Professora D'alva Stella, dos

ambulatórios de medicina, das clínicas odontológicas, da FM Universitária e Uern TV.

O NEEL registra mais de quinhentas matrículas, com quatro opções de idiomas (Inglês, Espanhol, Francês e Italiano), distribuídos em mais de quarenta turmas, com alunos a partir de 7 anos de idade.

Para além das atividades das Práticas Jurídicas, destacamos que em dois mil e quinze, participamos de um júri popular em que o réu, defendido por nossos alunos, foi absolvido. Certamente, um momento marcante na vida de todos nós, que, além da experiência, demonstra a competência dos nossos discentes.

O Complexo Cultural é o único equipamento público que assegura o direito à cidadania, com acesso ao lazer, à educação, ao esporte, à saúde e à qualidade de vida, de maneira integrada, na Zona Norte de Natal, capital do estado. Atualmente, oferta dezessete modalidades em cinquenta e sete turmas. Foram matriculados mil e duzentos alunos, em dois mil e quinze ponto dois, e desse total pelo menos dez por cento caracterizam-se, de forma declarada, como usuário de baixa renda, com renda per capita, na unidade familiar, inferior a meio salário mínimo

O Conservatório de Música conta dezessete instrutores musicais, dois destes em capacitação, nível mestrado, um em Portugal, e outro nos Estados Unidos, com trezentos e cinquenta alunos a partir dos seis anos de idade. São ofertados vinte instrumentos diferentes, destacando-se o duo flauta e violão, que, por sinal, abrilhantam esta noite.

Os ambulatórios, credenciados ao Sistema Único de Saúde (SUS) oferecem consultas médicas especializadas em dezenove áreas, Ginecologia; Cardiologia; Pediatria; Pneumologia e até Acumputa. Registram-se, aproximadamente, quinhentos procedimentos por mês.

As clínicas odontológicas são constituídas por trinta consultórios e realizam mais de dois mil procedimentos/ano. Os atendimentos são feitos nos três turnos: manhã-tarde (aulas) e noite (projetos de extensão). São procedimentos odontológicos nos mais diversos graus de complexidade: profilaxia, aplicação de flúor, higienização oral, além de palestras e trabalhos educativos em escolas, feiras e eventos de cunho social, e ainda restaurações; tratamentos ortodônticos; implantes dentários; entre outros.

A FM Universitária, laboratório indispensável ao curso de comunicação social, sintonizada por boa parte da cidade de Mossoró, cento e três ponto três, e do mundo, via web. Por questões de legislação, a transmissão pelo rádio teve que ser interrompida, situação que tem seus dias contados, pois o Plano Nacional de Outorgas, dois mil e quinze, dois mil e dezesseis, foi lançado e, por conseguinte, o edital número um, com prazo final em vinte e oito de dezembro deste ano. Detalhe: a única cidade do Rio Grande do Norte contemplada é Mossoró. Tenho por obrigação registrar o apoio da senadora Fátima Bezerra e seu assessor George; do então presidente da Câmara Federal, Henrique Alves, e sua assessora Ana Paula; e do Diretor de Comunicações do Ministério, Adolpho Loyola.

A Uern TV, com um ano de existência, já possui um time de cerca de quarenta alunos, sete técnicos e quatro professores,

com suas produções veiculadas em âmbito municipal, estadual e nacional, através de convênios celebrados com a TV Cabo Mossoró (TCM), TV Assembleia e Canal Futura. Importante salientar, tudo isso sem ônus financeiro, em nenhum desses convênios, para a Uern.

Esta é apenas uma amostra das atividades que envolvem professores, técnicos, alunos e a sociedade; e que estão descritas nos PPCs para cursos, ou institucionalizadas na forma de núcleos de extensão.

Como têm sido redundantes em nossas falas, temos dois grandes gargalos: infraestrutura e assistência estudantil.

Em nossa revista dos quarenta e sete anos, descreve-se a metodologia adotada pela nossa gestão, pois não nos podemos expandir sem a devida prospecção do que já temos, categorizando o que precisamos redimensionar, reformar, reestruturar, ou então construir.

A infraestrutura de qualquer IES é fundamental para o perfeito funcionamento de um curso; por conseguinte, para uma formação de qualidade. Tanto é que o processo de reconhecimento dos cursos de graduação e pós-graduação aponta esse item como prioritário. Na graduação, por exemplo, são avaliadas três dimensões: i – projeto pedagógico do curso; ii – corpo docente; e iii – infraestrutura, sendo todas com o mesmo peso no resultado.

Nossa primeira etapa foi identificar a estrutura e a equipe de trabalho. Designamos uma assessoria técnica, promovendo o envolvimento intra e intersetorial. Em seguida, começamos o redimensionamento dos nossos espaços, a avaliação dos

existentes, e a seguinte elaboração de projetos dos novos, visando a contemplar demandas já existentes, bem como as inovadoras, como o centro de tecnologia do sal. Uma terceira etapa foi a garantia do orçamento voltado para investimentos, com recursos financeiros do mantenedor, e de convênios. Tais etapas se realizam de forma concorrente e cíclica.

Já temos alguns resultados concretos. Entregamos sete imóveis alugados, dos doze contratos existentes. Permanecemos apenas com quatro residências universitárias em Mossoró, e a sala dos Conselhos, no prédio da Reitoria. Destaque-se que todas as residências universitárias foram substituídas por ambientes mais novos e, ainda, que estamos em fase de locação de residências universitárias nos campi avançados, e que a economia nos aluguéis nos propiciou a criação e implementação das bolsas denominadas “Programa de Assistência Estudantil (PAE)”, sendo atualmente duzentas; além das trezentas bolsas de alimentação para suprir a ausência dos restaurantes universitários.

Das reformas físicas, algumas já concluídas, outras em execução, podem ser vistas em todos os espaços da Universidade, Reitoria, unidades acadêmicas e campi avançados. Reestruturamos espaços acadêmicos e administrativos, instalações elétricas e atendemos a exigências de acessibilidade. Também estamos executando melhorias em nossa internet.

Importante frisar que todo esse trabalho tem como premissa a propriedade dos espaços. Destacamos o colaborativo esforço para obtermos a escritura do ACEU, hoje em mãos, e a

aquisição do prédio para as instalações definitivas do Campus de Caicó, doado pela Prefeitura Municipal, o que visualiza a importância das parcerias com os Municípios.

Em Natal, a Uern mudou-se da Zona Sul, resgatando o propósito da sua instalação na capital, em função de atender a uma área bastante populosa e, ainda não contemplada com a oferta de ensino superior público, que é a Zona Norte.

Em suma, incluindo reformas, reestruturações e construções, em setembro de dois mil e quinze, são mais de duas dezenas de contratos, em todos os campi, além da construção do Campus de Apodi.

Sobre Assistência Estudantil, podemos dizer que já plantamos várias sementes e já colhemos alguns frutos. Com recursos do mantenedor, são cem bolsas de estudo (cinquenta de monitoria, trinta de pesquisa e vinte de extensão), duzentas de assistência estudantil e trezentas de alimentação. Aumentamos quinhentas e quinze bolsas com a redução dos aluguéis, já mencionada. Para além das bolsas, também temos propiciado ajuda de custo e a prioridade do transporte, dois ônibus e um microônibus, a serviço das atividades externas. Não será o suficiente, mas representa avanços, a cada ano.

Além dos recursos do mantenedor, também estamos na expectativa do lançamento do edital PNAEST, ou seja, Programa Nacional de Assistência Estudantil para IES Estaduais, uma vez que aderimos ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e ao Sistema de Seleção Unificada (SISU), tornando-nos aptos a captar um milhão novecentos e cinquenta mil reais, neste ano.

Este ano também marcou o retorno dos jogos universitários da Uern (JUern), com o tema “Unidos pelo Esporte”, congregando cento e quarenta atletas. Também participamos dos Jogos Universitários do Rio Grande do Norte (JURN’S).

O sistema integrado de bibliotecas (SIB), substancial para uma boa formação, tem sido um desafio à nossa gestão. Aspectos organizacionais, estruturais, de recursos humanos, e matéria-prima, que são os livros, ainda estão aquém do necessário. Na resolução número cinco, de dois mil e quinze, do Conselho Diretor da Uern, desvinculamos o SIB da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PROEG), por entendermos que sua abrangência é no tripé ensino, pesquisa e extensão. Promovemos uma reformulação no marco normativo, criando regimento próprio, e aprimorando as normas de utilização dos serviços e, principalmente, redefinindo-lhe o organograma estrutural.

Quanto à estrutura física, fizemos o projeto arquitetônico de uma nova biblioteca para o campus Central e, concomitante, estamos redimensionando e reformando a atual, em especial a parte elétrica, para suportar a climatização. A biblioteca do campus de Assú foi climatizada e estamos construindo uma outra biblioteca em Pau dos Ferros; a de Patu terá suas obras iniciadas, para o fim de permitir a instalação de ar-condicionado, já adquirido; a de Natal foi instalada no Complexo Cultural, e a de Caicó está em fase de conclusão, com a reforma do campus. Móveis e equipamentos têm-lhe sido destinados.

Atualmente, a Uern conta três bibliotecários efetivos em seus quadros, o que ainda é muito pouco em face da demanda.

Estamos buscando justificativa legal para abrir concurso público.

Em dois mil e quatorze, incrementamos o acervo bibliográfico dos cursos de graduação, com dois mil, quatrocentos e setenta e sete livros novos, um investimento de cento e trinta mil reais, contemplando todas as faculdades e campi avançados. Neste ano, estamos em processo de cotação de livros, com um contrato aberto da ordem de duzentos mil reais. Também temos intensificado a realização de treinamentos de servidores e usuários, como fizemos com o sistema de automação de bibliotecas e do Portal de Periódicos CAPES, em parceria com a Universidade Federal do Ceará. Nos dias seis e sete de outubro próximo vamos sediar o Treinamento Regional do Portal de Periódicos da CAPES.

E o que dizer da greve? Como estão as negociações? Quando serão recobradas as aulas? Eis alguns dos questionamentos dos nossos alunos, via redes sociais, como Zé Filho, do curso de geografia, em Assú; Fágner, de enfermagem, em Caicó; Edgleison, de direito, em Natal; Clarisse, de administração, em Pau dos Ferros; Ianca, de enfermagem, em Mossoró; Deusimar de Governador Dix-Sept Rosado e cursa Letras em Mossoró e tantos outros alunos que temos tido toda atenção em responder com a verdade.

A educação em nosso País não tem sido mais colocada como prioridade; aliás, nem sei mais o que é prioridade, saúde..., educação..., segurança..., será mesmo? Pois bem, os demonstrativos contábeis foram apresentados, todos os questionamentos foram esclarecidos, e podemos dizer que a comunidade Uerniana esbanjou compreensão e tolerância.

Compreensão, porque tomamos várias medidas nas rubricas de custeio, investimento e folha de pagamento, com o propósito de ajustar o orçamento aprovado à Lei orçamentária para o ano de dois mil e quinze, e todos o compreenderam. Tolerância, porque, mesmo com nosso investimento e custeio caindo ano após ano, segundo o ranking universitário da folha, no quesito Qualidade de Ensino, a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte ficou em décimo lugar entre as quarenta e uma IES do Nordeste; e em quinquagésimo terceiro, em nível nacional, destacando-se os cursos de

Odontologia – 4º Melhor do Brasilº, 2º Melhor do Nordeste

Serviço Social - 4º Melhor do Brasilº, 2º Melhor do Nordeste

Publicidade e Propaganda - 14º Melhor do Brasil, 3º Melhor do Nordeste

Geografia - 23º Melhor do Brasil, 7º Melhor do Nordeste

Ciências Sociais - 30º Melhor do Brasil, 8º Melhor do Nordeste

Medicina – 38º Melhor do Brasil, 6º Melhor do Nordeste

Turismo - 38º Melhor do Brasil, 7º Melhor do Nordeste

Jornalismo - 8º Melhor do Nordeste

Parabéns, professores, professoras, técnicos, técnicas, alunos e alunas!

Gostaria, ainda, de parabenizar a técnica Maria Helena Godeiro, do campus de Patu; meu amigo, professor emérito, Raimundo Braz dos Santos; o professor honoris causa padre João Medeiros Filho, e agradecer ao Padre Sátiro por ter vindo receber seu merecido título de doutor honoris causa.

Neste ano, os membros da comissão para escolha dos agraciados com a medalha da abolição tiveram deferência com os nossos aguerridos ex-reitores; eu prefiro, chamá-los de reitores eméritos: Walter Fonseca, Antônio Capistrano, Genivan Batista, Gonzaga Chimbinho (in memoriam) e Gabriel Negreiros (in memoriam). Parabéns a cada um dos senhores e, em nome da Uern, o agradecimento por toda a dedicação à nossa instituição.

Aldo Gondim, obrigado, e em seu nome agradeço à nossa família profissional.

Gostaria de destacar a parceria da imprensa escrita, falada, televisiva e da internet com a Uern. Vocês têm sido fundamentais na transparência da nossa gestão.

Padre Charles, em seu nome agradeço a todos os alunos, por ser nosso egresso do curso de serviço social e mestrando no POSEDUC.

A meus pais, e continuem recomendando-me a Deus em suas orações

Yáskara, Yasmin, Yngrid, Pedro Filho e Paulo Emanuel, esposa e filhos, não sei se já se acostumaram com minhas constantes ausências; eu morro de saudades de vocês.

Nenhuma disciplina parece ser motivo de alegria no momento, mas sim de tristeza. Mais tarde, porém, produz fruto de justiça e paz para aqueles que por ela foram exercitados. (Hebreus, capítulo 12, versículo 11)

Uern, quarenta e sete anos EU SOU!

Agradeço, enfim, a presença de todos, declarando encerrada esta solenidade da Assembleia Universitária.

48ª Assembleia Universitária da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Discurso do Magnífico Reitor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pedro Fernandes Ribeiro Neto

“É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal maneira que um dado momento a tua fala seja a tua prática”. (Paulo Freire)

Do ponto de vista coletivo, perene e, sobretudo, público, a fala deve ser formalmente escrita, de modo a respaldar a prática.

Imbuídos desse espírito, estamos completando, hoje, três anos à frente da Reitoria da Uern, com o vice-reitor Aldo Gondim, e ao lado de uma família institucional incansável, no sentido de que, juntamente conosco, empenha-se todos os dias, em poder fazer mais por nossa instituição.

A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte é um patrimônio do Estado, já que, amparada no artigo 48, da Lei Complementar número 163, de 5 de fevereiro de 1999, que trata da organização do poder executivo estadual.

No artigo 207 da Constituição Federal, consta que “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de “gestão” financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”.

Insistindo, ainda, no formalmente expresso, e deixando de lado o tácito, podemos citar pelo menos outras três leis

fundamentais ao funcionamento da Uern. A Lei Orçamentária Anual (LOA), o Plano Plurianual (PPA), e o Plano Estadual de Educação (PEE).

A LOA é discutida e aprovada ano após ano, reflexo da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), e estima as receitas e despesas do Estado. Até o ano de 2015, a prática era exclusivamente baseada na LOA do ano anterior, ou seja, a definição do orçamento para o ano seguinte. Tal procedimento, no entanto, demonstra fragilidade, uma vez que não considera as especificidades do órgão. A LOA de dois mil e dezesseis é a lei dez mil e cinquenta, de vinte e nove de janeiro de dois mil e dezesseis.

Neste ano, tivemos aprovada a lei estadual número dez mil e quarenta e oito, de vinte e seis de janeiro de dois mil e dezesseis, que dispõe sobre o Plano Plurianual do Estado para os próximos quatro anos. Lei esta que permite um planejamento de médio prazo e que no Programa Temático, Educação Superior e Tecnológica, define as metas para a Uern. A realização de concurso público para docentes e técnicos, por exemplo, é descrita na meta setecentos e oito. Ressalto a meta cento e dois que é implantar a autonomia financeira e patrimonial da FUern até dois mil e dezessete. Por dever de justiça, temos que registrar o empenho dos professores Fátima Raquel e Adonias Vidal, que em seus nomes, parabenizo todos os envolvidos.

O Plano Estadual de Educação, lei estadual número dez mil e quarenta e nove, de vinte e sete de janeiro de dois mil e dezesseis, é válido até dois mil e vinte e cinco e está organizado em dimensões, metas e estratégias. Mais uma vez, a Uern fez o seu trabalho, participando das discussões em todas

as instâncias, e conseguindo que, de forma expressa, fosse contemplada. Precisamos destacar a dimensão cinco, meta quatro. Na estratégia dezessete ressalta-se o importante papel do Conselho Estadual de Educação e na dezoito destacam-se os aposentados de nossa Instituição. Bem como merece todo destaque a dimensão sete, meta um, estratégias quatorze e vinte e dois. A primeira expressa a necessidade de ampliar e assegurar maior aporte de recursos destinados à manutenção dos cursos nas Instituições de Ensino Superior públicas, bem como à infraestrutura física da Uern e do Instituto Kennedy. A estratégia vinte e dois enfatiza a viabilização de mecanismos que garantam a autonomia financeira da Universidade do Estado do RN, com vistas à expansão e à otimização da capacidade instalada, da estrutura física e de recursos humanos, a partir do segundo ano de vigência do PEE. Agradecemos em demasia a todos que se dedicaram para essa conquista nos nomes das professoras Auxiliadora Alves e Fátima Araújo.

Pois bem, mesmo correndo o risco de uma fala monótona, recheada de leis e termos técnicos, não poderia deixar de propalar hoje que estamos, sim, preparando a Universidade para o Futuro. Práticas até então usadas, não são mais efetivas no mundo de hoje. Não se pode mais gerir por amizade ou por conveniência.

No nosso discurso de posse, fizemos uma taxonomia destacando cinco fases para Uern, a saber:

FASE DA MUNICIPALIZAÇÃO, de 1968 a 1974;

FASE DA REGIONALIZAÇÃO, de 1974 a 1987;

FASE DA ESTADUALIZAÇÃO, de 1987 a 2000;

FASE DA CONSOLIDAÇÃO, de 2000 a 2013;

FASE DA AUTONOMIA PLENA, 2013 aos dias atuais.

Hoje temos bastante convicção que não podemos mais adiar a discussão e implantação da Autonomia Financeira, respaldada pelos Planos Estadual de Educação e Plurianual. Na prática, passaremos a receber, em forma de duodécimo, um repasse mensal do mantenedor, ou seja, Governo do Estado, para Fundação Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Desse repasse, pagaríamos nossos compromissos nos três anexos, folha de pagamento, investimento e custeio, nos dando assim a possibilidade de tornarmos prática a nossa fala, como ressalta Paulo Freire.

Como estamos, pelo mais que façamos o planejamento, discutamos com a comunidade, busquemos atender demandas, fica comprometida a execução, uma vez que a LOA nem sempre se transforma em financeiro.

Essa luta não é de hoje e nem seremos a primeira Instituição de Ensino Superior a adotar. Na gestão do professor Milton Marques, uma comissão paritária foi criada, pela portaria 1482/2012-GR/Uern, para elaboração do projeto de Autonomia Financeira Plena. Ao assumirmos, recebemos o documento fruto desse trabalho, para então darmos os encaminhamentos. Buscamos, inicialmente assegurar legalizar essa possibilidade no âmbito estadual, o que já fizemos com o PPA e PEE. Também contamos com a voluntariedade de servidores da Instituição para atualização desse estudo. Desde já agradeço aos professores João Batista Xavier, José Teixeira, Galileu

Galilei e o técnico Herbert Torquato pelo trabalho intenso.

Mais uma vez, rememoro o nosso discurso de posse quando afirmamos que: “ ... a autonomia plena é nosso nó górdio; centro da luta de todos. Luta da Uern com os segmentos universitários (Aduern, Sintauern e DCE), da sociedade civil, através de um constante diálogo com o Governo do Estado e a Assembleia Legislativa”.

Importante dizer que no congresso recente da Associação dos Docentes da Uern, a discussão acerca da autonomia financeira da Uern foi pautada.

Das Instituições de Ensino Superior Estaduais, as paulistas, USP, UNICAMP e UNESP, já gozam de autonomia financeira. No entanto, não apenas no País de São Paulo, me permitam a metáfora, que tem essa autonomia. Podemos destacar a Estadual de Santa Catarina; a nossa vizinha, Estadual da Paraíba, e mais recentemente, a Estadual de Goiás.

Aqui transcrevo a coluna escrita no ano de 1983, por Francisco Canindé Queiroz e Silva, presidente da FUern, de 1973 a 1975, e diretor do Jornal de Gazeta do Oeste: “Segundo informações, apenas seis Estados brasileiros têm universidades estaduais. São eles: Bahia, Ceará, Maranhão, Paraná, Rio de Janeiro e São Paulo. Assim o Rio Grande do Norte será o sétimo Estado”. A história se repete, trinta anos após, estaremos na vanguarda, agora com a Autonomia Financeira.

Apoiados no PPA, no PEE, no estudo feito pela comissão paritária e na atualização dos dados, estamos aptos para discussão e votação no Conselho Universitário – CONSUNI.

Em sendo aprovado, que submetamos às instâncias competentes.

“Não há autonomia administrativa, didático-pedagógica sem autonomia financeira (...). Não há autonomia sem recursos, não há autonomia sem dinheiro”. (Florestam Fernandes)

Distinguimos aqui o trabalho abnegado do CONSUNI, que no dia vinte de setembro de dois mil e dezesseis, ou seja, há oito dias, aprovou o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) para os próximos dez anos. Registramos os agradecimentos e parabéns à Comissão Central, equipe técnica, e colaboradores, conduzidos pelo vice-reitor Aldo Gondim.

Neste ano de 2006, o Consuni vem se reunindo, pelo menos duas vezes por mês, quando são previstas duas reuniões por semestre, discutindo e votando o novo estatuto da Uern. Uma discussão democrática, ampla, transparente, regimental, com a efetiva participação, através de representantes, dos três segmentos acadêmicos e da comunidade; tendo como base o trabalho realizado pela Comissão de Coordenação Executiva do Processo Estatuinte (CEPE) no âmbito da Uern, portaria número seiscentos e oitenta e nove do ano de dois mil e oito, gabinete do reitor, o que nos dá a plena certeza que em breve teremos a escolha dos nossos dirigentes de forma paritária, bem como a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis.

Também ressaltamos o regular funcionamento dos demais conselhos deliberativos da instituição, Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE), CONSELHO DIRETOR, CONSELHO CURADOR, promovendo uma gestão articulada com as necessidades dos segmentos acadêmicos. Importante ainda frisar a valorização dos fóruns de Diretores

e Chefes de Departamentos como instâncias consultivas. Destacamos a comissão para gerir o concurso público para professores e técnicos administrativos deste ano, composta por representantes dos dois fóruns e dos dois segmentos que formam os servidores, sem nenhuma ingerência da Reitoria.

Concurso com números até então nunca vistos. Foram quase treze mil inscritos para cento e dezesseis vagas, sendo quarenta para técnicos e setenta e seis para docentes. São mais de cento e oitenta avaliadores, sendo aproximadamente cento e vinte avaliadores externos, o que requer uma logística complexa, uma vez que não temos aeroporto funcionando, então precisamos garantir o deslocamento para Mossoró de Fortaleza - Ceará, Natal, nossa Capital, Campina Grande – Paraíba e até Caruaru - Pernambuco. Reiteramos que as vagas previstas são por ocasião de aposentadorias ou falecimento, atendendo as exigências da Lei de Responsabilidade Fiscal e da Resolução oito de dois mil e doze do Tribunal de Contas do Estado (TCE/RN). O número de vagas é praticamente o mesmo da quantidade de vagas ociosas que temos, conforme as leis complementares trezentos e oitenta e oito, e trezentos e oitenta e nove, de trinta de junho de dois mil e nove, que dispõem sobre cargos públicos de provimento efetivo vinculados ao quadro de pessoal da FUern.

Realçamos vagas importantes para o acompanhamento discente como: psicólogo educacional e psicopedagogo; passaremos a ter pelo menos um bibliotecário em cada campus atendendo a leis federais número nove mil, seiscentos e setenta e quatro do ano de um mil, novecentos e noventa e oito e; a doze mil, duzentos e quarenta e quatro, do ano de dois mil e dez. O ineditismo de vagas para contador e engenheiro

eletricista, profissionais imprescindíveis; e de analista de sistemas, e jornalista, fundamentais no contexto atual.

Parabéns aos membros da comissão do concurso: Professores Círcia Raquel (presidente), Luís Marcos, Elizabeth Veiga, Fátima Raquel, técnicas Ticiane Teixeira, Taísa Lopes, e coordenadores dos fóruns de diretores e de chefes de departamentos, professores Suzana Carneiro e José Ronaldo, respectivamente, pelo intenso e eficiente trabalho. Um agradecimento especial ao governador Robinson Faria por ter vindo ao Gabinete da Reitoria assinar a autorização, requisito para iniciarmos o processo.

Também selecionamos, por editais públicos, três professores visitantes para consolidar nossos programas de pós-graduação stricto-sensu, por conseguinte nossa graduação. Sejam bem vindos Professores Joaquim Gonçalves (Educação), Marco Aurélio (Saúde e Sociedade) e Constatin Xypas (Ciências Sociais e Humanas).

Aproveitando o ensejo, a contratação de pessoal, por tempo determinado para atender a necessidade temporária de excepcional interesse público, tem respaldo na lei número nove mil, novecentos e trinta e nove, de nove de abril de dois mil e quinze.

Tivemos ainda que terceirizar os serviços de auxiliar de serviços diversos, motorista e vigilante, de acordo com um Termo de Ajustamento de Conduta, assinado em dois mil e sete, e uma determinação judicial de dois mil e quatorze. Foi, certamente, um dos momentos mais difíceis da nossa gestão, pois em sua grande maioria, esses servidores tinham mais de uma década de prestação de serviços à Uern. Com

muito profissionalismo e responsabilidade, cumprimos a decisão judicial e, naquele momento, tivemos a felicidade da contratação desses por parte das empresas. Fico com a consciência tranquila por, nesses três anos de gestão, não ter feito uma única indicação pessoal. Não por falta de pedidos, recebo demandas que certamente daria uma por dia, e sim por respeito aos que estavam e aos que por mérito buscam o emprego. Digo ainda que estamos atentos e empenhados para que os serviços sejam prestados, respeitando o ser humano. Técnico Iata Anderson, pró-reitor de Administração, você é o equilíbrio nessa causa, obrigado.

Uma outra decisão que é importante ser socializada foi a implantação do teto salarial. Hoje falamos tranquilamente nesse assunto, até mesmo porque tivemos a compreensão de todos os envolvidos.

Porque não dizer, nessa nossa fala, que desde a Resolução do Conselho Diretor do ano de mil, novecentos e noventa e sete, o valor pecuniário da gratificação do reitor é igual a de um secretário de Estado, e que os demais cargos em comissão, como de vice-reitor, pró-reitores e assessores, possuem um valor com base em um percentual. Em 2015, os secretários estaduais tiveram um aumento que mais que dobrava o valor da gratificação do reitor, congelado desde dois mil e três. Pois bem, com mais uma medida austera, decidimos não aumentar.

Sabemos que precisamos avançar no que diz respeito aos Planos de Cargos, Carreira e Salários (PCCS), imprescindíveis para que todos os servidores da nossa instituição sintam-se respaldados legalmente e possuam clareza da sua progressão.

O plano dos técnicos administrativos já nos foi passado pelo

Sindicato dos Técnicos Administrativos e, após uma ampla discussão e ajustes, encaminhamos ao Governo do Estado. Em reunião com a chefe do Gabinete Civil, Dra. Tatiana Mendes, tivemos a garantia do trâmite nas instâncias do Executivo, até estar apto a ser encaminhado para o Legislativo. Percurso idêntico ao da hoje lei número dez mil e quatorze, de quatro de dezembro de dois mil e quinze, que Institui o auxílio transporte para os nossos servidores técnico-administrativos.

Em breve devemos receber a proposta do PCCS para nós, docentes, discutida na Aduern.

Inevitável não mencionar a angústia que estamos sentindo devido à decisão do Supremo Tribunal Federal acerca de Ação Direta de Inconstitucionalidade da Lei Estadual seis mil, seiscentos e noventa e sete do ano de mil, novecentos e noventa e quatro. Peço que acalmemos nossos corações, tenhamos fé e aguardemos o acórdão para termos a real dimensão deste julgamento.

Dos espaços físicos também apontamos avanços do ponto de vista legal. Em dois mil e quatorze comemoramos a escritura pública do campus avançado de Caicó, além da cessão do Fórum Silveira Martins. Em dois mil e quinze do ACEU, e neste ano conseguimos incorporar ao patrimônio da Fuern um terreno em Areia Branca para instalação definitiva do projeto Cetáceos da Costa Branca, graças ao empenho do Doutor Jean Falcão.

O ano de 2016 foi um marco para o Campus Avançado de Caicó, que finalmente pôde funcionar em sua sede própria. Foram nove anos em um CAIC e este campus, que próximo mês completa seus dez anos de existência, pôde finalmente ter

um espaço seu assegurado na região do Seridó. Além disso, um novo veículo foi disponibilizado, assegurando melhoria nas condições de segurança e conforto nos deslocamentos efetuados para as diversas atividades em outros campi e Unidades Acadêmicas. Em 2015, investimos duzentos e oitenta mil reais em obras e em 2016 foram assinadas as ordens de serviços para drenagem, eletricidade e reforma de um bloco de salas de aula e laboratórios, totalizando quatrocentos mil reais de emendas dos deputados estaduais Fernando Mineiro e Álvaro Dias. Porém, a maior conquista foi a aprovação do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO). Parabéns todos envolvidos, com, ainda dez anos, o CAC esbanja eficiência!!

Com o foco ainda nos compromissos assumidos, estamos em plena construção do Campus Avançado de Natal (CAN). Registrando o empenho do governador Robinson Faria para liberação dos recursos junto ao Banco do Brasil. Uma outra grande conquista foi a inserção da Uern no consórcio de manutenção da Rede Nacional de Pesquisa (RNP), assegurando não somente o acesso à internet, bem como sua correção quando necessária. Tal conquista deve-se ao empenho da nossa professora Ana Paula, cedida à Secretaria de Educação (SEEC) que nesse gesto, incluiu também o campus Central, hoje recebendo cem mega da RNP, em parceria com a UFERSA.

O Campus Avançado de Patu (CAP) ainda sofre com a falta de água. A Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Humanos (SEMARH), destacando a sensibilidade do secretário Estadual de Meio-Ambiente e de Recursos Hídricos, professor Mairton França, perfurou um poço e atualmente trabalhamos na

contratação dos serviços para instalação da bomba.

No Campus Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM), em Pau dos Ferros, além de um segundo carro zero quilômetros, iniciamos a construção da Biblioteca Padre Sátiro Cavalcanti Dantas. Estamos plenamente empenhados para sua conclusão, tanto é que aprovamos uma complementação, junto a FINEP, no valor de seiscentos mil reais, totalizando uma obra de um milhão e trezentos mil reais.

Do mais recente ao mais antigo, chegamos em Assú, o Campus Avançado Prefeito Walter de Sá Leitão (CAWSL), criado no ano de um mil, novecentos e setenta e quatro, possui hoje todas as salas climatizadas, um auditório com 40% a mais de sua capacidade, um miniauditório, dois micro-ônibus e um carro sedam novos. Finalmente, teve o desmembramento do departamento de Letras, igualmente ao de Mossoró e de Pau dos Ferros.

Aqui em Mossoró, no Campus Central, comemoramos todos os dias o advento do Restaurante Popular com a oferta de seiscentas refeições/dia para alunos, professores, técnicos e comunidade, no valor de um real. Agradecemos à secretária Julianne Faria, da Secretaria do Trabalho, Habitação e Ação Social (SETHAS), por escolher a Uern diante de inúmeras demandas. Hoje, mais do que nunca, temos uma instituição pública para o público.

O restaurante popular fica no centro de convivência que está repaginado com a oferta também de serviços transversais, tais como: a Diretoria de Internacionalização (DAINT), Comitê de Ética, Edições Uern, Diretoria de Assuntos Estudantis (DAE) e o Diretório Central dos Estudantes (DCE). Colocamos ainda

internet da RNP com acesso livre. Destacamos as obras de acessibilidade e reforma nas salas de aula da Faculdade de Letras e Artes (FALA).

A Faculdade de Enfermagem (FAEN) já desfruta de todos os espaços climatizados e, além da instalação do elevador no prédio da Faculdade de Ciências da Saúde (FACS) e da adequação do espaço para o Sistema de Verificação de Óbito (SVO), teremos em breve a escritura do espaço do ambulatório, nos permitindo, enfim, a captação de recursos para ampliação. Desde que o governador Robinson Faria assinou a doação, em dez de março deste ano, estamos insistentemente nesse processo.

De tudo, podemos dizer que momento de maior júbilo foi a expansão das residências universitárias que até dois mil e quinze somente existiam em Mossoró, hoje já temos em Assú, Natal e estamos no processo de aquisição/formalização nos demais campi.

Um foco para os próximos anos tem que ser as obras de saneamento, pois é questão de saúde pública.

Estamos em processo de licitação para usufruto das lanchonetes em nossos espaços. Importante destacar que os vencedores serão os que tiverem menor preço no cardápio apresentado. Poderíamos definir um valor para aluguel de cada local, no entanto o subsídio, ou seja, o menor valor dos itens vendidos é mais importante e percebido imediatamente por aqueles que usam esses serviços. Aqui registro toda minha admiração e agradecimento ao batalhador Bira e sua mãe Dona Maria Paula.

Com esse panorama acerca das leis que nos amparam, dos servidores que desempenham suas atividades e da infraestrutura que utilizamos, fortalecemos o alicerce para o futuro com a publicação no Diário Oficial da União, neste quinze de setembro, do Termo de Cooperação Técnica com a UFRN para transferência dos sistemas computacionais SIG-UFRN, incluindo a parte acadêmica, de patrimônio e de Recursos Humanos. Obrigado professor Francisco Dantas por toda ajuda.

Nos últimos três anos, compartilhamos com mais de seis mil famílias a formação, em nível Superior, de um ente querido. Esse indicador nos dá uma taxa de evasão de sete por cento, abaixo da média das Instituições Públicas que é de doze por cento. Constatações como essa nos respaldam, pois sabemos, que a evasão e a retenção, são dois fatores que precisam ser fortemente trabalhados.

Só quem participa de uma colação de grau da Uern é capaz de perceber a grandeza da nossa instituição, pois sentir a emoção das pessoas, com as mais diferentes origens, raças, religiões e sexualidade, nos rincões do Nordeste Brasileiro, ao receber o grau, colocar o capelo e erguer o seu próprio DIPLOMA é algo deverás marcante. Escutei da aluna Plúvia que em outras épocas o diploma era obtido após meses da formatura e ainda era pago, hoje recebe na hora e de graça. Só tenho a dizer que essa conquista é institucional, coletiva e tem pelo menos TRÊS décadas de caminhada.

Podemos aqui afirmar que é o momento que temos a plena convicção que a “Uern é o Estado vivo!!!”. Obrigado por todo o empenho, inovação e trabalho do cerimonial e da Pró-

Reitoria de Ensino de Graduação, Isolina e Inessa, por favor agradeçam a cada um.

Diplomas esses somente entregues quando o decreto de reconhecimento ou de renovação é publicado em Diário Oficial do Estado. Algo que transcende os muros da universidade e chega no Conselho Estadual de Educação. Aqui, diga-se de passagem, vem fazendo um trabalho intenso desde quando recebe os Projetos Pedagógicos dos Cursos e deflagra o processo designando comissões, realizando visitas in-loco, apreciando toda documentação e, em seu pleno, deliberando.

O diálogo entre a Uern e o CEE nem sempre é calmo, as vezes, ou quase sempre, discordamos, todavia nunca perdemos o respeito mútuo. Tal relação é exigência legal, conforme a LEI DE DIRETRIZES E BASE (LDB), e não adianta nos queixarmos, por conta de nossa autonomia prevista na constituição federal. Professoras Hubeônia, Iara e Silvânia participaram de um momento desses, no qual decretos publicados foram revistos, pois estavam em contradição com o que nós entendíamos. Lembro as diversas versões surgidas quando da publicação deste decreto. Graças a Deus tivemos a maturidade para seguir o caminho correto.

E a suspensão das vagas dos cursos ofertados nos Núcleos Avançados de Educação Superior (NAES) desde que assumimos a gestão da Uern. Confesso que também classifico como um dos momentos angustiantes, pois quando víamos a expansão de vagas do Ensino Superior, e sua interiorização, conforme Plano Nacional de Educação, 2014-2024, nós estávamos de encontro. Lembro inclusive que fui questionado no CONSEPE se aguentaria a pressão, pois aquela decisão

colegiada iria nos trazer bastante dor de cabeça. Aqui digo que minha única preocupação era a oferta de vagas com respaldo legal, conforme LDB: “Qualquer curso criado fora da sede, precisa da autorização do Conselho Estadual”. Ainda, temos como premissa de nossa Carta programa o estímulo ao processo contínuo de avaliação e operacionalização dos Núcleos Avançados. Para isso temos as visitas administrativas aos NAES.

Todavia, nossos desafios são muito mais amplos, pois o Rio Grande do Norte possui quase quinze por cento da sua população analfabeta, é quase meio milhão de pessoas, bem como, somos, apenas, cinco por cento de portadores de diplomas de nível superior. Com essa preocupação, viabilizamos um momento da secretária Estadual de Educação, Professora Cláudia Santa Rosa, com os reitores da Uern, Ufersa, IFRN e UFRN. Devemos sim intensificar essa luta, esse problema também é nosso, precisamos zerar o percentual de analfabetos e quadruplicar o de graduados.

Já estamos empenhados nessa luta, exemplo disso, a professora Marlúcia Barros, diretora do Campus da Uern em Assú, vem promovendo reuniões com pelo menos TRÊS DIREDS e duas dezenas de municípios, como resultado, iniciamos nove turmas do PARFOR, programa de formação de primeira e segunda licenciaturas para professores da educação básica, das dezoito em oferta na nossa instituição.

Também estamos firmes na parceria com a Escola de Governo para oferta de cursos de graduação e pós-graduação para os servidores públicos estaduais. Parceria essa que precisa ser copiada em nível dos municípios. Devemos formar

formadores, multiplicar professores, valorizar o ser-humano. Atualmente, em uma ação com a Secretaria Estadual de Saúde (SESAP), estamos capacitando dois mil e duzentos agentes de saúde em todo RN.

Professor Etevaldo Almeida, pró-reitor de Extensão, receba nossa admiração pela revitalização da Pinacoteca José Gurgel e pelo projeto ReFAZ nas penitenciárias, juntamente com o Ministério Público. Aqui fica o nosso desafio para oferecer cursos de formação para esse público.

Professor João Maria Soares, pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, parabéns pela ênfase na inovação, hoje temos vinte e uma patentes; quatro marcas e três programas de computador registrados.

Professor Marcelo Melo e Técnico Ravi Dias, ambos da diretoria de internacionalização (DAINT), o que dizer das palavras do aluno Pedro Henrique de Azevedo em seu facebook, quando ganhou a bolsa do Santander, que passo a ler: “Nesses últimos dias tenho passado por situações que me fizeram refletir sobre o lugar de onde venho - zona rural - e, sobretudo, me fizeram ter orgulho de minhas origens, de minha família e de tudo que passei. Ser o único jovem universitário de minha comunidade rural - Sítio Vertentes - é algo muito grandioso, já que estar na universidade representa muito além de uma conquista individual/meritocrata, é uma questão de representatividade de minha origem; é resistência. A felicidade é algo que me consome grandiosamente nesse instante. Vai ter estudante de Ciências Sociais, pobre e advindo do campo sim conseguindo bolsa de intercâmbio!!! Portugal aí vou eu... Vai ter close europeu sim!!!”.

Professora Ana Lúcia Aguiar parabéns pelo protagonismo nas políticas e ações inclusivas. Tudo que estamos falando e muito mais pode ser assistido pela Uern TV, valeu Professor Fabiano Moraes.

Diante de tudo que foi falado, uma coisa tem nos deixado inquietos, que são os atrasos nos salários. Faço questão de reiterar que a Uern não é uma ilha, todos os servidores públicos estaduais recebem de acordo com um calendário. Ressaltamos, ainda, que nos primeiros escalonamentos para pagamento, a divisão era por órgão, ficando nós, no último dia. Após uma conversa na Secretaria de Planejamento, esse passou a ser por faixa salarial. Não quero aqui ser presunçoso e dizer que delineamos esse novo calendário, ao mesmo tempo que contribuímos.

“Sou servidor público estadual, dependo do meu salário para pagar minhas contas. Sou norte-rio-grandense e a solução está sendo buscada para todos”.

Apresentamos nossa realidade presente, porque é nessa realidade, neste dia a dia, que empenhamos esforços físicos, intelectuais, afetivos e subjetivos para ver acontecer aquilo que deve ser. É a força daquilo que tem que acontecer (o futuro) que nos anima, que nos faz caminhar, que não nos deixa acomodar. E é com essa força, que inclui todos os segmentos da Uern e a sociedade, que o futuro de nossa instituição está sendo construído e dinamizado.

Agradecemos todos os conselheiros do CONSUNI pela escolha dos homenageados para receber os títulos honoríficos. Parabéns família de Dr. Vingt Rosado, Professora Remédios, Professora Hélder e Técnico Fábio.

A Uern e a Prefeitura Municipal de Mossoró reconhecem, nesta noite a importância de cada vereador de Mossoró, legislatura 1983-1987, homenageando-os com a medalha da Abolição. Agradeço a comissão por esse gesto e ao jornalista Bruno Barreto por esse resgate.

Iniciei meu discurso de posse dizendo que sou a terceira geração de uma família que presta serviços à Uern, e arriscaria que, por aqui, meus filhos também passariam. Finalizo este dando boas-vindas à minha filha YASMIN!!!!

49ª Assembleia Universitária da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Discurso do Magnífico Reitor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pedro Fernandes Ribeiro Neto

Amigos e amigas,

Senhoras e senhores,

A vida e a história nos ensinam que a trajetória de cada um de nós se constrói em ciclos, intervalos de tempo que nos desafiam a conquistarmos sonhos e nos tornarmos pessoas melhores.

Nesta noite, reunidos aqui para mais um momento especial de homenagem à nossa universidade e a todas as pessoas que a constroem diariamente, com dedicação, empenho e amor, marcamos também a renovação de um ciclo.

Ciclo este iniciado em 28 de setembro de 2013, quando assumimos, ao lado do amigo/irmão Aldo Gondim, a Reitoria e vice-reitoria da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mais que referência, Aldo sempre foi um grande parceiro e amigo, daqueles que, hoje em dia, é cada vez mais raro de encontrar. Um nome entre os grandes seres humanos da nossa universidade.

Nestes quatro anos, muitas foram as dificuldades. E vocês sabem disso. Mas nunca estivemos sozinhos. Pudemos contar com uma equipe das melhores, mais profissionais e dedicadas que o estado do Rio Grande do Norte pode se orgulhar de ter

em seus quadros. Professores e técnicos administrativos que têm a universidade como bandeira de luta, pois é nela onde passam a maior parte de suas vidas.

Profissionais que muitas vezes sacrificam seu tempo em família em favor da universidade. Somos assim. Todos nós que aqui estamos. Talvez por enxergarmos na Uern uma grande família, que nos cativa, nos envolve, nos faz crescer e nos coloca como sujeitos transformadores na vida de outras pessoas.

A todas e todos desta equipe, meu muito obrigado. Sem o esforço coletivo, profissionalismo e dedicação de cada um de vocês, não teríamos superado os tantos obstáculos que surgiram à nossa frente.

Hoje, iniciamos um novo momento. Agora, tendo ao lado a professora Fátima Raquel, mulher que tem o respeito e respaldo de todos que conhecem sua história dentro da universidade. Mulher de fibra, competência e humanidade diferenciada. Conosco, juntam-se novas pessoas numa equipe que tem o desafio de manter nossa universidade forte e ampliar nossos resultados junto à comunidade acadêmica e à sociedade potiguar.

Iniciamos este novo ciclo com o vigor e a esperança renovados para fazer a Uern resistir, com força e autonomia, a um cenário difícil que tem se apresentado em nosso país e em nosso estado.

Com a capilaridade de suas ações, a Uern ocupa papel vital no desenvolvimento humano do Rio Grande do Norte, seja através da formação de novos profissionais e cidadãos, seja

através do seu papel extensionista, ou por meio da pesquisa científica produzida por docentes e estudantes dos seus cursos de graduação e pós-graduação.

Na ausência do poder público nas áreas mais pobres do nosso estado, é a universidade e seu trabalho que aparecem como um único sinal de cidadania. Famílias humildes, que viam o ensino superior como um sonho impossível dos filhos, nos emocionam nas refeições de grau ao afirmarem, orgulhosas, que a Uern mudou a vida deles e trouxe a esperança de um futuro melhor.

É esta universidade, que produz esperança em todo o Rio Grande do Norte, quem vem resistindo a um cenário difícil, com contingenciamento em seu orçamento, ataques e com servidores trabalhando com seus salários atrasados. Mais do que nunca, precisamos de apoio. Não se pode vislumbrar um estado desenvolvido sem investimento real na educação. A Uern é um patrimônio deste estado e, como tal, merece e precisa ser valorizada.

A partir de hoje, damos continuidade a um trabalho iniciado em 2013, mas com energia renovada e fé em dias melhores. Disposição não nos falta. Nem a todas as pessoas que integram esta universidade. Com condições e investimento, a Uern pode dar uma contribuição ainda maior para que este estado cresça e se desenvolva. Não temos dúvida disso.

Nesta hora, é preciso também agradecer a todas as pessoas que, ao longo do tempo, têm se juntado a esta corrente em defesa da nossa instituição. Somos gratos a cada uma delas.

Às nossas e aos nossos estudantes, representados aqui pelo

DCE, nosso muito obrigado por fazer da Uern um espaço plural, diverso e humano. Vocês são o motivo de todos os esforços que diariamente cada técnico ou docente realiza nesta universidade. Saibam disso. Às nossas professoras e professores, representados aqui por este colegiado e também pela Aduern. Muito obrigado. Pela paciência, pelas divergências, mas principalmente pela dedicação que cada um de vocês oferece à esta instituição. Sem isso, não contemplaríamos tantos resultados e tantos sonhos concretizados em cada cantinho deste estado.

Às nossas técnicas e técnicos-administrativos, representados aqui pelo Sintauern. Muito obrigado. Vocês são a engrenagem que faz esta roda girar. O profissionalismo e competência de cada um de vocês colocam a universidade em lugar de destaque em meio a tantos outros setores do funcionalismo público.

Não poderia deixar de agradecer também a um homem que dedicou parte da sua vida a esta instituição e foi um misto de amigo, mestre e guia em minha caminhada profissional. Pelo primeiro ano, não o temos conosco. Fisicamente, pois seu legado permanece vivo no dia a dia desta universidade. Doutor Milton, muito obrigado por tudo.

Agora, peço permissão para um agradecimento pessoal. O desafio de estar à frente de uma universidade como a nossa seria muito mais difícil se não tivéssemos uma base de sustentação forte. Tenho o privilégio de contar com uma: minha família. Aos meus pais, exemplos de seriedade, honradez e humanidade. Vem deles, e dos meus irmãos, o apoio nos momentos mais necessários e precisos. Às minhas

filhas e filhos, porto seguro de toda a minha caminhada. Dois deles, inclusive, alunos da Uern. Nos passos de cada um deles mora boa parte da minha fé num futuro melhor.

À minha esposa, mulher que em todos os momentos está ao meu lado, sendo alicerce e mostrando que a vida a dois é mais que amor e cumplicidade. É apoio mútuo em todas as horas. Muito obrigado por tudo.

É hora de arregaçar as mangas e renovar a confiança de que, juntos, podemos ser e fazer muito mais do que imaginamos pela Uern.

Estamos prontos. Mais uma vez!

Obrigado.

50ª Assembleia Universitária da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Discurso do Magnífico Reitor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pedro Fernandes Ribeiro Neto

A Uern é a utopia tornada realidade. É o sonho materializado e hoje é a materializadora de sonhos.

Tenho a Uern em meu coração. Temos a Uern no coração de professores, de estudantes, de técnicos, de pais, de mães, filhos, familiares e amigos que veem, a cada ano, pessoas próximas concretizarem o sonho do direito a um diploma de nível superior, a um diploma de pós-graduação, seja ao nível de especialização, mestrado ou doutorado.

Misto de pública e privada, em sua origem, por ser municipal e paga, hoje a Uern consolida-se como instituição de ensino, estadual, pública, gratuita e de qualidade. Somos a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, patrimônio do povo potiguar, patrimônio do povo mossoroense.

Ambiente de formação, produção e disseminação de conhecimento voltado para o desenvolvimento humano, social, cultural e econômico, e para a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Uma universidade socialmente referenciada.

Refazendo o seu percurso histórico, registro e rendo homenagem a todos os reitores e/ou presidentes da Fundação que nos antecederam na vivência de administrar e conduzir os caminhos desta Universidade. Cada um a seu tempo e com

seus desafios e problemas.

Aqui, faço questão de nominar cada um deles: João Batista Cascudo Rodrigues, Francisco Canindé Queiroz e Silva, Gabriel Fernandes de Negreiros, Maria Gomes de Oliveira, Elder Heronildes da Silva, Genivan Josué Batista, Laplace Rosado Coelho, Sátiro Cavalcanti Dantas, Antônio de Farias Capistrano, Antônio Gozaga Chimbinho, Maria das Neves Gurgel de Oliveira Castro, José Walter da Fonsêca e Milton Marques de Medeiros.

Saúdo e homenageio em seus nomes todos e todas que construíram e consolidaram a utopia de ser uma universidade.

Professores, técnicos administrativos e estudantes aqui não nominados, todos foram e são partes significativas dessa história de construção coletiva. Assim, peço permissão para homenagear cada um e cada uma, através de suas entidades representativas aqui presentes: Associação de Docentes da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Aduern, Sindicato dos Trabalhadores(as) Técnico-administrativos da Uern – Sintauern, e Diretório Central dos(as) Estudantes – DCE.

A história é feita sobretudo de sujeitos simples e anônimos que somam e potencializam ações que constroem e reconstróem o cotidiano. Aos técnicos, professores e alunos/egressos da Uern, nossa mais pura reverência e homenagem.

A Uern que trazemos no coração merece que destaquemos o seu percurso histórico e registremos o seu presente, como condição de projeção do possível e realizável nos próximos 50 anos.

Criada em 28 de setembro de 1968, pela Lei Municipal nº 20/68, a Uern nasce como Universidade Regional do Rio Grande do Norte – URRN, vinculada à Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte – FURRN. Uma ousadia que não parou por aí.

No espírito visionário daqueles que a faziam, a universidade conquista, em 8 de janeiro de 1987, sua estadualização, através da Lei Estadual nº 5.546, assinada pelo governador Radir Pereira, ofertando ensino gratuito aos potiguares. Os tempos também eram difíceis, mas, assim como hoje, a universidade persistia em sua missão.

Com sua criação, em 1968, e posterior estadualização, em 1987, a instituição vivencia um outro momento importante, em 1993, quando tem o reconhecimento do Conselho Federal de Educação, do MEC, para funcionar como universidade. Seis anos depois, através da Lei nº 7.761, a universidade passa a se intitular Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como a conhecemos até hoje.

Sua expansão geográfica marca uma fase importante da universidade, a tornando mais acessível a moradores de municípios de outras regiões do estado, inclusive com a criação de novos cursos.

Hoje, presente de forma direta com seis campi, em Assú, Caicó, Mossoró, Natal, Pau dos Ferros e Patu, e trabalhando na construção do campus de Apodi, a marca Uern é forte em todo o Rio Grande do Norte, estando presente também em 11 municípios com os Núcleos Avançados de Ensino Superior.

Temos a alegria de ofertar 67 cursos de graduação e 25 cursos de pós-graduação stricto sensu (três deles terão vagas

abertas em 2019). São 21 mestrados e 4 doutorados, o que representa um aumento de 67% da oferta total de cursos de pós-graduação stricto sensu desde 2014.

Mais de 90% do nosso corpo docente é formado por mestres e doutores, resultado da política de capacitação que também alcança os servidores técnico-administrativos.

Destacamos também o percentual de estudantes oriundos da rede pública, que equivale a 90% do quadro discente. A Uern é uma universidade inclusiva que reserva 50% das vagas para estudantes da rede pública e 5% das vagas para pessoas com deficiência.

Sua política de assistência estudantil é uma marca forte da atual gestão. Após a conquista da paridade no final de 2016, neste ano de 2018 criamos a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), uma antiga reivindicação do movimento estudantil.

A Uern tem ampliado os investimentos para incrementar a assistência estudantil, compreendendo que, além de oportunizar o ingresso do estudante, é preciso ir além e investir em bolsas e projetos que auxiliem em sua permanência na universidade. Atualmente, o valor direcionado em bolsas para estudantes é o dobro do que é reservado para bolsas de capacitação de técnicos e professores.

Nos últimos 5 anos, priorizamos o reconhecimento e renovação de reconhecimento dos seus cursos, o que resultou no Recredenciamento da Universidade pelo Conselho Estadual de Educação em abril de 2018. Nos últimos quatro anos foram entregues 6.745 diplomas no ato da colação de grau. Em 50 anos, já receberam diplomas mais de 42 mil pessoas.

Tendo como marca forte a interiorização do ensino superior, formamos a maioria dos professores que atuam no Estado.

Cabe-nos ainda destacar e referenciar que a Uern é uma universidade inclusiva e democrática. É uma universidade marcadamente popular, dos trabalhadores e seus filhos, por incorporar em seus cursos os alunos das classes populares, das escolas públicas, em sua maioria resultante da implantação de políticas de cotas sociais, reconhecendo o direito ao uso do nome social e, em breve, implantando as cotas étnico-raciais, como mais uma de nossas políticas afirmativas.

A Uern veste-se assim de povo.

Um grande desafio ressignificar-se e identificar-se cada vez mais como Universidade inclusiva e includente, consolidando a sua condição de universidade socialmente referenciada, pautada pelas demandas, problemas e questões das populações mais pobres de nosso Estado.

A Uern é uma universidade democrática, pois tem internamente se fortalecido no diálogo permanente entre gestão e os segmentos acadêmicos, e suas entidades representativas têm pautado suas decisões em seus conselhos superiores e colegiados; têm escolhido seus dirigentes através do voto direto e paritário; têm apontado para um novo estatuto reconhecendo o processo político coletivo, denominado de Estatuinte, e sido pauta do Conselho Universitário para assim consolidar sua nova estrutura normativa.

E nos próximos 50 anos?

Quais serão os desafios enfrentados e os temas a serem pautados?

Como reitor atual, considero que manter a Uern como patrimônio do povo do Rio Grande do Norte seja a nossa grande missão.

E isso se materializa em condições objetivas de vivência e sobrevivência, em investimento no seu pessoal, com salários dignos e pagos em dia, na manutenção e ampliação de sua infraestrutura, no fortalecimento da assistência estudantil, na luta por sua Autonomia Financeira, e o compromisso de manter-se como universidade socialmente referenciada.

A autonomia de gestão financeira e patrimonial é nosso objetivo, meta, rota principal, que consiste, dentre outros aspectos, em:

- Definir, em regulamento próprio, aprovado nos conselhos superiores, normas e procedimentos de elaboração, execução e controle do orçamento, realizando anualmente a prestação pública de contas da dotação e da aplicação de todos os seus recursos (Uern, Projeto de Autonomia, 2016).

A defesa e a materialização da autonomia de gestão financeira e patrimonial devem nos unir e mobilizar nossas energias e relações para sua concretização. É uma luta de todos nós.

A autonomia de gestão financeira e patrimonial ganha sentido cada vez maior quando garante as condições para a universidade definir seus rumos, voltada para a eficiência, eficácia e efetividade de suas ações em favor do

desenvolvimento do estado, da melhoria da qualidade de vida das pessoas, e da inclusão e acesso ao ensino superior.

A Uern socialmente referenciada consiste na destinação de seus recursos humanos e materiais no atendimento das demandas da população, sobretudo das camadas mais carentes, onde o ensino de graduação e pós-graduação seja cada vez mais acessível, resultando na formação de profissionais que serão multiplicadores de conhecimento, ao formar crianças e jovens da educação básica, contribuindo assim com o fim de um quadro triste que ainda nos assola: o analfabetismo.

A Uern socialmente referenciada dispõe seu potencial humano e material no desenvolvimento de pesquisas que pensem prioritariamente problemas locais, possibilitando a revelação de informações capazes de nortear a tomada de decisão pelos governos, para atendimento às demandas postas, por meio de políticas públicas.

Visa também a aposta em ações formativas de curta duração, para projetos de capacitação, cultura e lazer. Exige a canalização de esforços e energias para gestões democráticas e comprometidas com as pessoas.

Assim, materializaremos o Ensino, a Pesquisa, a Extensão e a Gestão pautada pelos anseios de toda a sociedade.

Utopia e sonhos. O que seria de nós humanos se não nos movêssemos de utopias e sonhos? Como afirmamos na carta programa de nossa atual gestão quando “Referimo-nos a um tempo melhor do que este em que vivemos”. E isto é, para nós, uma utopia realizável, porque a Uern que temos hoje já não é mais a mesma que tínhamos ontem, e o amanhã será

diferente desta que estamos vivendo agora. Esse futuro já é presente. E este presente precisa de um novo futuro, pois estamos diante de outros desafios.

Nesse sentido, reproduzindo trecho de nossa carta compromisso de gestão, afirmamos:

No atual contexto, a Uern exige, simultaneamente, um olhar para si e para as outras instituições; para dentro e para fora, porque nada se sustenta sozinho. Não se trata somente de buscar a Uern enquanto instituição que qualifica, profissionaliza e forma em todas as áreas do conhecimento e em todos os níveis cidadãos e cidadãs para o mundo. Trata-se de tê-la enquanto instituição pública educacional, cultural, social, científica que prima pela valorização dos sujeitos e das relações interpessoais para garantir a qualidade da sua função social e, que para isso, tem aberto suas portas para parcerias, diálogos com outros órgãos e instituições da sociedade e do estado.

Essa é uma tarefa, um desafio de todos e todas. Consolidar a Uern como universidade pública, gratuita, de qualidade, socialmente referenciada e autônoma.

Isso deve nos unir.

Isso nos faz compreender nosso lema *Liber vi spiritus* – livre

pela força do espírito.

Frase que moveu os humanistas que fundaram a nossa universidade; que acreditavam na força da educação, para a emancipação do homem, e na força de uma universidade, para a emancipação de uma região.

Trago a Uern no Coração. Que pulse sempre o sonho e a utopia de nossa universidade como transformadora de vidas.

Concluo citando o escritor Eduardo Galeano:

“Existe um único lugar onde o ontem e o hoje se encontram e se reconhecem e se abraçam, e este lugar é o amanhã”.

Nossos agradecimentos a todos e a cada um. Saíamos hoje já para construção dos passos dos próximos 50 anos, tendo a Uern no coração.

Muito obrigado.

51ª Assembleia Universitária da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Discurso do Magnífico Reitor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pedro Fernandes Ribeiro Neto

[SAUDAÇÕES]

Meus amigos,

Minhas amigas,

É com alegria no peito e esperança renovada que chegamos aqui, no quinquagésimo primeiro aniversário da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Uma solenidade marcada pela ilustre presença de nossos estudantes, docentes, técnicos-administrativos, autoridades instituídas e da sociedade potiguar.

Mais do que pedir, é hora de agradecer. E não só agradecer. É hora de acreditar num futuro melhor.

Ao longo de 51 anos de história, a Uern notabiliza-se por sua atuação social, formando profissionais em áreas vitais do conhecimento. Na humanização do saber compartilhado, atua como agente integrador com a sociedade num processo de educação, cidadania e qualificação profissional do povo potiguar. Neste percurso, desafios não faltaram. Desconfianças também. Mas, inabalavelmente, a Uern seguiu seu rumo, sem perder de vista o horizonte que nos guia até hoje.

Nossa obstinação é maior do que tudo isso.

Num contexto onde as universidades públicas são postas em xeque, permanecermos firmes em nosso caminho é mais que resiliência. É ter a certeza que a determinação e força do hoje são a base da construção do legado do amanhã. É honrar também o trabalho de todos que passaram por esta universidade antes de nós. Sem eles, não estaríamos aqui.

Por isso, lutamos. Para que haja amanhã, e ele seja mais forte, justo e igual.

Nos olhos das mães e dos pais que assistem à conquista de seus filhos, nas refeições de grau que realizamos todos os anos, renovamos a certeza do quanto esta universidade faz a diferença na vida do povo potiguar.

Universidade esta que, na contramão do que muitos consideravam lógico, olha para o Rio Grande do Norte partindo do interior, enxergando e construindo o estado de dentro pra fora.

Único.

Antes e depois da Reta Tabajara.

Patrimônio físico e histórico do nosso povo, a Uern está presente em seis municípios, através de seus campi em Natal, Pau dos Ferros, Caicó, Assú e Patu, e do campus Central, em Mossoró. Sua capilaridade de atuação cobre todo o Rio Grande do Norte.

Com mais de 12 mil alunos em seus cursos de graduação, extensão e pós-graduação, a universidade é hoje referência na formação de professores, sendo responsável pela entrega de

90% dos profissionais da rede básica de ensino do estado. Na formação dos nossos filhos pequenos ou adolescentes, a Uern está presente.

Nos tribunais e fóruns de justiça, difícil é não encontrar advogados, promotores e juízes, formados nas salas de aula da instituição. Cena que se repete em unidades de saúde espalhadas em cidades potiguares, assim como entre novos empresários e empreendedores, somente para citar alguns casos.

Com um noticiário tomado por manchetes sobre crise financeira, desequilíbrio fiscal e ataques a instituições públicas de ensino, a Uern segue firme, melhorando seus indicadores, ampliando seus resultados e consolidando a eficiência de seus serviços.

Ao mesmo tempo, temos fortalecido a parceria com o Governo do Estado, com total disposição para construirmos juntos soluções eficientes na retomada do crescimento econômico e melhoria dos indicadores sociais do Rio Grande do Norte.

Isso é urgente.

Os recursos escassos não impediram, por exemplo, que a Uern ampliasse em 14% a quantidade de vagas ofertadas em nossos cursos de graduação, nos últimos anos.

Em menos de dez anos – de 2012 para cá – crescemos 214% na quantidade de programas de pós-graduação instalados, saltando de 07 mestrados, em 2012, para 22 mestrados e 04 doutorados, em 2019. Todos eles, cabe destacar, em cidades do interior. Uma política estratégica de fomentar o desenvolvimento científico em pequenas e médias cidades

potiguanes, respeitando as particularidades da região e fazendo disso um diferencial na produção de conhecimento destes programas. Tendo o prazer, vale destacar, de fazer a entrega simbólica do diploma, nesta noite, a três doutores formados pela Uern.

O número de pessoas atendidas por nossos projetos e ações de extensão passou de 8.700, em 2013, para 123 mil, no decorrer deste ano.

Se em 2013 não contávamos com nenhum recurso para bolsas aos nossos alunos extensionistas, hoje conseguimos garantir mais de R\$ 300 mil em bolsas, somente nesta área da extensão.

Paralelamente a tudo isso, tivemos todas nossas contas auditadas e aprovadas por órgãos de controle como Tribunal de Contas do Estado, Controladoria Geral da União e Controladoria Geral do Estado, assim como fortalecemos nossa política de transparência dos dados públicos, criando mecanismos que facilitem o acesso do cidadão a estas informações.

Nossos cursos se consolidaram junto ao Conselho Estadual de Educação, com reconhecimento e aprovação.

Tudo isso com foco naqueles que são a base da existência desta universidade: os nossos estudantes.

Quando muitos falavam em outras prioridades, nós fomos ouvi-los. E juntos, construímos soluções que, mesmo num cenário adverso, tornou a universidade mais forte e democrática.

Foi assim com o desafio da criação da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, a Prae. Através dela, aprofundamos e

otimizamos nossa política de assistência estudantil, obtendo hoje resultados expressivos e que fazem a diferença na vida dos nossos estudantes.

Neste diálogo permanente é que fomos ao Governo do Estado apresentar a proposta de inclusão da Uern como beneficiária do Fundo Estadual de Combate à Pobreza (Fecop), tornando possível um investimento maior na assistência estudantil. A governadora Fátima Bezerra não só aprovou a ideia, como garantiu a destinação de R\$ 11 milhões para os próximos quatro anos.

Trabalho semelhante tornou possível a ampliação dos serviços do restaurante popular, em Mossoró, garantindo café, almoço e jantar a preços subsidiados, não só para nossos estudantes, mas também para a comunidade.

Mais que isso, já asseguramos com a Secretaria de Estado do Trabalho, da Habitação e da Assistência Social (Sethas) a implantação de unidades do restaurante em outros campi da universidade, começando por Patu e Pau dos Ferros.

Pautada pelo movimento estudantil e movimento negro da Uern, a implantação das cotas étnico-raciais na universidade é outra vitória que nos orgulhamos de conquistar e comemorar nesta assembleia de 51 anos.

Resultado de muitas discussões, o fortalecimento da nossa política de cotas está assegurado pela lei 10.480/2019, sancionada em janeiro pela governadora Fátima Bezerra.

Além de prever o percentual de vagas para pessoas autodeclaradas pretas, pardas ou indígenas, a lei preserva os 50% de vagas para cota social e 5% para pessoas com

deficiência, e inova ao garantir um peso de 10% na nota do Enem a todos os estudantes de escolas públicas ou privadas do Rio Grande do Norte, através do argumento de inclusão regional.

Nada disso seria possível sem uma política de gestão austera e compromissada.

Sem um quadro de servidores eficiente, comprometido e totalmente dedicado a esta instituição, dificilmente teríamos conseguido passar por este deserto que, para muitos, parece não ter fim. Sempre digo que são as pessoas que fazem a Uern.

Foi com este pensamento que construímos com a comunidade acadêmica o entendimento da necessidade de um grande concurso público, em 2010 e, posteriormente, em 2016, para suprir a carência de servidores que já comprometia as atribuições da instituição. Hoje, nos orgulhamos de contar com 1.451 servidores ativos, entre docentes e técnicos. A construção de uma política forte de qualificação tornou possível que hoje, dos 817 docentes efetivos da instituição, 90% sejam de mestres e doutores.

Entre os 634 servidores técnico administrativos, a maioria é formada por mestres e especialistas. Não bastasse toda esta qualificação, temos um corpo de servidores que destaca-se por seu lado humano e prestativo, tornando a Uern referência no atendimento ao público.

A vocês, meu muito obrigado!

Sem esta energia, dedicação, e empenho seria difícil manter esta instituição nos trilhos.

É com o pensamento positivo que seguimos em frente, tendo em nosso horizonte o sonho da autonomia financeira. Sonho já conquistado por muitas instituições e responsável por torná-las referências no país, devido às possibilidades de investimento surgidas após esta garantia.

Casos como o da Unicamp, Unesp e Usp – com suas autonomias obtidas no final da década de 90 – revelam o quão esta medida é necessária à sustentabilidade de uma universidade estadual.

Num exemplo mais próximo, temos a Universidade Estadual da Paraíba e toda sua capacidade instalada tornada possível depois da conquista de sua autonomia de gestão financeira.

Para isso, temos certeza que contaremos com a sensibilidade e vontade da governadora Fátima Bezerra, a quem a universidade é grata pelo histórico de apoio e defesa em todos os seus mandatos políticos.

A conquista da autonomia financeira será a concretização de um sonho coletivo, construído por muitos e que revela-se como caminho sólido para a sustentação da Uern e sua consolidação como instituição de excelência no ensino, pesquisa e extensão.

Permanecemos de braços dados com todos aqueles interessados no desenvolvimento do Rio Grande do Norte, pois somos cientes da riqueza deste estado e de tudo que ele pode fazer pelo Brasil.

O fortalecimento do Rio Grande do Norte é para agora, e ele passa pela Universidade do Estado do Rio grande do Norte. Tenham certeza disso.

Se com tão pouco fizemos tanto, imagine o que podemos fazer com as condições ideais?

Arregacemos as mangas. O futuro é agora e já começou.

Muito obrigado!

52ª Assembleia Universitária da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Discurso da Magnífica Reitora em Exercício da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Fátima Raquel Rosado Moraes

A noite desta segunda-feira, 28 de setembro, data maior de nossa universidade, representa também um símbolo na memória coletiva de todos que fazem a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Não há como olhar para o vazio da plateia deste teatro sem sentir o impacto que a pandemia do novo coronavírus provocou – e ainda provoca – no mundo.

Já não somos os mesmos. Se somos, talvez não tenhamos entendido tudo que nos aconteceu desde março deste ano.

Neste vazio que vejo diante de mim, traduz-se um pouco do silêncio que passou a ser presença dentro de cada um de nós, com o sofrimento e saudade daqueles que partiram num ponto da trajetória que ainda havia muito a ser percorrido.

Pessoas como nosso amigo e colega de trabalho, Luiz di Souza.

Professor Luiz, tenha certeza que sua partida será sempre sentida e seu legado em defesa da educação pública e da Uern estará vivo em nossas ações, com a nossa responsabilidade de traduzi-lo em ações, como tão bem você fazia.

Este vírus é devastador e permanece sendo um dos nossos maiores desafios.

Como todas as instituições, as universidades tiveram que se reinventar. E, num cenário adverso, com escassez de investimentos, ataques a sua legitimidade e importância, e questionamentos sobre a credibilidade de seu trabalho, temos sido resiliência, seriedade, compromisso e responsabilidade social.

Vêm das universidades públicas brasileiras algumas das ações de maior impacto no combate à pandemia da Covid-19, através de pesquisas científicas, da inovação no ensino e do fortalecimento e ampliação da extensão universitária. Quando o país mais precisou, as universidades estavam onde sempre estiveram: a serviço da ciência e do povo.

No Rio Grande do Norte, fomos a primeira instituição de ensino superior a determinar a suspensão das atividades presenciais, num momento que muitos julgavam a decisão como precipitada.

Os dias que se seguiram mostraram que estávamos certos, e reafirmaram que o zelo e cuidado adotados pela Uern deveriam ser regra, e não exceção, no planejamento estratégico contra o avanço da Covid-19.

Como todo novo momento requer, fomos estudando os cenários, dia após dia, e junto com os segmentos acadêmicos, buscamos traçar caminhos que garantissem a manutenção dos serviços essenciais prestados pela universidade, reduzindo ao máximo os danos ao público.

Palestras, oficinas, aulas públicas e conferências, realizadas

por nossos professores, técnicos e estudantes, chegaram a mais de 100 mil pessoas, pela internet, somente nos primeiros meses após a suspensão das atividades presenciais.

A Uern não parou.

A universidade atuou como aliada da população desenvolvendo uma série de atividades na prestação de serviços na área de saúde, desenvolvimento e produção de insumos, capacitação de profissionais, suporte psicossocial e mantendo seu compromisso com a formação de nossos estudantes.

Em tudo isso, contamos com o empenho, dedicação e competência de nossos professores, técnicos e estudantes.

Fomos a segunda universidade do país a viabilizar a colação de grau de estudantes dos cursos de saúde para atuarem no enfrentamento da pandemia.

As tradicionais colações de grau realizadas aqui neste teatro, com familiares e amigos, abriram espaço para colações mais intimistas, com cada estudante recebendo o grau em sua casa, numa solenidade virtual. O formato mudou, mas a alegria e emoção são as mesmas. Nossa missão de formar com qualidade cidadãos e profissionais em diversas áreas do saber permanece.

Com muito debate e compreensão, conseguimos aprovar a retomada do calendário acadêmico, agora em modalidade remota. Os desafios são diários, mas com o compromisso de sempre, estamos conseguindo superar as necessidades que se apresentam, contando com apoio de todos.

Foi assim que ampliamos nosso programa de auxílio inclusão digital, tornando possível a aquisição de equipamentos e

pacotes de internet para que nossos estudantes em situação de vulnerabilidade não fiquem para trás. São mil bolsas no valor de mil reais, cada uma.

Treinamos e capacitamos nossos professores e técnicos, garantindo alternativas para que este novo momento represente uma experiência de aprendizado também para nós que estamos na sala de aula, todos os dias. Da mesma forma, levamos formação e imersão digital aos nossos estudantes para melhor acompanhamento de suas aulas, nesse novo formato.

O mesmo zelo e cuidado que marcaram nossas decisões no início desta história estão presentes agora quando algumas atividades presenciais são retomadas nos órgãos públicos.

Na Uern, nossa equipe tem trabalhado todos os dias para garantir as condições necessárias de insumos e estrutura para, no momento certo, termos as condições adequadas para voltarmos às nossas atividades presencialmente.

No ano do seu quinquagésimo segundo aniversário, a Uern enfrentou um grande desafio. Mas, em mais de meio século, desafios são uma constante na história da nossa universidade e sempre os superamos. Por isso chegamos até aqui. Resultado de muitos e muitas que nos antecederam e tornaram-se pilares desta instituição. A eles e elas, nossa reverência e agradecimento.

Aos homenageados desta noite, muito obrigada, em nome de todos que constroem esta universidade. O exemplo de cada um de vocês serve-nos de inspiração e força.

Quero destacar aqui um agradecimento ao professor

Boaventura de Sousa Santos – Doutor Honoris Causa desta universidade –, que gentilmente reservou um tempo de seus dias para trazer uma mensagem à nossa comunidade, nesta data tão especial. Muito obrigada, professor.

A partir desta semana, terei uma responsabilidade ainda maior, que será a de conduzir a administração central desta universidade durante o licenciamento do reitor Pedro Fernandes, parceiro de gestão que com sua visão e compromisso público tem sido peça fundamental neste projeto de fortalecimento e engrandecimento da Uern.

Se em meio a tantos momentos difíceis a universidade tem conseguido tantos resultados, é fruto de uma gestão coletiva e, acima de tudo, horizontal. Somos todos um.

Juntos, contando com uma das melhores equipes de servidores públicos deste estado, temos construído um caminho sólido e de respeito para a Uern.

Mas é preciso mais. Não abrimos mão da nossa autonomia financeira, e por ela seguiremos trabalhando junto ao Governo do Estado, na fé de que em breve teremos esta pauta concretizada. Foi essa a garantia dada pela governadora Fátima Bezerra, parceira desta instituição em todos os momentos.

A autonomia financeira é a garantia de termos a condição de superar obstáculos que nos são muito caros, principalmente aqueles que envolvem a necessidade de investimentos financeiros.

Nos próximos 365 dias, novos desafios virão. E temos uma certeza: estaremos prontos para superá-los.

Muito obrigada!

53ª Assembleia Universitária da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Discurso da Magnífica Reitora em Exercício da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Fátima Raquel Rosado Morais

[Saudação às autoridades]

Senhoras e senhores, impossível estar aqui, neste momento, olhar para vocês e não me emocionar.

A imagem das cadeiras ocupadas, com todos mantendo os cuidados necessários, traz-me de volta a este mesmo palco, há exatamente um ano, em um cenário um pouco diferente.

Daqui onde estou, o vazio da plateia era impactante.

Com o mundo pego de surpresa pela pandemia da COVID-19, chegamos em setembro de 2020 com o coração doído e assustado, vendo cada vez mais pessoas queridas partirem, vítimas de uma doença recém-descoberta.

Pela primeira vez na história, fizemos uma assembleia universitária sem a presença da nossa comunidade. Por questão de segurança sanitária, toda a solenidade foi transmitida ao vivo pela internet e pela TV, com poucas pessoas neste teatro.

Naquela noite, percebemos, ao mesmo tempo, o quanto um vazio pode ser profundo e como sentimentos de carinho, empatia e compreensão nos chegam mesmo a distância.

Sozinha no palco, pude sentir a energia e a força de toda nossa comunidade, numa espécie de recado que parecia dizer:

Isso vai passar! Estamos juntos!

Vocês não sabem o quanto isso foi importante.

Os cuidados permanecem, e devem permanecer, mas já vemos a vida retomando seu curso devagarinho.

É claro que numa experiência intensa como tem sido a pandemia, a retomada não é nada simples. Ela requer prudência e senso de coletividade. Duas preocupações, aliás, que foram base do trabalho da Uern desde março do ano passado, quando a pandemia surgiu para todos nós.

Assumindo a Reitoria em exercício da instituição, começava ali um dos maiores desafios da minha carreira dentro da Uern.

Hoje, fechamos um ciclo de gestão administrativa que tive a imensa alegria de fazer parte.

Ao lado do professor Pedro Fernandes, reitor eleito e reeleito, vivenciei momentos decisivos para a história da Uern e pude entender ainda mais a grandeza desta instituição para o Rio Grande do Norte.

Nos últimos oito anos, a Uern conquistou algo fundamental para a sua visibilidade e reconhecimento como instituição de ensino superior: o caminho da consolidação acadêmica.

A aposta na qualificação e reconhecimento de seus cursos de graduação e pós-graduação; o fortalecimento do seu quadro de pessoal; o investimento sério na assistência estudantil, e uma política permanente de avaliação institucional desenharam um novo momento para a Uern.

Melhoramos os nossos indicadores, conseguindo fazer o nosso índice geral de cursos – o IGC/INEP – sair de 2,5, em 2014, para 2,89, em 2019, mantendo a universidade na faixa 3 e ficando ainda mais perto da faixa 4, numa escala máxima de 5. Um salto importante, principalmente quando levado em consideração o difícil cenário político e financeiro do estado nesse período.

Com uma gestão responsável e transparente, tivemos nossas contas auditadas e aprovadas por diferentes órgãos de controle.

Enquanto alguns setores tentavam macular a imagem da instituição, com ataques e mentiras, os órgãos de auditorias elogiavam a seriedade e comprometimento do trabalho de nossa equipe.

Fortalecemos a política institucional de comunicação e transparência, implantando canais como o sistema de informação ao cidadão – e-sic – e o jornal oficial – o JoUern, um marco que deixamos como legado na história da universidade.

Com a implantação do sistema eletrônico de informações (SEI), reduzimos em mais de 90% o consumo de papel, além de modernizar o trâmite administrativo na instituição.

Em constante diálogo com os estudantes, construímos conjuntamente caminhos que mudaram a cara da assistência estudantil.

Somente em auxílio financeiro ao estudante, saímos de um investimento de R\$ 153 mil – em 2014 –, para R\$ 2,4 milhões, em 2020, envolvendo recursos da fonte 100 e de captação externa. Não é pouca coisa.

Fruto da escuta e diálogo com a comunidade, principalmente com a classe estudantil, implantamos as cotas étnico-raciais nos cursos de graduação e pós-graduação, além de garantir aos estudantes de escolas públicas e privadas do Rio Grande do Norte um peso diferenciado na nota de acesso, por meio do argumento de inclusão regional. Ações que revelam o cumprimento da nossa missão enquanto universidade socialmente referenciada.

Fortalecemos a política institucional de capacitação docente e de técnicos administrativos, fomentando um crescimento no número de servidores doutores e mestres.

São muitos os resultados deste período de gestão. Todos eles podem ser conferidos no relatório de gestão 2013-2021, disponível a partir de hoje no site da Uern. Mais que um simples documento, ali estão as informações sobre o quanto a instituição cresceu, nos últimos oito anos, por meio do trabalho de uma equipe de profissionais das melhores deste estado. A todos vocês, muito obrigada.

Encerramos este ciclo com o sentimento de dever cumprido. Tenham certeza que, nestes oito anos, cada profissional dessa equipe de gestão dedicou a maior parte dos seus dias à Uern. Humanos como somos, falhas ficaram pelo percurso. Mas, em todas elas, o desejo de acertar sempre foi maior.

Agradeço ao reitor Pedro Fernandes pela oportunidade de tê-lo ao lado como colega de trabalho, mas, acima de tudo, como amigo leal em todas as horas. Seu visionarismo tornou possível que hoje chegássemos aqui, temos muito a comemorar.

Agradeço a todos que compuseram nossa equipe de gestão.

Uma universidade forte só é possível pelo coletivo e vocês foram essenciais neste trajeto.

À governadora Fátima Bezerra, chanceler da nossa instituição, obrigada pelo acolhimento e sinceridade de sempre. Seu exemplo de mulher, de gestora pública e de ser humano inspira e serve de exemplo. Siga firme nos seus sonhos e não tire a Uern de suas prioridades. Um Rio Grande do Norte diferente e mais justo passa, inevitavelmente, pelo investimento na única universidade que o estado possui.

Ao prefeito Allysson Bezerra, obrigada pela disposição de estar junto com a Uern na missão de transformar vidas. A experiência da união da universidade com a prefeitura na vacinação dos mossoroenses mostrou à sociedade como é forte e importante quando os setores da sociedade se juntam em um objetivo comum.

Às deputadas, deputados, senadoras e senadores, nosso sincero agradecimento. O trabalho de vocês é fundamental para a construção de uma sociedade melhor. Por isso, o comprometimento com a educação pública deve ser um farol a guiar-lhes na trajetória.

À comunidade Uerniana, muito obrigada pela confiança, pelas divergências que nos fizeram crescer e aprender, e pela força e dedicação empenhadas na luta diária por uma universidade mais forte.

Peço licença para um agradecimento muito especial à minha família. Sem vocês essa missão teria sido muito difícil. obrigada pelo amor, companhia e compreensão.

A partir de hoje, a Uern passa a ser dirigida pelos professores

Cicília Maia, reitora, e Chico Dantas, vice-reitor.

Não poderia sentir prazer maior que o que sinto agora, ao ter a certeza que a universidade segue em boas mãos, sob a liderança de profissionais que têm a vida dedicada à educação pública e comprometida com a Uern.

Professora Cicília, nossa parceria profissional vem de longe. Mas, nos últimos anos, ela ficou ainda mais forte. Mais que isso. Em Cicília encontrei uma amiga daquelas que não se vê todos os dias por aí. Nas angústias, sua paciência e mansidão trouxeram leveza aos dias turbulentos. Sua sensibilidade e atenção com o outro vão fazer toda a diferença na história que começa a ser escrita nesta noite.

Com o coração leve e agradecido, encerro estas palavras, confiante de que tudo o que fizemos foi importante para chegarmos a este ponto, mas o melhor sempre está por vir.

Sejamos fortes, corajosos e obstinados para seguir.

Viva a Uern! Obrigada!



CAPÍTULO II:



ENTREVISTAS

Uern - Revista 46 anos

Entrevista com Pedro Fernandes

No primeiro ano da gestão Pedro Fernandes/Aldo Gondim três princípios foram implantados e perseguidos: Gestão democrática e participativa com inserção social; Crescimento com qualidade acadêmico/científico no ensino, pesquisa e extensão; e Modernização administrativa, infraestrutural e operativa da instituição.

Em entrevista à Agecom, o reitor fala desses e de outros assuntos, como o diálogo constante estabelecido com os segmentos acadêmicos e o envolvimento com os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, além da nova política de assistência estudantil, interação com o conselho estadual de ensino e outros temas da instituição.

Reitor, o que lhe surpreendeu positivamente ao assumir o comando da Uern?

Tomamos posse no dia 28 de setembro de 2013, mas, já conhecíamos bem a nossa Uern. Como professor e pró-reitor de pesquisa e pós-graduação sempre procurei ter uma atuação bem participativa. Além do mais, no período de transição entre a eleição e a posse, nos aprofundamos em todos os aspectos relacionados à Universidade. No entanto, cada dia aparecem novas demandas. Cada dia é um novo aprendizado. O que eu

posso dizer é que encontrei uma universidade com ensino de excelência, servidores empenhados, alunos dedicados e agora estamos mais focados na assistência estudantil e nas obras de infraestrutura.

E o que o senhor apontaria como missão principal da Uern dentro desse novo modelo de gestão?

Inserção social e inclusiva. Nós precisamos assegurar que o nosso egresso não se assuste ao receber o diploma, para isso estamos buscando alternativas para que a formação não seja dada somente como transmissão de conteúdo em uma sala de aula, o aluno antes de se formar já deve conhecer o seu ambiente de trabalho. No caso das licenciaturas, o programa institucional de bolsas de iniciação à docência - PIBID/CAPES/MEC é o maior do RN e para os bacharelados, buscamos melhorias estruturais e/ou convênios para prática jurídica, ambulatórios, clínicas odontológicas, hospitais, conservatórios de música, práticas desportivas e culturais, incubadora, FM e TV universitárias, além de estimularmos a prática do estágio não obrigatório. Devemos ainda destacar o papel primordial da Uern na formação de professores e médicos. Em Mossoró, por exemplo, 94% dos professores da rede básica municipal são egressos da Uern. Em muitos municípios chegamos a alcançar 100%. Além das licenciaturas com entradas regulares, nós temos o Plano Nacional de Formação de Professores - PARFOR/CAPES/MEC que oportuniza a primeira licenciatura para professores na educação básica e a segunda licenciatura àqueles que

atuam fora da sua área de formação específica. Quanto aos médicos, somos ainda a única instituição do interior do Estado oferecendo essa formação, com quatro turmas concluídas. O curso de Medicina da Uern tem conceito 5 no ENADE, considerado o máximo. Avançamos também na formação de pós-graduação com residências médicas, iniciaremos três em 2015, mestrado e doutorado. Aqui um marco para nossa instituição, pois nunca tínhamos oferecido vagas para doutorandos, e em 2014 abrimos as primeiras no programa SBBQ. Esses dados comprovam a formação de qualidade na nossa Uern.

A Uern mais que dobrou as vagas de Medicina, não é isso?

Sim. No momento em que o país clama por mais médicos para melhorar a saúde pública, a Uern se insere nesse contexto. A Faculdade de Ciências da Saúde (FACS), completando 10 anos, já demonstra maturidade na formação. Então, fomos ao Ministério da Educação e ao Ministério da Saúde, além do Governo do Estado e da Prefeitura de Mossoró, obviamente que após de termos conversado com o colegiado da FACS. Em todos esses momentos identificamos oportunidades e o desejo de que ampliássemos as vagas. Nesse último Processo Seletivo Vocacionado (PSV) passamos de 26 para 60 vagas, com uma concorrência de 144/vaga, assegurando 30 vagas para alunos da escola pública e 4 para pessoas com necessidades especiais. Destacamos o credenciamento dos ambulatórios, formalizando os procedimentos pelo SUS.

O senhor falou que a Universidade está investindo em infraestrutura...

Exato. Nós assumimos a Reitoria com três obras inacabadas e paralisadas, a saber: o novo bloco da Faculdade e Ciências Exatas e Naturais – FANAT, no Campus Central, o Campus de Natal – CAN e o de Caicó – CAC. A FANAT nós apresentamos um cronograma físico financeiro ao Governo para conclusão da obra em vinte e quatro meses, ou seja, março/2016. A empresa aceitou e retomou as obras. Para a conclusão do CAN, um recurso de seis milhões e duzentos mil reais foi assegurado dentro do Proinvest (empréstimo do governo com o Banco do Brasil). Apesar dos recursos, faltavam documentos para liberação. Agora em agosto/2014, estamos aguardando apenas a licença ambiental na SEMURB/PMN. Também já conversamos com a empresa detentora da licitação que acata retomar a obra. Até a conclusão, o Campus deve funcionar no Complexo Cultural que está sendo adaptado. O CAC, depois de várias conversas com os representantes do Campus, nós identificamos a inviabilidade de retomar a obra, até mesmo pelo motivo de não existir uma empresa licitada e as duas últimas licitações deram desertas. Então mobilizamos o Governo e a Assembleia Legislativa para adequação da lei do Proinveste, permitindo que os recursos fossem destinados não somente para a conclusão do Campus de Natal, mas também que pudessem ser aplicados em um outro Campus, no caso, Caicó. Devemos ressaltar que a conclusão do CAN deve ser assegurada. Concomitante à garantia dos recursos, fizemos uma prospecção por espaços que fossem adequados. Então ao

identificarmos que a Escola estadual Joaquim Apolinar não estava oferecendo nenhuma atividade de educação básica, nossa equipe de obras fez um orçamento para adequação e então mais uma vez seguimos todo um caminho burocrático para doação do prédio. Para os prédios já existentes, focamos na manutenção e aqui aproveito para comentar sobre uma recomendação do Ministério Público em agosto/2014 que, após apresentarmos todos os documentos com orçamento, cronograma, empresa licitada, foi suspensa. Mais especificamente já trabalhamos na Fanat, na Faculdade de Serviço Social, Faculdade de Letras e Artes, na Faculdade de Enfermagem, no Campus avançado de Patu e no Prof. Walter de Sá Leitão, em Assú. Reitero que temos plena convicção da urgência dessa ação. Destaco também o diagnóstico que fizemos da rede elétrica de todos os endereços da instituição, bem como um plano corretivo e de ampliação; a instalação da rede nacional de pesquisa – RNP para internet; e o projeto de acessibilidade amplo da Uern. Também reiteramos que o orçamento de 2015 para investimento é fruto dos diálogos com os diretores das unidades acadêmicas que apresentam as demandas, adicionadas ao plano plurianual e a nossa carta programa. Uma grande conquista foi a liberação dos recursos para construção dos campus Apodi, aprovado pelo CONSUNI, e para a construção da biblioteca do Campus avançado Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia em Pau dos Ferros.

Reitor, independente dessas obras, a Uern tem algum projeto para o Campus Central?

Temos sim. Já existe um projeto de urbanização e reestruturação

do Campus Central cuja execução está na dependência da liberação de emendas ao Orçamento Geral da União. No OGU, temos indicações de emendas de bancada da deputada Sandra Rosado e do Governo do Estado. Aqui empenhamos todos os esforços, pois a liberação de tais recursos permitiria que a administração, que fica no centro da cidade, fosse toda para o Campus Central. Com o programa RN Sustentável, a Uern foi contemplada com a construção de um hospital Materno Infantil destinado ao atendimento à mulher e à criança que será referência para a Região Oeste e Vale do Açu com a capacidade operacional de setenta leitos obstétricos e trinta pediátricos, além de cinquenta leitos complementares, atenção humanizada ao aborto (entre os leitos obstétricos), atendimento aos casos de violência sexual e banco de leite humano. Aqui registro que os cursos de Serviço Social, Enfermagem, Medicina, Direito, Comunicação, por exemplo, terão um excelente campo de estágio. No ministério dos Esportes, a Uern foi contemplada com uma pista de atletismo. Ainda perseguimos a construção de um estádio de futebol.

O que mudaria na estrutura da Universidade, a partir dessa reurbanização do Campus Central?

Quando assumimos, a Uern tinha 16 endereços e pagávamos aluguel em onze destes. Além de comprometer o já comprometido custeio, toda uma demanda de energia, internet acessibilidade, segurança, limpeza torna-se necessárias. Com a urbanização do Campus Central, ficaríamos com três endereços. Assim, praticamente concentraríamos todos

os setores da Uern no Campus, que, aliás, além dos blocos administrativos e acadêmicos, o projeto contempla duas residências universitárias e a nova biblioteca. Mas, insisto, estamos na dependência dos recursos orçamentários e financeiros, ao mesmo tempo em que precisamos dessa ação urgente. Todo esse trabalho é guiado por um plano diretor que foi construído e que faremos para todos os Campi.

E por falar em recursos orçamentários, qual o tratamento do governo e das bancadas (federal e estadual) em relação a emendas?

Nossa posse se deu durante a discussão de emendas orçamentárias. Por isso, tivemos que priorizar esse momento. Fomos a Brasília e conseguimos o apoio dos nossos parlamentares. A Uern foi contemplada com sete emendas individuais e duas de bancada. Todavia, essas emendas podemos dizer que possuem três estágios, a indicação, o empenho e a liberação. No segundo estágio temos a do Dep. Henrique Alves e a do Dep. Felipe Maia, que por serem impositivas serão liberadas. Ainda aguardamos o empenho das demais. E não foram só os parlamentares federais. Os deputados estaduais também destinaram recursos no OGE. Tivemos emendas individuais e de bancada também. Eu gostaria de dizer que esse apoio é importante porque ampliamos nossas oportunidades e assim conseguiremos atender demandas especializadas e de alto valor. Com essas emendas equipamos laboratórios, salas de aula, bibliotecas, para os quais, além da infraestrutura, empenhamos cento e

noventa mil reais para aquisição de livros, ambientes de trabalho e também tivemos condições de construir obras em todo o âmbito da Universidade. Diante disso é que a Uern quer ser contemplada no OGU e no OGE de 2015. Aproveito aqui para dizer também que estamos intensificando outras formas de captação de recursos. Nesses últimos doze meses, nós deflagramos parcerias com os Ministérios da Educação; Saúde; Ciência, Tecnologia e Inovação; Comunicações; Esportes; Cultura; Previdência Social; Desenvolvimento Social e da Justiça. No âmbito estadual nós desenvolvemos parceria com as secretarias de Educação; Saúde; Trabalho, Habitação e Assistência Social; Agricultura e da Pesca; Infraestrutura; Desenvolvimento Econômico e com fundação de Apoio e Pesquisa - Fapern; Administração e Escola de Governo; Esporte; Justiça; e Meio Ambiente e Recursos Hídricos; além da Companhia de Águas e Esgotos - Caern. Na esfera municipal também firmamos parcerias. A elaboração de projetos, submissão a editais e aprovação tem sido uma prática crescente na nossa instituição. Identificamos os pesquisadores, extensionistas, pró-reitorias, assessores e alunos todos engajados. Como modernização operativa temos agora a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado do Rio Grande do Norte - Funcitem.

Entrevista com o Reitor Pedro Fernandes

Ao completar 47 anos, a Uern vivencia um período de aprimoramento, com processos bem definidos e transparentes, com seus atos e patrimônios regulamentados. Isto é fundamental, pois, passados 27 anos da promulgação da Constituição Federal, persiste a interpretação equivocada de que o ensino superior público é de competência única e exclusiva da União. Essa inferência surge do fato de os municípios e estados terem que priorizar a educação básica, e de forma residual, o que não está explícito. Resta o ensino superior à União. Nesta entrevista, o reitor Pedro Fernandes fala da universidade que produz ciência, tecnologia e inovação

Reitor, dois anos de gestão. Que avanços podem ser contabilizados em termos de infraestrutura, neste período?

Antes de elencar o que estamos fazendo nesta área, descrevo a metodologia adotada pela nossa gestão. Para começar, não podemos mais continuar nos expandindo, ante as demandas por novos espaços, sem a devida prospecção do que já temos, e do que precisamos redimensionar, reformar, reestruturar, para então construir. A infraestrutura de qualquer IES é fundamental para o perfeito funcionamento de um curso; por conseguinte para uma formação de qualidade. Tanto é que o

processo de reconhecimento dos cursos de graduação e pós-graduação aponta esse item como prioritário. Na graduação são avaliados: Projeto pedagógico do curso (PPC); Corpo docente; Infraestrutura, sendo todas com o mesmo peso no resultado. Nossa primeira etapa foi identificar a estrutura e a equipe de trabalho. Designamos uma assessoria técnica, promovendo o envolvimento intra e intersetorial. Em seguida, começamos o redimensionamento dos nossos espaços, a avaliação dos existentes e a elaboração de projetos novos, visando a contemplar demandas inovadoras, como é o caso do centro de tecnologia do sal. A terceira etapa foi a garantia do orçamento para investimentos, com recursos financeiros do mantenedor, e de convênios. Tais etapas acontecem de forma concorrente e cíclica.

Entregamos sete imóveis alugados, dos doze contratos existentes. Permanecemos apenas com as quatro residências universitárias em Mossoró e a sala dos conselhos, no prédio da Reitoria. Destaco que três residências universitárias foram substituídas por ambientes mais adequados. Ainda que estamos em fase de locação de residências universitárias nos campi avançados e que a economia nos aluguéis nos propiciou a criação e implementação das bolsas denominadas “Programa de Assistência Estudantil (PAE)”, atualmente duzentas, e trezentas bolsas de alimentação para suprir a ausência de restaurantes universitários. As reformas físicas, algumas já concluídas, outras em obra, podem ser vistas em todos os espaços da Universidade, Reitoria, unidades acadêmicas e campi avançados. Restruturamos espaços acadêmicos e administrativos, instalações elétricas e exigências de acessibilidade. Também estamos buscando alternativas

ao acesso adequado à internet. Algumas construções, já iniciadas, podem ser vistas e outras contam com convênio assinado. Importante frisar que todo esse trabalho tem como premissa a propriedade dos espaços. Destacamos o colaborativo trabalho para termos a escritura pública do ACEU, e aquisição do prédio para instalações definitivas do Campus de Caicó, doado pela Prefeitura Municipal, o que mostra a importância das parcerias com os municípios. Aqui entra o trabalho responsável e integrado dos alunos, técnicos e docentes do Campus de Caicó. Em suma, incluindo reformas, reestruturações e construções, neste setembro de 2015, temos em Mossoró doze contratos, sendo onze no Campus Central, um em Patu, três em Pau dos Ferros, um em Assú, um em Caicó, e dois em Natal, além da construção do Campus de Apodi.

Há uma parceria da Uern com o Tribunal de Justiça do RN (TJRN), não é isso?

Esse convênio tem trazido resultados muito positivos. A cessão do espaço onde funcionava o Fórum Dr. Silveira Martins resgata a motivação de todos que fazem esse excelente trabalho. Temos docentes, advogados, técnicos administrativos, idem assistentes sociais, vigilantes, auxiliares de serviços diversos (ASD) e, especialmente, graduandos em direito que, por alguns anos, conduziram esse importante instrumento de prestação de serviços e de formação em casas alugadas e, geralmente, inadequadas. Então, da parceria com a Escola de Magistratura do Rio Grande do Norte (Esmarn),

que tinha como diretor o desembargador Expedito Ferreira, e o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Norte (TJRN), tendo como presidente o desembargador Anderson Silvino, firmou-se um convênio de cinco anos, para, juntamente com a Uern, se oferecerem serviços jurídicos, atendendo, principalmente, as camadas mais carentes da população. O evento jurídico denominado “Grandes Nomes, Grandes Temas” é também resultado dessa parceria. É de destacar que, em 2015, participamos de um júri popular em que o réu teve a defesa pelos nossos alunos. Foi um momento marcante na vida de todos nós. Resultou na absolvição, o que, além da experiência, demonstra a qualidade dos nossos discentes.

Como está a relação da Uern com a bancada Federal do RN, em relação a emendas ao OGU?

Tenho que iniciar a resposta descrevendo como fazemos o orçamento anual da Universidade. Elaborado, é submetido à apreciação do Governo até setembro do ano anterior. Inicialmente, enviamos os valores correspondentes às demandas definidas pela nossa comunidade. Em seguida, o recebemos de volta com os ajustes por parte do Governo, depois de consideradas todas as receitas e despesas do Estado. Essa rotina já demonstra a dificuldade em nos planejarmos, pois temos um único instrumento de curto prazo, que é a Lei Orçamentária Anual (LOA), com um orçamento aquém do que precisamos, acentuada a não equivalência do financeiro. No governo Robinson Faria, o Plano Plurianual (PPA) tem sido considerado para um planejamento de médio prazo, o

que é um avanço. O orçamento deve contemplar a capacidade de captação de recursos oriundos de projetos, convênios, contratos, emendas e prestação de serviços. Assim, caso a instituição seja vitoriosa em um projeto de pesquisa e/ou extensão, mas se o valor financeiro for além do previsto no orçamento, não podemos executá-lo até que haja a devida suplementação. Antes mesmo de assumir o reitorado, fizemos visitas a todos os parlamentares da nossa bancada federal, três senadores e oito deputados federais, e isso nos assegurou a indicação de quinze emendas federais, com oito empenhadas. Ressalta-se que tivemos duas emendas de bancada indicadas pelo Governo do Estado. Neste ano já conversamos com a maioria dos parlamentares, e o trabalho foi reiniciado, pois tivemos uma grande renovação. Tenho certeza de que contaremos com a sensibilidade dos nossos representantes no Congresso Nacional. Importante destacar que tais recursos são fundamentais para construções e aquisição de equipamentos e agradecemos aos parlamentares que compreendem a importância da Uern para nosso Rio Grande do Norte.

Professor Pedro Fernandes, os seus discursos têm sido marcados pela validação de diplomas, reconhecimento de cursos e credenciamento dos Campi. Explique o que representa isso, e como a Uern conseguiu somar essas conquistas acadêmicas.

Podemos dizer que é unânime o orgulho de portar um diploma de ensino superior. Tal orgulho se dissemina pela família, amigos e conterrâneos. No entanto, além dos vários desafios,

que o discente tem que enfrentar, obstáculos que deve superar, durante o seu curso de graduação, a conferição do grau, ato mais solene da colação, era simbólica. Isso causava uma certa frustração, pois em oportunidades de emprego e/ou de formação continuada é exigido o diploma. Então, mais uma vez destaco o trabalho integrado da nossa equipe, com o resultado de mais de dois mil diplomas entregues no ato da colação de grau, nos últimos dois anos. Mas essa alegria e confiança na Uern deveriam ser completas e, para isso, focamos no processo de convalidação dos diplomas. Então, nos empenhamos no cumprimento da Lei de Diretrizes e base da Educação Nacional, 9.394, de 20 de dezembro de 1996, capítulo 4, mais especificamente os artigos 46 e 48. No artigo quarenta e seis, tem-se: “A autorização e o reconhecimento de cursos, bem como o credenciamento de instituições de educação superior, terão prazos limitados, sendo renovados, periodicamente após processo de avaliação.” Assim, juntamente com o Conselho Estadual de Educação (CEE), temos atualmente todos os Campi credenciados, pois o de Natal e o de Caicó ainda não eram, todos os cursos reconhecidos e todos os diplomas convalidados. Destacamos os cursos de Economia e Serviço Social, mais antigos do que a própria Uern, com 59 anos, com reconhecimento datado de 1968, ano em que foram credenciados pelo Ministério da Educação (MEC). Em 2014 o primeiro processo de reconhecimento. E aqui quero deixar o meu agradecimento ao CEE, pelas orientações que nos foram dadas nessas conquistas.

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) também foi uma das mudanças na Universidade. Como está a experiência?

O PSV é uma grande demonstração de ousadia da parte de nossa instituição. Através dele, foi possível implementar algumas políticas que, sem dúvida, eram fundamentais em um dado momento da nossa história. Ora, pensar em um processo vocacionado, incentivando, desde cedo, que a educação básica passasse a proporcionar oportunidades aos alunos, de modo que eles já fossem inseridos em sua provável profissão, é algo que temos que nos orgulhar. E isso encontramos atualmente nos cursos técnicos, com grande demanda. Também, destacamos o sistema de cotas para alunos de escola pública e, recentemente, para pessoas com necessidades especiais. A criação do Enem, com adesão da maioria das universidades, bem como a exigência de sua realização para participação em alguns programas nacionais, como o de Ciências sem Fronteiras, provocou uma ressonância no Ensino Médio. O Enem, com suas provas interdisciplinares, já a preparação do aluno para o PSV, deixava comprometido o processo. Um outro fator foi a questão da elaboração e aplicação das provas do PSV. A Uern fazia licitação para contratar uma empresa que elaborasse a prova. Os recursos para o pagamento do serviço, em quase todas as universidades, são oriundos das inscrições. Todavia, em cumprimento à Lei Estadual 8.627, de 20 de janeiro de 2005 e ao Decreto Estadual 19.844 de 6 de junho de 2007, os candidatos tinham desconto no pagamento da taxa, de 50% ou plena isenção. Por conseguinte, a Uern

tinha que complementar o pagamento com recursos da sua rubrica de custeio. Para além disso, o processo, que contava mais de quinze mil candidatos, mais de mil fiscais, em dezessete municípios, passou a exigir uma estrutura bastante robusta, podemos dizer assim, uma logística complexa. Por estrutura robusta, entende-se também a questão da segurança, pois temos cursos, como o de medicina, que são muito concorridos. Um terceiro item, não menos importante, é a inserção da Uern no Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAEST) para as IES Estaduais. O PNAEST tem o objetivo de ampliar as condições de acesso, permanência e sucesso dos jovens na educação superior pública estadual, através do repasse financeiro para restaurantes e residências universitárias, aquisição de transportes e equipamentos, creche e outros. No caso da Uern, estamos aptos a receber até dois milhões, duzentos e cinquenta mil reais. Para o ingresso em 2015, adotamos o Enem parcialmente e a partir de 2016, o Enem/SiSU será a única forma de ingresso.

A saúde pública tem tido muitos problemas. Além da formação de médicos, a Universidade presta assistência à população?

Peço permissão para dizer que, além da Faculdade de Ciências da Saúde (Facs), nós temos a Faculdade de Enfermagem (Faen), a Faculdade de Educação Física (Faef), a Faculdade de Serviço Social (Fasso), cursos de Enfermagem e Educação Física no Campus Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia (Cameam), em Pau dos Ferros, e cursos de

Enfermagem e Odontologia no Campus Avançado de Caicó, (CAC), em Caicó. Toda a comunidade acadêmica – corpo docente, técnicos, administrativos e discentes, bem como a infraestrutura desses cursos – está diretamente envolvida com a melhoria da saúde pública. Quanto ao curso de medicina, a Uern merece parabéns, tanto os que nos antecederam como os que a fazem atualmente, pois é um curso que tem superado as expectativas. Além das atividades de ensino, temos pesquisas de ponta e ações extensionistas essenciais à população, destacando-se o serviço ambulatorial, com cerca de vinte especialidades, algumas delas não são encontradas facilmente na rede convencional, como acupuntura e obstetrícia para adolescente. Os professores do curso estão planejando criar o turno noturno para atender à demanda (são mais de trezentos procedimentos/mês), de modo a permitir o acesso àquelas pessoas que não podem buscar o atendimento nos horários regulares, em virtude de trabalho ou outras ocupações. Destacamos que fizemos o credenciamento do ambulatório no Sistema Único de Saúde (SUS) e a Uern passa a receber por procedimento. Outro grande benefício é o serviço de Verificação de Óbito (SVO) que implantamos juntamente com a Prefeitura Municipal de Mossoró. É o primeiro do interior e o segundo do estado. Não podíamos deixar de agradecer aos membros do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepe) e aos professores, técnicos e alunos da Facs, que compreenderam a necessidade e a importância de aumentar as vagas de 26 para 60 anos, ainda trinta vagas para o primeiro semestre, e trinta para o segundo.

**A Uern TV é uma marca da gestão de Pedro Fernandes/
Aldo Gondim...**

Mais uma vez, inicio minha resposta fazendo ponderações, pois a Uern TV foi uma iniciativa dos segmentos que formam o Departamento de Comunicação Social (Decom) da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais (Fafic). Permita-me fazer um registro especial ao professor Fabiano Morais, em seu nome todo o nosso reconhecimento pela busca de convênios com a TV Cabo Mossoró (TCM), TV Assembleia, Canal Futura, com patrocínios e pessoas. A única coisa que eu pedia era o envolvimento dos alunos; então o professor me apresentou uma relação com mais de trinta discentes. Depois de tais ponderações, posso dizer, sim, que é um marco na gestão Pedro e Aldo; vou além, entendo que é um marco para Decom/Fafic/Uern, pois é um laboratório extremamente importante e um veículo de projeção da nossa Universidade. Isto porque as matérias produzidas por nossos alunos estão sendo veiculadas, com abrangência nacional, com os convênios já citados, e mundial pelo YouTube.

Como o Sr. reage aos discursos retrógrados de que a Uern é um “peso” para o Estado, comprometendo, inclusive, o desempenho do ensino básico no ranking das escolas?

A sociedade potiguar conhece bem o valor da nossa universidade. A Uern se identifica com a realidade local e é agente de transformação social. Descentralizar o conhecimento e promover o desenvolvimento regional, tem sido esse o nosso papel. O cenário mapeado mostra muito bem

como essa universidade produz conhecimento no Rio Grande do Norte, mais especificamente no interior. Os indicadores comprovam isso. Mais de setenta por cento dos nossos alunos são da rede pública. Quarenta por cento deles são filhos de pais que não tiveram acesso ao ensino superior. A relação da Uern com a educação básica é bem diferente do que dizem essas vozes isoladas. Estas mostram total desconhecimento do envolvimento da Universidade com o ensino básico. Temos municípios do RN, onde chegamos a cem por cento de professores formados pela Uern. Como ter a educação básica sem a formação de professores? O que podemos dizer é que não se constrói educação com discursos vazios.

Questionamentos como esse não comprovam que a Uern precisa mesmo da autonomia financeira?

Há dois anos, no meu discurso de posse, eu dizia que este era o grande desafio da nossa gestão. E continuamos perseguindo essa meta. Volto a conchamar a comunidade acadêmica e a sociedade norte-rio-grandense para fortalecer nossa luta pela autonomia. Espero concluir o mandato com essa valorosa conquista. Vamos chegar lá. Não tenho dúvida que, com espírito de liberdade, a Uern alcançará sua autonomia plena.

Entrevista com o Reitor Pedro Fernandes

Quero aqui agradecer a oportunidade de poder estar conversando francamente, abertamente com vocês, alunos da Uern, que escolheram a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte para se formarem, para buscarem seu diploma do mesmo jeito que eu escolhi a Uern para ter minha profissão e desenvolver meu trabalho. Tento aqui fazer da melhor forma. Entrei como professor. Minha atividade era na sala de aula passar aquele conteúdo, também fiz várias atividades de extensão e pesquisa. Em seguida, começamos a amadurecer a pós-graduação, passando a dar aula no mestrado. E é com esse sonho, essa motivação, essa disposição que eu comecei a me envolver em atividades administrativas, atividades essas que me fizeram chegar aqui na condução de reitor. Porém não perco esse meu vínculo como professor e dessa forma entendo que, através de vocês, alunos, é que vamos fazer a condução da nossa instituição, pelo menos durante nossa gestão. Dessa forma, fico aberto para tentar fazer esse bate-papo, esclarecer aquilo que vocês por ventura tenham dúvida.

Kauany: o que diferencia ser gestor de uma sala de aula e ser de uma universidade?

Reitor - A gente fica naquela situação de, enquanto professor de sala de aula a gente passa o conteúdo, mas fica com

aquela ansiedade ou se sentindo que poderia fazer mais. E quando chega a ser reitor a gente fica tentando fazer muito mais, porém perde aquele alicerce que é o contato direto com o aluno. Eu até tentei dar aula nos dois primeiros anos de gestão. Eu era professor, dava minha disciplina, só que as coisas começaram a se acumular, acumular e eu comecei a ter que faltar o compromisso da disciplina por viagens profissionais que a Reitoria me levava. E eu não pude mais, como também o estatuto me preserva, ser professor. Então eu fico nessa situação: enquanto professor querendo fazer muito mais e enquanto reitor sinto falta do convívio, do contato, e dos desafios que é ser professor. Porque vocês entram na sala de aula e cada vez mais a gente chega com conteúdo pronto e vocês perguntam outras coisas, vocês ampliam uma vez que a gente tem a internet aí à nossa disposição.

Andreza Maria: Quais são as maiores dificuldades?

Pedro: A Uern é uma instituição de ensino superior mantida pelo Estado, um estado do NE e a gente tem no nosso país uma conotação que as instituições de ensino superior devem ser mantidas pela União, só que isso nada tem na constituição. A constituição federal diz que prioritariamente os municípios têm que se dedicar à educação infantil e prioritariamente o estado ao Ensino Médio. Em nenhum momento atribui única e exclusivamente a União o ensino superior nem muito menos impedem que os Estados e Municípios tenham essa oferta de ensino superior. Então a Universidade do Estado ela tem uma contribuição sobretudo no interior do nosso estado, porém fica

sempre com essa dificuldade de manutenção e fomento. Então hoje a gente tem um corpo docente qualificado, em torno de 800 efetivos, praticamente 700 são mestres e doutores, os técnicos administrativos são qualificados e concursados. Os alunos nem se fala porque a gente tem ciclos de novas entradas e cada vez mais a gente se depara com melhores alunos. Agora, a gente precisa atender a demanda de infraestrutura e atividades, como pesquisa e extensão. A graduação não é só a sala de aula. A graduação ela tem que ter esse contato com a sociedade, o exercício da profissão de vocês, bem como a ampliação daquilo que vocês viram na sala de aula, através da pesquisa. E essa atividade de pesquisa e extensão ela requer: um transporte para aula de campo, requer uma internet adequada, requer livros, participação em eventos, e tudo isso a universidade precisa fomentar, precisa ter recursos. Então hoje eu posso dizer que nossa maior dificuldade mesmo não é eficiência, não é a nossa importância, nosso ingresso e nosso egresso, é sim a manutenção da nossa instituição.

Jocifran: O senhor falou em manutenção... O país vive um momento de crise e isso reflete também no Rio Grande do Norte. Como que a Uern faz para driblar essas dificuldades, uma vez que a gente vê a universidade realizando obras, ampliando a assistência estudantil, conseguindo restaurante popular. Como o reitor ver isso?

Pedro: Essa é mais uma situação que nos causa um paradoxo. Por quê? A crise ela não é boa pra ninguém. Então a Universidade está sentindo isso. Ao mesmo tempo em que neste momento

a gente consegue demonstrar o grande valor que a educação tem. As pessoas começam a se voltar num momento desse para ver o que é que é realmente prioridade. E a prioridade de qualquer um é a educação. Então a Universidade ela tem o seu papel fundamental, ela tenta corrigir um desequilíbrio que há na concepção de que “quanto melhor escola particular eu tenho, melhor universidade pública eu vou estudar”. A Uern assegura vagas para quem vem da escola pública, hoje em torno de 70% dos nossos alunos são de escolas públicas. E nesse momento que se diz de crise, no qual está faltando realmente recursos, quando está todo mundo buscando a criatividade e definindo prioridades, a educação se destaca como prioridade. E eu ousou dizer aqui que nós fazemos nosso papel muito bem feito no nosso Estado, a ponto até de colocar como um dos órgãos estaduais que melhor funcionam. Eu sempre digo: Se tem outro funcionando melhor que a gente, nos digam. Se não tem, que reconheçam.

Yasmin: Falando em mudanças com a crise... O Ciências sem Fronteiras foi retirado. Como o senhor pretende fazer para que os alunos ainda continuem indo estudar fora?

Pedro: É, realmente a gente criou uma expectativa muito grande com essa possibilidade da graduação sanduíche, de fazer uma parte aqui na universidade e fazer uma outra no exterior. Nós tivemos um programa belíssimo a nível nacional que é o Ciências sem Fronteiras dando bolsas para essa graduação sanduíche. Neste ano, nós tivemos essa paralisação, ou parada na oferta de novas bolsas, mas a

Universidade vai continuar insistindo que venham novas cotas para nossa instituição e que a gente possa permitir que nosso aluno tenha essa experiência fora e com ela busque outros caminhos. Agora mesmo nós encontramos, nós fechamos um convênio com o Banco Santander e tivemos aí a aprovação de Pedro Henrique, um aluno que tem uma história brilhante e está indo agora cursar parte de seus estudos no exterior. Então é mais um desafio que o gestor tem de fazer com que esse programa, que foi muito bom, que está sendo muito bom, não seja paralisado.

Glisiany Plúvia: Bom Pedro, uma das coisas que têm me deixado inquieta dentro da Universidade é ver meus companheiros negros dentro desse espaço acadêmico. Já que no estado nós ocupamos ainda altos índices de extermínio da juventude negra. Principalmente em Mossoró, no nosso Campus Central, ocupamos a 54ª posição de jovens que mais morrem no município. Eu tento sempre fazer essa discussão: Qual o papel da Universidade no combate do extermínio da juventude, porque se os jovens morrem é sinal que não estão dentro da Universidade. Quando nós pegamos alguns dados da nossa Universidade... nós percebemos que podem até ter mais negros, mas autodeclarados só encontramos 579 alunos negros. A qual nós temos o objetivo de fazer ações afirmativas para que muitos alunos se reconheçam como negros e negras aqui dentro desse espaço. Mas um dos fatores que faz com que nós tenhamos dificuldades para entrar na Universidade é que aqui na Uern nós temos mais alunos por cotas sociais, ainda não adotamos as cotas raciais. Eu queria saber um

pouco dessa discussão dentro da Reitoria. Há pouco tempo a gente realizou “O Encontro de Negros”, durante o qual a gente entregou uma carta afirmativa à Universidade, o vice-reitor Aldo recebeu todas as colocações que os estudantes negros têm. Como é que vocês veem essa discussão dentro da Universidade?

Pedro: Muito bem colocado por você, Plúvia. Eu participei recentemente desse Encontro de Negros e Negras e Cotistas. Fiquei encantando com a energia que as pessoas estão se mobilizando, estão fazendo, também sou testemunha que vocês foram para evento fora da cidade de Mossoró, fora do estado também para discutir esse item. E agora recentemente recebendo os novos alunos do semestre letivo, você fez questão de fazer essa colocação, nós temos essa carta. O que quero dizer com este histórico: quero dizer que toda conquista começa assim, toda conquista se dá através do diálogo, discussões, até de embates. Quando se conseguiu os 50% para cotas de alunos de escolas públicas foi assim também em 2002, só foi implantado em 2004. Quando se conseguiu os 5% em 2013 para alunos com necessidades especiais também se deu por isso. Eu tenho certeza que a gente vai no caminho e a gente tem que fazer, vou dizer enquanto reitor, e já falei para nossa equipe inclusive com a pró-reitora de Recursos Humanos, Cicília. O que a gente tem que fazer é o seguinte: é fazer essa busca nas escolas também, no nosso público-alvo, porque os que estão aqui dentro já, esse número que você conta, já são atendidos. Agora a gente tem que ir lá pra fora para estigar a essas pessoas a procurarem seu

espaço. Esse é um ponto. Outro ponto também... essa é uma questão, outra questão não concorrente, mas que conflite, mas que a gente tem que trabalhar de forma concomitante é ver de que forma esses 50% poderiam ser trabalhados, por que não? Então hoje eu tenho uma caixa preta de 50% para alunos de escolas públicas. Eu não poderia desmembrar como fazem as instituições federais? A gente poderia pensar nesse tipo de ação e que a gente já vem fazendo essa avaliação. Então um caminho é instigar as pessoas a fazerem e se declararem pela cor e o outro caminho é também ver o nosso sistema de cotas que é 50% para escola pública e 5% para necessidades especiais e 45% para o total. Como a gente também tem 55% de cotas por que não procurar desmembrar... Como se dá isso: a gente faz uma discussão interna, a gente define regras aqui na nossa instituição e a gente lança o quantitativo de vagas, esse é um caminho, gozando de uma autonomia administrativa conforme a constituição define para as universidades. Um outro caminho também é provocar, via Governo do Estado e Assembleia Legislativa, para que venha uma lei estadual. Eu estou dizendo os dois caminhos: o de cotas públicas foi decisão interna, o de necessidades especiais já veio teve nem a decisão interna já veio a lei estadual.

Andreza Maria: Mas o que é que dificulta porque como o senhor falou 2002 foi o ano em que foi implantado, mas só em 2004 começou a funcionar. Por que houve essa demora em relação a tempo?

Pedro: Pronto, eu vou falar na minha gestão, certo? Na minha gestão eu recebi uma lei de 2013 e ela foi aprovada no início

de 2013, mas tão logo eu assumi em setembro de 2013 a gente já definiu o edital do vestibular em outubro e eu já adotei a lei que estava aprovada na Assembleia Administrativa. Então o que é que eu faço, eu acho que a discussão é fundamental, porque do mesmo jeito que a gente vê direitos de um, a gente tira direitos de outros, né? Essa discussão ela tem que ser ampla. A demanda tem que ser muito interessante, um outro número que a gente pode analisar é o seguinte: quantos alunos que se declaram negros não passam no vestibular, estou dizendo isso porque hoje a gente preenche menos de 5% dos portadores de necessidades especiais... **Plúvia fala:** 24 alunos com deficiência no semestre 2015.2... **Continuação Pedro:** ao todo 170, só que eu tenho aí 200 vagas, então eu não consigo preencher, eu tenho mais oferta que demanda, e outra que a gente viu é, que mesmo antes da lei, a gente já tinha a aprovação desses alunos. Então é muito importante que está discussão seja feita, como fiz, que na hora que a gente tenha essa decisão do nosso colegiado, do conselho de ensino pesquisa e extensão ou uma lei estadual, a gente imediatamente adote. O que aconteceu, sinceramente em 2002/2004 não...

Andreza Maria: Com relação ao I Encontro de Negros e Negras quais foram as expectativas?

Pedro: A gente achou um momento muito bom. Eu participei aqui no Campus Central da nossa universidade, na condução de Plúvia. Quem me conhece sabe que não gosto de elogiar na frente, só elogio por trás, na frente eu só reclamo... Mas a gente

viu uma energia positiva, a gente viu as pessoas se envolvendo e devolvo aqui em forma de pergunta a vocês, quantos outros encontros desses nós tivemos, quantas discussões a respeito desse tema nós fizemos? Certo. Eu não estou dizendo que estamos atrasados ou precoces, estou apenas dizendo que nesse momento a gente está discutindo isso, está dialogando e isso demonstra, até pela composição do DCE, que abriu mão de um único presidente para criar 13 coordenadores e esse coordenador que trata de negros, negras e cotistas, que eles estão realmente movimentando essa discussão. Então o que a gente vê é que não pode ser o único encontro, tem que ter outro, não pode ser mais um encontro fechado, a gente tem que começar a abrir ou ir para outros lugares e que a gente tem que fazer sempre.

Glisiany Plúvia: O sonho de todo jovem é entrar na Universidade. Mas a gente passa por muitas frustrações depois que a gente acaba entrando. A gente sonha em entrar na Universidade e depois o sonho é permanecer nela e chegar à conclusão porque muitos desafios a gente vai encontrando ao longo do caminho. Alguns desafios pessoais, desafios coletivos também nós enfrentamos e a gente escuta relatos dos professores que nós temos e eles já relatam esse problema que é a questão do transporte público, tem tudo a ver também com a mobilidade urbana de Mossoró que afeta também diretamente a nossa universidade e os nossos estudantes. Tem aluno pela manhã que chega na sala quase 8 horas porque às vezes os ônibus atrasam e às vezes não há uma acessibilidade também pelo professor de compreender que muito alunos

dependem do transporte público para chegar. Aí onde é que vem a discussão: o que é que nós vamos fazer, o que a universidade tem feito nesse sentido? Muitos estudantes chegam a pé nessa Universidade. Quem ainda tem algumas condições paga para poder vir porque sempre para ir embora é muito mais fácil, as pessoas conseguem carona, aqui tem uma prática de fazer a carona solidária. Mesmo com todos os desafios..., mas para a gente ir para universidade logo de manhã se torna um desafio. Há pouco tempo nós realizamos uma roda com a juventude e tem muitos estudantes da Uern. Eles relatavam assim: a dificuldade que tem, principalmente à noite para chegar à Universidade. Se a gente passa dificuldades pela manhã, imagine à noite para voltar para casa. Saem daqui 11 horas da noite para chegar em casa às 12h da noite, 12h30. O que nós poderíamos fazer, a Universidade, nessa questão do transporte? O que a gente tem hoje é um ônibus que passa pelas universidades Ufersa, Uern, Facem, IF, mas também é um transporte que não supre a necessidade da Uern porque limita muitas vezes o horário que a gente tem que sair daqui. Às vezes, o estudante que ir estudar na biblioteca, mas depois não vai ter como ir embora. Então o que pode ser feito? O que a Universidade tem de intervenção nessa parte da mobilidade urbana?

Pedro: Eu poderia aqui falar da questão da assistência estudantil, apesar da mobilidade extrapolar a questão da assistência estudantil porque ela não é só para um aluno em termos técnicos-administrativos, há professores que também querem e alguém que venha prestar algum serviço ou que venha em busca de algum serviço da Universidade também precisa dessa mobilidade. Esse é um problema da nossa cidade

e eu não vou dizer que é só de Mossoró, a grande maioria das cidades do interior infelizmente ainda não tem um sistema de transporte que funcione adequadamente. Logo quando nós assumimos, nós fomos à prefeitura, tínhamos uma prefeita que tinha sido recentemente eleita e tinha lá todo um projeto de integração segundo o qual a AV Rio Branco iria fazer uma integração entre ônibus, então vinha um ônibus, parava lá e vinha um ônibus pra cá, dessa forma teríamos um ônibus de 15 em 15 minutos aqui na nossa instituição. Também fizemos uma rota. Então a gente viu todo o mapa de Mossoró, como é que iria se dá essa distribuição dos ônibus. O trabalho do movimento Pau de Arara dever ser reconhecido, toda luta que o movimento, que conta com vários estudantes de nossa universidade e de outras instituições, tem desenvolvido... iam colocar uma tela e íamos também ficar vigilantes aos horários dos ônibus porque muitas vezes o ônibus tem que chegar numa hora e ele diz que tem que sair mais cedo ou sair mais tarde e toda essa confusão. Tivemos uma situação política na nossa instituição com a mudança de gestão, essa mudança de gestão em seguida todos se lembram nós tivemos uma outra campanha que foi a de governo e chegamos em 2015 quando a atual gestão do município foi fazer uma nova licitação pra novos ônibus, vieram novos ônibus, enfim... Esse diálogo se manteve, mas não naquele nível que nós estávamos já de fazer valer. Hoje eu digo certamente que é umas das carências que a nossa Universidade tem, mas falo em nome das outras, com a nossa vizinha Ufersa; bem ali nós temos o IFRN; são vários alunos, várias pessoas dependendo desse transporte público e fica sempre o nosso compromisso de buscar através do Município essa forma de locomoção. Vou dá só um detalhe:

nós estávamos em uma aula de mestrado e veio uma pessoa de Vitória, Espírito Santo, fazer o mestrado em Mossoró e ela não tinha transporte nem conhecia ninguém e toda vida que ela ía em busca de uma ônibus no início da Leste Oeste, ela não conseguia pegar. Aí foi quando disseram a ela que tinha que pegar carona, só que de onde ela veio carona não existe, porque é muito perigoso. Então ela abandonou o curso e foi embora, porque ela tentou também vir de bicicleta, mas nosso clima não permite isso em dados horários. Então dessa forma a gente tem essa sensibilidade e com essa demanda estamos buscando aqui dotar algumas questões no nosso Campus Central, nos campi avançados para que o aluno consiga passar o dia. Nós ainda carecemos de alguns banheiros que você possa realmente tomar um banho agradável, que você se arrume, deixe suas coisas. Nós conseguimos avançar com o restaurante popular e tenho que ser justo que foi uma decisão por parte do Governo do Estado, que tinha várias outras demandas, mas colocou aqui na nossa universidade e aí digo que, enquanto gestor, a gente vai buscar constantemente esse transporte público e que não é só para Uern, isso é por todo nosso município. E aí quero falar em dois temas: o transporte aéreo, a gente está falando aqui de uma universidade que tem oferta de mestrado em todas as áreas do conhecimento e toda vida que a gente vai buscar um palestrante ou que a gente vai mandar alguém para palestrar, a gente tem uma dificuldade porque a gente tem que ter a parte terrestre até o aeroporto, em Natal ou Fortaleza, e aí pegar o avião. Então hoje também a gente perde a oportunidade de trazer alguns palestrantes para cá, como agora recentemente através de alguns projetos de pesquisa e extensão de incentivo, a gente não pode fazer em

Mossoró a opção é fazer em Natal. Um outro tema que eu queria falar quando se refere à transporte é o nosso ponto de vista internamente, o que que a gente fez nos nossos três anos de gestão, nós tínhamos vans que levavam os professores para dar aula nos núcleos e carros pequenos para atividades administrativas. Desde que a gente assumiu, compramos um ônibus para alunos e três micro-ônibus para também aulas de campo e aí digo a vocês aqui discentes, que sou bastante criticado por parte dos docentes e técnicos administrativos porque eu não renovei a frota daqueles transportes que eu vou dar aula nos núcleos avançados de educação superior em detrimento de atividades que envolvem mais pessoas como atendidas por micro-ônibus. Então quero fazer essa conotação toda em respeito ao transporte, tendo a certeza que internamente enquanto nossa gestão a gente priorizou.

Glisiany Plúvia: Há pouco tempo, a gente foi para o encontro de negros e negras na Bahia, da UNE, e nosso ônibus, gostaria até de agradecer em nome de todos os alunos negros e cotistas que foram, realmente é muito confortável para gente poder fazer viagens e também representar a Universidade nesses espaços. Tinha hora que os meninos ficavam comparando ônibus de tal universidade com o nosso ônibus e realmente, o nosso ônibus é muito confortável, os motoristas também muito bons, o que é um avanço da Universidade. Como é também que a gente pensa em fazer projetos de pesquisa e participar de eventos se a gente também não tinha um ônibus pra isso? Que o ônibus antigo, eu já andei nele, não tinha condições da gente chegar até ali, o máximo que nós fomos

foi no Nova Vida e era super desconfortável. Avançou muito a Universidade com esse ônibus e tanto que a gente diz muito agora que o desafio é levar para o próximo evento, no próximo ano, um ônibus e mais 1 micro-ônibus da universidade. Mas eu queria parabenizar assim a decisão do reitor, embora tenham muitas críticas que os profissionais possam fazer, mas você pensou na coletividade e no desempenho dos alunos, porque quem mais precisa somos nós para as aulas de campo, para participar de eventos e isso possibilita também a gente sair da Universidade, enxergar que existem outros espaços para além disso aqui e é um dos desafios que eu digo muito em sala de aula que a gente tem que compreender que nosso espaço acadêmico não é somente em sala de aula, que a gente consegue aprender muito mais. Por isso é a diferença da gente ser chamado de Universidade para faculdade, então a gente tem que pensar nesse todo e da importância que todos os estudantes têm que ter e ver como é gratificante nós termos um ônibus, porque tem universidade que ainda nem tem, tem universidade que os meninos, por exemplo, foram numa van. Para você ter ideia, as pessoas viajaram mais de 24h numa van e de Universidade Federal e a Universidade diz assim: “vixi vocês estão muito chique, porque uma universidade do estado com um ônibus desse”.

Pedro - Eu queria realmente dizer, confesso que não sou acostumado a receber agradecimentos, né, sempre são muitos questionamentos, críticas, mas é bom. Não nos deixa descansar. E o valor de um ônibus dava para comprar 5 vans, dava para comprar 9 carros pequenos e a gente optou naquele momento por um ambiente compartilhado, pelo espaço, ferramenta que desse para envolver um maior número de

pessoas. Então a gente teve a oportunidade de adquirir esse ônibus e digo mais: comprar foi um grande desafio, agora atender a demanda para o ônibus viajar, um ônibus faz 3km com um 1 litro de combustível, o nosso tem que viajar com 2 motoristas e tem que ter suas diárias e tudo isso faz parte do custeio da nossa Instituição. Mas quem participou da greve no ano passado e me viu falando em audiência pública, em todas que a gente participou, que tiveram, que eu fui em todas e disse vamos parar com atividades administrativas de carros se tiver que parar de buscar palestrantes agora a gente não pode parar com nenhuma atividade que envolva alunos. Ao mesmo tempo que a gente não pode atender todas nem de última hora, então fica aqui também o apelo a todos que o departamento chame os alunos, como a gente pede já, que se organize, se a gente conseguir definir um calendário eu consigo olhar para um e dizer eu não posso lhe ceder o ônibus daqui a 20 meses porque no mês tal tem fulano e a gente mostra esse planejamento e eu tenho certeza que a gente vai amadurecer nesse sentido e saber usar muito bem o pouco que passa a ser muito que a gente tem.

Andreza Maria - A professora Cicília falou nesse sentido de que não é que não queira ceder o ônibus, mas é necessário falar com antecedência. Ela sempre frisa esse aspecto. Inclusive eu fui com Plúvia e ela falou isso: “a Universidade não se nega, mas tem que ter todo um planejamento, um calendário, até porque a Universidade só tem um ônibus para dispor para uma viagem longa como foi a do Enune, em Salvador”.

Jocifran: Agora eu quero falar um pouco sobre obras de acessibilidade e com isso incluir Camila na nossa conversa. Camila como você via a Universidade quando você entrou

e como você vê hoje? O reitor também pode comentar sobre essas obras que a gente vê na instituição.

Camila: Eu já entrei na gestão de Pedro e na nova gestão da Dain e já se estava planejando essas obras de acessibilidade. Eu vi nesses dois anos que estou aqui muitas adaptações, obras mesmo, ali na entrada. E eu queria fazer uma pergunta sobre. Diante do processo que a gente está vivendo de crise administrativa e política na nossa cidade, no estado e país, a Uern ainda pensa assim, é claro que pensa, tem muito rebatimento nessas questões da evolução dessa construção de mais acessibilidade?

Pedro: A gente tem um compromisso, um compromisso até legal, porque nós somos demandados. Nós temos a sensibilidade de trabalhar a acessibilidade, mas também o MP, através de sua atuação constante, nos exige, nos cobra. Desde que a gente assumiu também quero incluir Camila, me permita, essa questão de acessibilidade no caráter de Assistência Estudantil porque a gente quando assumiu mais uma vez eu disse, olhei pros diretores de unidade acadêmicas e disse: deixe acessibilidade, eletricidade e internet com a gente. Eu vou me matar por isso. Cada um pede para sua faculdade, cada um ajeita outra coisa e a gente vai brigando, coloca no nosso orçamento, planejamento tal. Agora esses 3 itens a gente quer fazer e começamos... a Universidade, vocês sabem que ela não é só aqui no campus central, ela tem a faculdade de enfermagem, ciências da saúde, ela tem os campi Assú, Patu, Pau dos ferros, Natal e Caicó, nós temos o

prédio da administração na Reitoria, as pró-reitorias, a prática jurídica, nós temos as residências universitárias, então nós tínhamos aqui vários endereços, só em Mossoró nós tínhamos 18 endereços. O que nós fizemos? Entregamos 7 prédios alugados que nós tínhamos aqui, pegamos as 5 residências universitárias, trocamos em 4, com o aval dos estudantes, residências com menos terrenos e mais quartos. Onde a gente tinha residências com terrenos imensos e poucos quartos, com valores obviamente discutidos, pegamos os valores desse aluguel, 2014/2015, que a gente ia pagar 800 mil reais por ano, passamos a pagar 100 mil, e criamos o programa de assistência estudantil. Isso daí eu também coloco no bojo de permitir que o aluno busque no transporte uma adequação. No ponto de vista de recursos humanos, a DAIN a gente tirou de um departamento dentro da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação, colocamos como órgão assessor da Reitoria. Estamos lutando para sempre equipar, hoje está em torno de 16 a 17 profissionais de diferentes áreas porque nós passamos a adotar uma regra de 5% de nossas vagas de pessoas com necessidades especiais e vem aquilo que Plúvia falou no início: não é só entrar, a frustração depois que entra pode ser muito pior, então temos que dar esse acompanhamento. E a gente vem fazendo esse trabalho e a nível de obras físicas a gente se deparou aqui com o Campus Central com várias salas, banheiros, forros, tetos para ajeitar, mas a gente não abriu mão de fazer a pavimentação da entrada, por quê? Porque era uma questão coletiva de acesso de entrada e até por causa da poeira, esse tipo de coisa. Nós fomos para plataforma no prédio administrativo, nós colocamos um elevador na faculdade de ciências da saúde, nós colocamos, mas ainda não

instalamos, um elevador no campus de Pau dos Ferros. Nós tínhamos um problema de um primeiro pavimento em Caicó, hoje estamos com um espaço próprio da Universidade Caicó nós tínhamos um prédio com dois pavimentos conseguimos a doação por parte do Município de um espaço próprio para a Universidade todo plano. Em Natal nós tínhamos um prédio de dois pavimentos alugado no valor de 35 mil reais por mês e a gente teve a colaboração de toda comunidade acadêmica de Natal, resgatando o motivo da Uern ter ido para Natal para se instalar na zona norte, não na zona sul, e a gente tirou de lá da Airton Senna, na zona sul, e levamos para zona norte. O campus, hoje um local todo plano, nós temos para além da acessibilidade todas as salas climatizadas. Da mesma forma Patu, a gente ainda não conseguiu climatizar todas as salas porque precisamos fazer mais uma atividade de eletricidade, mas a gente já está conseguindo fazer obras de acessibilidade, bem como colocar um transporte novo em cada campi desse se necessário para levar o aluno ou o professor ou técnico para qualquer canto, então nesse aspecto tentamos ser mais geral. Agora quero dizer Camila que, em 2009, existia um edital federal do programa incluir e todas as instituições, sejam elas federais ou estaduais, podiam participar, mas quando a gente foi atrás desse edital ele se restringiu às instituições federais. Então eu fui ao Ministério da Educação e as resposta que me disseram foi que o cobertor era curto e não dava para atender todas e priorizaram as federais. Assim nos fomos aqui à AL, onde o relator do orçamento era Deputado José Dias e ele destinou uma emenda de 1 milhão e meio. À época também nós tínhamos a deputada Larissa Rosado, que destinou uma emenda de 600 mil reais para gente e a gente

conseguiu realizar algumas obras nesse sentido. Falo essas coisas porque a gente tem também que registrar aqueles que deram a mão como quero registrar aqui o deputado Fernando Mineiro, que destinou emendas para todos os *campi* da nossa Universidade. O deputado Fernando Mineiro já destinou para Mossoró, Patu, Caicó, Assú, para Natal e agora vai colocar para Pau dos Ferros. Então dessa forma a gente registra nosso agradecimento e nosso diálogo/interlocução com os municípios e o Estado.

Glisiany Plúvia: A respeito das residências, elas são quase todas alugadas, eu queria saber se há na Universidade, na Reitoria, algum diálogo sobre a construção de uma residência definitiva pelo menos aqui em Mossoró, né. Já que a gente imagina que nos outros *campi* possa ser mais difícil por com conta de recursos, mas aqui em Mossoró...

Eu posso apresentar para vocês o projeto Pae Infraestrutura. Tem o Pae de Bolsas – que são essas bolsas de 300 reais que a gente faz aquela distinção de 100 reais para aluguel 140 para transporte, 40 reais de alimentação, não é... 140 reais de alimentação, 40 reais de transporte, dão em torno de 300 reais essas atividades – e nós criamos o projeto Pae Infraestrutura, através do qual nós temos residências universitárias em todos os *campi*, micro-ônibus para todos os *campi*, ônibus para todos os *campi* e uma rubrica de livros para todos os *campi*, apresentamos essa proposta há 2 anos para nossa bancada federal em busca de emenda de bancada, o que é isso? Todo parlamentar, seja ele deputado federal ou senador, ele tem direito a uma cota de emendas de recursos no orçamento e que

ele transforma em financeiro para destinar a ações pontuais. E a gente vem conseguindo desde a época do governo anterior essa indicação de emenda de bancada. Essa emenda de bancada, a última que nós tivemos, foi para construção do campus de Apodi. Infelizmente, as outras duas indicadas nós não tivemos essa liberação, mas este projeto está pronto com o desenho do projeto arquitetônico, inclusive, de todas as residências universitárias e aqui em Mossoró e Pau dos ferros já com o local já mais ou menos onde vai funcionar. Aqui no campus Central a gente tem esses registros. Das salas de aulas nós teríamos todo um vão para a parte de assistência estudantil, levando para a biblioteca, o centro de convivência e as residências, depois a parte de pesquisa que são projetos captados por pesquisa e lá na frente a gente fazia a parte administrativa, porque é uma coisa que me incomoda muito estar na Reitoria e não estar no campus universitário, seja ele central ou os campi avançados, então a gente tenta fazer nesse sentido.

Jocifran: Em relação à pós-graduação, o senhor sempre estimula seus alunos a fazerem uma pós-graduação e muitos estudantes têm a impressão que só se faz uma pós se for para ser professor e não é bem assim... Como o senhor vê a importância de uma pós-graduação?

Pedro: Em 2008, nós iniciamos a primeira turma do mestrado de computação, eram aqueles três mestrados o de computação, o de física e o de letras. A universidade estava sem nenhum programa de mestrado. Primeira coisa que eu perguntei aos meus alunos foi o seguinte: vocês estão fazendo mestrado pra

quê? Aí eles disseram: pra dá aula. Então esqueçam, porque concurso agora só para doutor. Então vocês estão muito longe. Agora se vocês pensarem – eu quis fazer um choque mesmo – que o mestrado é um aprofundamento daquilo que vocês estudaram ao longo dos 4 anos, tendo que abranger toda área do conhecimento seja um aluno de gestão ambiental, tem toda complexidade, uma diversidade de estudo, então você vai para o mestrado aprender a ler, a escrever e escutar e melhor, você começa a definir sua linha de pesquisa, sua área de atuação, seja em computação, em serviço social, seja em comunicação social, estou me referindo a esses cursos porque vocês pertencem a eles, mas eu quero trazer só uma comparação: todo mundo acha que médico tem emprego, tem trabalho, ganha bem. O médico faz um curso de 6 anos da graduação, a gente faz via de regra 4; o médico quando sai ele vai ficar pelo menos 3 anos na residência e a gente acha que com 4 anos já está pronto para nossa profissão. Então eu delimito para minha vida, e passo isso para todos os alunos, em torno de 10 anos de formação. Você faz ali 4 anos de graduação, 2 anos de mestrado e 4 anos de doutorado, você vai ter um amadurecimento, vai ter um aprendizado, você vai caminhar e ser muito mais útil para sua profissão. E quero dizer que não é só a academia, a universidade que precisa de um doutor ou de uma pessoa bem formada. Todo mercado de trabalho precisa de pessoas assim, a gente inicialmente falou da mobilidade, transporte, talvez se a gente tivesse profissionais hoje nas cidades, no nosso país, pensando a mobilidade da melhor forma ou pessoas mais qualificadas pensando em mobilidade, a gente já teria resolvido uma série de outras coisas e quero só retomar aqui quando a gente falou acessibilidade, eletricidade

e internet, que agora eu foco no saneamento também, que é uma coisa que a gente já buscou na Caern. Vamos conversar com os municípios onde a gente tem campi e a gente precisa fazer o saneamento de nossos espaços, não se admite mais aqui ainda trabalhar com fossa e não se admite mais a gente ficar alheio a esse tipo de provocação ou de fragilidade de saúde pública.

Yasmin: Com relação ao Enem... Por que quando o senhor entrou era PSV, aí depois ficou PSV e Enem e agora é o Enem SiSu 100%? Quais as principais mudanças que o senhor percebeu esse ano na Universidade?

Primeiro essa transformação de PSV em Enem... O PSV há quase 30 anos e aí a gente retoma a lei de cotas a qual está aí há 14 anos. O PSV se dava há quase 30 anos, só que o PSV estava destoando com a forma como o ensino médio estava preparando os estudantes. Todo mundo sabe que no Enem as questões são interdisciplinares, envolvem diferentes conhecimentos e elas não são questões decorativas e, com o PSV a gente insistia com a prova decorativa e vocacionada. Então a gente já tinha uma distorção daquele aluno que saía do Ensino Médio para aquele aluno que entrava na instituição aqui eles se queixavam e na realização da prova propriamente dita era um processo caro – a gente pagava em torno de 300, 400 mil reais por ano para poder realizar o processo –, uma vez que o que era arrecadado em inscrição não pagava. Além disso era um processo frágil, porque cada vez mais as pessoas se mobilizavam para burlar o processo atrás de algumas vagas

bastante concorridas, e a logística do processo gerava uma grande angústia, eram 6 municípios onde tínhamos várias pessoas envolvidas. O receio que a gente sentia naquele momento era acerca da desregionalização, na hora que você abre pro Enem as pessoas diziam que os de fora iriam invadir as nossas vagas e a gente começou a pegar experiência em outras instituições que já adotavam o Enem e a gente não via isso, exceto em alguns cursos sobretudo de medicina que é um curso hoje nacional como os outros, mas a busca era sempre maior, então fizemos essa discussão no primeiro ano e hoje 40% e 60% de todos os alunos que ingressaram são pelo Enem. Confesso que como nós tivemos aí dois semestres não dá bem para avaliar o conhecimento. Então a nível de avaliação propriamente dito não podemos ainda ter um resultado porque nem fechamos o ciclo de 1 ano, mas tivemos algumas diferenças como alguns cursos que sobraram vaga isso aí eu estou dizendo logo após a aplicação do Enem. Quando fomos comparar com o PSV, vimos também que haviam cursos que tinham sobrado vagas. Então hoje não percebemos no público que tenha entrado uma diferença pelo menos marcante em relação àquele aluno e isso porque também conseguimos assegurar o sistema de cotas, garantir os 50% para alunos da escola pública, 5% para alunos com necessidades especiais e 45% para demanda geral e uma outra coisa também temos hoje uma maior flexibilidade de chamadas. Então agora, mesmo com o não preenchimento de todas as vagas, pegamos a nota do Enem e fazemos uma chamada adicional para vagas remanescentes, assim com tudo isso a gente melhorou a nossa flexibilização. Nos deu mais

trabalho, porém temos conseguido preencher bem as nossas vagas.

Kauany: Com relação a todos esses avanços que o senhor falou de infraestrutura, de pesquisa e de transporte, eu queria que o senhor destacasse, entre as principais conquistas durante seu período como reitor, aquela que considera como uma das primordiais.

Eu espero que vocês acreditem, mas é estar aqui sentado com vocês, com a representante do DCE e mantendo esse diálogo franco. Quem pegar meu discurso no início, quando eu assumi, eu dizia: vou focar em infraestrutura e assistência estudantil. Infraestrutura eu preciso de dinheiro; assistência estudantil também. Só que assistência estudantil, eu preciso de franqueza, diálogo e respeito e isso a gente tem hoje esse bom relacionamento com os alunos, com os discentes; hoje eu tenho certeza que nenhum aluno tem dificuldade de conversar com a gestão, com a Reitoria, porque eu estou falando em nome do reitor mas toda equipe, como Andressa mesmo citou profa Cicília, toda equipe está orientada a ter esse respeito e essa atenção. Já fui também agredido, tenho que falar aqui, agredido verbalmente por alguns professores porque disseram que era mais fácil um aluno falar com um reitor do que um professor e isso só fez me enaltecer porque foi isso que eu persegui. Dessa forma fico aqui satisfeito e também trago um conceito de ensino pesquisa e extensão, o Consepe, o qual tinha 4 cadeiras para alunos, nós tiramos o regimento do Consepe e adotamos ao estatuto da universidade, dando 9

cadeiras para alunos. Então a gente ficou com 18 professores e 9 alunos, aí eu vejo que o aluno começa a participar, começa a se inteirar e se ele se inteira pouco a culpa não é só dele é nossa também. Assim aí nesse ponto mais abstrato que eu traria o concreto é como eu digo: tudo que hoje é novo amanhã vai ser velho, então o que vai fortalecer mesmo e manter contínuo é a amizade.

Glisiany Plúvia: Um dos avanços que nós conseguimos foi o próprio restaurante popular. Conseguimos que a comunidade, que a vizinhança enxergasse que nesse espaço aqui todo mundo pode entrar, é um espaço realmente público. Hoje a gente vê vários trabalhadores que vêm para essa área almoçar com os estudantes e a cada fila que a gente passa é uma troca de experiência entre a comunidade acadêmica e a nossa sociedade, o que enriquece muito nosso currículo porque a passamos a enxergar muitas coisas. Mas uma das lutas que nós continuamos questionando é a demanda de refeições por dia que agora tem que ser aumentada. São 750 refeições diárias e tem dia que cedo, 12h30, já acaba a alimentação e precisa rever qual o dia da semana a gente necessita aumentar para garantir que todos os estudantes possam almoçar e, como representando do DCE os outros campi, também ficam perguntando... O que a gente pode fazer para ter outro restaurante universitário, que é diferente. Nós ainda temos um restaurante popular não é um universitário, que nós queremos porque um restaurante universitário ele vai fornecer a refeição, o café da manhã, almoço e o jantar. Hoje os estudantes daqui que ficam pela manhã e início da tarde são privilegiados por poder almoçar ao preço de 1 real que sai do nosso bolso, mas muitos estudantes que chegam aqui

à noite, por exemplo, não têm dinheiro e ficam com fome a noite toda e então por isso que a gente ainda luta para que tenha um restaurante universitário eu queria saber como é essa discussão do restaurante se pensam nos outros campi se há um diálogo com o Governo do Estado para colocar, pelo menos, digamos no campus central no campus avançado de Natal, se há a discussão de levar essa experiência que está dando certo aqui para outros espaços.

Pedro: Eu não me perdoaria se a gente saísse daqui sem esse momento de falar sobre isso. Primeiro o pae infra, quando eu falei das residências e dos transportes, ele já contempla também o restaurante universitário. Outra questão é esse registro por parte do Governo do Estado, a parceria de trazer o restaurante popular pra cá, que foi dado um passo que talvez não seja o ideal – vocês também sabem que a gente foi duramente criticado eu não falo com trauma não eu falo isso feliz porque hoje a gente mostrou que as pessoas estavam erradas quando a gente disse que era um restaurante popular e iria entrar todo mundo na universidade e eu dizia que a universidade é pública e muitos me criticaram porque não era para entrar todo mundo na universidade e eu fico feliz e a gente vê realmente sua fala e tenha certeza que eu vou pegar essa fala e vou mostrar a outras pessoas quanto à oferta ou uma alimentação subsidiada ou de bom preço. Vou falar aqui em algumas questões uma é o PAE, aquela bolsa que a gente pagou de aluguel. Hoje eu poderia colocar as bolsas só no Campus Central, coloquei a bolsa por quantidade de alunos proporcional em todos os campi, então tem aluno de Pau dos

Ferros, aluno de Natal que ganha a bolsa e com esse dinheiro ele pode pagar seu alimento. Um outra coisa, a busca por esse restaurante popular ou que se abra um restaurante popular em Assú, perto da universidade, porque aí fica próximo. A outra coisa é a adesão, como Yasmin me perguntou, ao Enem/SiSu, existe um resolução nacional, Pnaest, segundo a qual pela quantidade de vagas que nós temos a gente vai receber em torno de 2 milhões de reais por ano; com os três anos de oferta, nós temos aí para receber em torno de 6 milhões de reais do Governo Federal e esses 6 milhões como o próprio nome diz Programa Nacional de Assistência Estudantil, então aí sim Plúvia com esse recurso a gente conseguiria pegar os nossos espaços e dotar de café da manhã, almoço e jantar, como a Universidade Estadual de Santa Cruz já faz isso e eu já tinha conversado com a reitora de lá para entendermos como acontece e adotarmos isso aqui. Então digo que a gente tinha essas 4 frentes PAE infra, adesão ao Enem/SiSu, Penaest, o PAE e a busca por restaurante popular. Mas quero aproveitar aqui também e falar no restaurante popular e dizer que esse centro de convivência, não sei quem é que se lembra porque são alunos novatos, ali era um espaço para comercialização, nós tínhamos livrarias, venda de disco, venda daquilo, e pensando realmente no poder aquisitivo das pessoas que estão na Universidade e da necessidade de outros serviços, hoje no nosso centro de convivência nós temos o DCE, a DAE, o comitê de Ética, a Diretoria de Assuntos Estudantis, a Edições Uern, então começamos a dotar o centro de convivência de espaços que ofertem serviços que muitas vezes na sala de aula você não vê. Ali é uma canto onde realmente o DCE e a DAE dialogam e tem a oferta desses serviços. Quero

aqui, terminando sua pergunta, dizer justamente que nós continuamos na busca por essas ofertas de várias formas, não achem que a única saída é o restaurante popular eu não me limito a uma única solução, eu busco várias alternativas.

Glisiany Plúvia: E outra coisa sobre alimentação, reitor, é que antes eu não sei se era centro comercial de convivência, como o senhor falou, mas ali aquelas lanchonetes é através de licitações né, que eles concorrem, para poder ver o menor preço para fornecer para os estudantes. Mas nós percebemos que é muita coisa cara que ainda limita muito, principalmente quando é à noite, quando muitos chegam com fome, e por isso a importância de um restaurante universitário e de ter outras lanchonetes aqui para facilitar a alimentação. Mas como é que, dada essa questão, se pensa por exemplo nos alunos? Porque há pouco tempo teve uma demanda no DCE de procurarem a gente para falar sobre esse processo e pergutarem: Plúvia, vocês têm acompanhamento sobre quanto é o preço? Porque a gente acha muito caro a concorrência, a gente sabe da dificuldade que os comerciantes têm, mas os valores são muito caros para no dia a dia a gente ter que se alimentar aqui dentro da Universidade hoje.

Pedro: Um outro grande momento aqui, eu realmente estou ficando feliz. Na realidade esses espaços não são licitados, eles eram espaços cedidos por algum motivo, por algum acordo, por algum momento, certo? E nós temos pessoas aqui históricas, pessoas do nosso bem-querer que usam aqueles espaços, mas a gente colocou as nossas atribuições,

os nossos deveres, acima de tudo. Estamos com a licitação em andamento para todos os campi, nunca falando só sobre o Campus Central. Então o Campus Central, a faculdade de medicina, a faculdade de enfermagem, o campus de Natal, o campus de Patu, campus de Pau dos Ferros, o campus de Caicó e de Assú, todos eles estão com licitação aberta e o valor do aluguel eu poderia muito bem colocar para que essas pessoas pagassem o aluguel para usar aquele espaço, mas a gente não tem valor de aluguel, a gente tem subsídio no cardápio que a gente cobrou. O que é isso, se uma coxinha era 3 reais, ela passa a ser 1, eu estou falando em preços fictícios. Mas assim a gente não cobrou daquele vencedor da licitação o valor de aluguel para colocar nas contas da universidade. A gente exigiu que ele subsidiasse esse valor para que ficasse mais favorável para o aluno. E dessa forma a gente tem certeza de que quem passar a ocupar aquele espaço vai pagar sua água e seu telefone e sua luz, porque todos os estabelecimentos vão ter que ter sua conta de água, luz e telefone. Não vão usar da universidade e nem público, todos que estão ali venceram uma licitação pública e que foi divulgada no diário oficial e todos que estão ali não vão pagar um aluguel à universidade, vão diminuir o valor dos produtos que eles estão vendendo.

Glisiany Plúvia: outra pergunta reitor é sobre as xerox, como é feito o processo de xerox dentro da universidade.

Andreza Maria: Inclusive aumentou...

Pedro: Pronto, todos nós somos vigilantes. Xerox é uma luta contínua em que a empresa é licitada e essa licitação tem uma vencedora, confesso que não vou saber o qual é o prazo, mas eu me lembro que da última vez o DCE participou dessa licitação, conversou com as empresas e o valor, se eu não me engano, era de sete centavos e em um dado momento um aluno nos avisou pelo facebook, no inbox, que o valor praticado em um dado estabelecimento estava de 9 centavos e então a gente veio aqui falou com a pessoa e mandou baixar. É muito importante que todos nós saibamos de quanto era esse valor, que deve estar em torno de 7 a 8 centavos, e que façamos essa vigilância, que tem que ser constante porque muitas vezes o dono do estabelecimento reclama disso disso disso, mas ele participou de uma licitação pública e o valor era tanto, então ele tem que cumprir aquele valor. Outra coisa que a gente sentia também era pouca gente para atender em dados horários, pouca gente pela manhã e à noite e à tarde reclamava que era mais ocioso e tudo isso a gente vai amadurecendo nessa relação aqui de contato.

Andreza Maria: É assim, dá para questionar bastante com relação ao aumento que tem na xerox porque mudou a empresa e isso influencia certamente no valor, deve ser por isso que aumentou o valor da xerox.

Pedro: Na verdade vocês podem me cobrar que eu passo para vocês a licitação e quanto era para ser o valor e a gente tem que ser vigilante nisso. É até bom esse tipo de tema aqui para que cada um procure saber quanto foi a licitação e talvez a

gente deixe no guia do estudante que a xerox aprovada foi tanto e todo mundo que for ler o guia do estudante veja e que a gente seja vigilante nesse sentido.

Andreza Maria: Com relação às lanchonetes a gente chegou a ouvir boatos que vai mudar. Inclusive de que a empresa que talvez venha é uma empresa que cobra valores mais altos.

Pedro: É justamente isso que eu disse para empresa, a gente definiu um cardápio com nutricionista e valores e, ao invés dele pagar à universidade um aluguel para usar o estabelecimento, ele vai diminuir o valor do produto que está oferecendo. Agora da mesma forma que vocês estão vendo o restaurante popular, vai ter a vigilância sanitária, vai ter cardápio de nutricionista, vai ter todo esse tipo de trabalho.

Jocifran: Reitor é muito importante essa sua conversa com a gente. Eu agradeço muito e fico feliz porque você é um reitor que realmente está na Universidade, que conhece as pessoas e que gosta de conversar. Para finalizar, o que esta instituição representa para você?

Pedro: É hoje essa instituição... deixe eu só me acalmar aqui porque falar em família, falar em sentimento, vamos falar em parede, homem, mas assim é minha vida eu vivo nesta instituição, eu me dedico a ela. Eu, em 2016, realizei um grande sonho, pois entrei nesta instituição como graduado, aqui não tinha computação, participei da criação do curso de computação, fui para fora para fazer mestrado que aqui não

tinha, participei da criação do mestrado, tenho minha esposa com quem estou completando agora 20 anos de casado e se formou aqui em computação, no curso que eu dou aula e hoje eu tenho minha filha que está fazendo computação, Yasmin, que é minha primeira filha, eu tenho 4 filhos, ela é a mais velha e eu posso dizer a você que o que eu melhor tenho, que é minha filha, estou dando a ela o que eu melhor posso que é o curso de computação da Uern, onde eu vivo dele e eu tenho muito orgulho de um dia ver o nome da minha filha com o nome da Uern no mesmo diploma.

Isaiana: Como eu não sou de Mossoró, sou de Caicó, eu não posso esquecer a minha cidade. Quais foram os principais entraves que teve lá com a Uern? Porque começou lá a construção do campus, mas parou, então alugaram um canto... Por que é tão difícil ter uma sede da Uern lá?

Pedro: Em Caicó hoje nós temos uma sede própria. Quando assumimos, e considerando aí o trabalho e o empenho dos outros ex-reitores, eu não estou aqui querendo dizer que fiz mais que ninguém, eu até digo que meu trabalho seja mais fácil de criar, aliás de manter, os outros criaram talvez seja muito mais difícil. Mas quando a gente assumiu a Uern, o campus de Caicó não tinha credenciamento, não existia legalmente como campus, ele não tinha uma sede própria, vocês sabem disso e a gente começou a trabalhar neste sentido. Temos um decreto estadual criando o campus, hoje os três cursos já passaram pelo processo de reconhecimento e então a gente se voltou para construção do prédio, mas o prédio está hoje numa área que tem dificuldade de propriedade de documento legal e

isso dificulta a busca de recursos, até conseguimos colocar no empréstimo que o Governo do Estado tinha através do Proinvest, só que depois o Banco do Brasil quem dava esses empréstimos e a gente, através da comunidade dos alunos, professores e técnicos de Caicó, começou a buscar um espaço em Caicó e encontramos a escola estadual Joaquim Apolinar e começamos a trabalhar com a comunidade. Eu digo começamos, os alunos, técnicos e professores e chegamos em uma audiência pública na Câmara de Caicó, onde todos os vereadores estavam e a gente foi defender essa doação porque o Ministério Público se colocou contra dizendo que a gente estava acabando com a educação básica e uma das coisas que eu disse foi o seguinte: só luto por um espaço se não tiver nenhum aluno da educação básica e se tiver 1 aluno, mesmo que vocês digam que o espaço está ocioso, está subutilizado, eu não vou, eu não vou atrás, e não tinha, o colégio estava fechado e a gente conseguiu esse embate e o prefeito Gilberto Germano fez a doação desse espaço com a aprovação pela Câmara Municipal. Então fomos atrás dos deputados e conseguimos emendas para fazer a reforma e aí registro, mais uma vez, o deputado Mineiro e o deputado Álvaro Dias e fizemos a adequação. Como foi a conversa? Vocês têm quantas salas aqui em Caicó? 6? Então eu vou reformar 6. Vocês têm uma biblioteca, então eu vou reformar uma biblioteca, vou fazer inicialmente o que vocês têm lá. O EJA é umas das escolas, você de Caicó sabe, mais tradicionais e mais históricas da cidade, só que me diziam que lá tinha um problema de alagamento quando chovia. Fazia 5 anos que não chovia em Caicó e eu disse: ‘esse é o menor problema porque quantas chuvas dessa vai dar?’ Só que coincidiu que quando

terminamos a obra e colocamos os alunos dentro, tivemos duas chuvas lá que alagaram tudo. E eu disse, inclusive nas minhas redes sociais, água não é problema não, deixe vir água e começamos a fazer os ajustes e hoje estamos lá com esse espaço próprio da Universidade e fizemos uma reforma no ano passado, estamos fazendo reforma esse ano e como eu disse à comunidade: vamos fazer reforma a cada ano e esse foi o desfecho. Caicó tem hoje um patrimônio próprio uma universidade lá.

Isaiana: No nosso curso temos uma carência muito grande de professor efetivo, principalmente para o curso de publicidade, que só tem 2 professores publicitários, que é Ivan e Soberana, Albery de vez em quando dá uma aula. E um desses professores, esse semestre que é TCC está muito sobrecarregado, tem professor com 6 orientandos, além das aulas. Então como está esse processo para ter edital, para chamar professor?

Pedro: Essa é até uma boa pergunta. Nós fizemos agora, tivemos agora a conquista de um concurso, concurso esse que nós conseguimos respaldados na lei, a lei de responsabilidade fiscal, fizemos uma discussão com todos os departamentos e a priori essas vagas eram só para os cursos que tinham professores aposentados ou falecidos, comunicação não tinha, só que a gente conseguiu inserir todos os cursos para atender demanda de todos os cursos e alguns cursos realmente têm até dificuldade de profissionais no mercado que queiram, mas recentemente nós fizemos esse concurso, tivemos aí 12.600 inscritos para 116 vagas, demonstra o valor da nossa instituição bem como a falta de oportunidade em outros locais

e a gente espera recompor esse quadro docente dessa forma, com a realização desse concurso obviamente respeitando a lei.

Kauany: É o sonho de todo aluno terminar e receber o diploma e eu, como acompanho o senhor nas redes sociais, vi até uma postagem sua de fotos dos diplomas de vários formandos e dizendo que não leva trabalho para casa, mas era uma satisfação assinar aqueles vários diplomas, e a Uern forma alunos de todos os lugares de várias cidades e quando a gente passa os 4 anos e termina a universidade com o diploma na mão é sinal de vitória. Para o senhor qual a importância dessa conquista de ver os alunos se formando e recebendo o diploma?

Pedro: Bom, um dos momentos mais marcantes enquanto reitor da nossa administração é sempre quando a gente participa de uma colação de grau. A colação de grau reúne tudo que você fez, tudo que a gente conversou aqui, e pra chegar àquele momento e conferir o grau. Só que eu não sei se é porque eu sou da área de exatas eu gosto muito de pegar nas coisas, gosto muito da coisa mais concreta, então a gente tem aquele protocolo de colação de grau, aquele momento solene de conferir o grau, mas muitos saíam e ficavam se perguntando o que que aconteceu comigo? No outro dia você chegava no mercado de trabalho, na sua colocação, onde você esteja e queria mostrar o que tinha acontecido com você e você tinha uma foto para bater do dia anterior. Então a gente se reuniu no início da gestão e conversamos com a Pró-Reitoria

de Graduação e hoje todo aluno que participa da solenidade de colação de grau não recebe só o grau, recebe o grau que é um momento solene e simbólico e recebe o diploma, que é aquilo que evidencia o seu trabalho lhe permitindo que no dia seguinte você já apresente e possa ter os benefícios. Esse é talvez um dos momentos, uma das conquistas que eu acho que não tem mais volta, todo próximo reitor vai ter que continuar fazendo essa política que ninguém admite mais não receber seu diploma na colação de grau e digo um detalhe peço a vocês que olhem atrás um carimbo que tem no diploma, ali é o reconhecimento do seu curso e todos os cursos hoje da universidade estão reconhecidos. Nós fizemos um trabalho aí nos dois últimos anos e meio de apresentar ao Conselho Estadual de Educação, a quem tem todo poder, segundo a LDB, para reconhecer nossos cursos enquanto universidade. A gente tem autonomia de criar, depois de um dado tempo você tem que reconhecer e renovar o conhecimento. Então todos os cursos da Universidade são reconhecidos dentro do seu prazo legal. Aquele curso que está se formando por um motivo ou outro e o processo não foi finalizado eu não entrego o diploma, só entrego com o carimbo válido.

Entrevista com o Reitor Pedro Fernandes

Emanoel Farias (De Olho no Assu): Quais foram as dificuldades encontradas na sua gestão? E quais os avanços de hoje?

Pedro Fernandes: “A Uern é o maior patrimônio do Estado do Rio Grande do Norte”. Ao mesmo tempo em que, considerando essa afirmação, as dificuldades são inúmeras, do ponto de vista didático-científico, administrativo e financeiro.

Na questão didático-científica, assegurar ensino público, gratuito e de qualidade em um Estado, no Nordeste do Brasil, não é uma tarefa simples. Efetivar, capacitar e fixar servidores qualificados são constantes desafios, ainda mais quando ressaltamos a política de expansão do sistema de ensino superior federal e privado. Mesmo assim, a Uern tem hoje mais de oitenta por cento dos seus professores com doutorado e/ou mestrado e oitenta e quatro por cento de professores com Dedicção Exclusiva. Os técnicos administrativos em sua totalidade são concursados e possuem, além de uma carreira, uma política de capacitação. Porém, depois que conseguimos focar na fixação dos servidores, nos deparamos com decisões absurdas como uma Ação Direta de Inconstitucionalidade, causando uma instabilidade emocional em mais de cem

servidores que desde o ano de 1994 têm estabilidade, respaldada por lei. Também tivemos que terceirizar os serviços de vigilância, motorista e serviços diversos, o que nos traz muitos transtornos, por conta das questões contratuais e de responsabilidade. Atualmente, vivemos os constantes atrasos salariais que, por si só, geram toda uma desmotivação e, conseqüentemente, pedidos de exoneração.

No aspecto administrativo, temos uma estrutura descentralizada, composta pelo campus central e os campi avançados. Muitas situações seriam facilmente resolvidas se os trâmites burocráticos, os processos licitatórios e a contratação de serviços pudessem também ser descentralizados. Quantas vezes um processo que passou por todas suas etapas teve que ter mais uma, pois precisava da assinatura do reitor? Poderíamos aqui também colocar os entraves à verticalização da Uern, como denominamos a criação dos cursos de pós-graduação *stricto sensu*. Quando atingíamos todos os pré-requisitos para submissão da proposta, tínhamos que gerenciar a distribuição de carga horária, pois os docentes são lotados nos departamentos, e a criação de um curso de mestrado, via de regra, envolve professores e professoras de diferentes departamentos.

O aspecto financeiro, sem dúvidas, aparece como a maior dificuldade. Anualmente, na Lei de Diretrizes Orçamentárias e, em seguida, na Lei Orçamentária Anual tem o disposto para Uern. Os números ali colocados estão longe do ideal, ao mesmo tempo que são números reais e que toda comunidade se ajustou para aquela execução. O problema é que o financeiro fica bem aquém do orçamento aprovado. Também não dispomos de

instrumentos legais para exigir o cumprimento das leis citadas. Por isso que perseguimos a autonomia financeira, na qual trabalharemos com o duodécimo, o que nos dará condições de executar o que planejamos e nos comprometemos. Mais ainda, teremos condições de um planejamento de longo prazo, o que poderíamos nos valer do Plano Plurianual e do Plano Estadual de Educação, ambas leis estaduais.

Aqui transcrevo o Artigo 207 da Constituição Federal:

Art. 207. As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Como ter autonomia sem dinheiro?

Nas respostas seguintes, vamos descrevendo vários avanços da nossa gestão.

Márcio Costa (O Mossoroense): Vivemos um momento de recursos escassos e demandas crescentes. Como garantir uma fórmula que contemple o equilíbrio de gestão e garanta o desenvolvimento da Uern?

Pedro Fernandes: Definindo prioridades. Não adianta querer fazer tudo. A Uern teve que tomar decisões antipáticas, porém austeras.

Márcio Costa: Como Reitor da Uern, como o senhor idealiza a instituição daqui a 20 anos. É possível ter uma visão otimista quanto ao futuro da universidade estadual?

Pedro Fernandes: Muito otimista. Sem dúvidas, em 20 anos, sobretudo os professores da educação básica terão a certeza de cursar o seu mestrado e doutorado no interior do Estado e/ou na Zona Norte de Natal.

Moisés Albuquerque (TCM): Diante de um cenário de tanto desrespeito com o servidor por parte do Governo do Estado, o que a Reitoria tem feito para manter professores e técnicos estimulados no desempenho de suas funções na universidade?

Pedro Fernandes: Quem nunca escutou que servidor público não trabalha? Quem nunca presenciou uma comparação dizendo que se fosse no sistema privado isso não aconteceria, só acontece porque é no público? Isso não seria desrespeito? Pois é, isso tem se intensificado muito nos dias atuais de crise, onde a culpa parece que somente é do servidor público. Início a resposta com tais perguntas, pois a questão chega a ser histórica e hoje, que parece que o dinheiro acabou, somos os culpados.

No ano de 2015, tínhamos o orçamento aprovado em lei e fizemos todos os exercícios financeiros institucionais, visando ao cumprimento de um acordo com o Governo do Estado para reposição salarial. Chegamos a ter o aval positivo do consultor

do Estado, à época, contudo, com a alegação do Estado extrapolar a Lei de Responsabilidade Fiscal, não obtivemos a reposição acordada. Isso tudo nos deixou indignados e, eu, em particular, fiquei decepcionado com aquele desfecho, pois, para além de todo trabalho que fizemos, representava uma comunidade que confiou naquele acordo. Aqui reitero que fizemos o acordo com o Estado e não com o Governo; então, embora tenha existido a mudança de governo, isso não inviabilizaria o acordo. Pois bem, essa indignação gerou a maior greve da Uern, estendendo-se durante cinco meses. Como resultado, os técnicos administrativos, em efetivo exercício, acataram a reposição em forma de auxílio, o que foi imediatamente submetido ao Legislativo e transformado em lei. Infelizmente, os docentes, em efetivo exercício, e os aposentados, docentes e técnicos administrativos, não tiveram.

No ano seguinte, o Governo do Estado atendeu uma demanda de anos que foi a oferta de refeições, com preços subsidiados, no Campus Central, com a instalação de um restaurante popular. Demanda essa existente em todos os municípios do Rio Grande do Norte, e em Mossoró tinham demandas para outros locais. Esse foi o pontapé inicial, pois estamos em negociação para instalação do café do trabalhador e de restaurantes populares em todos os *campi*. Nesse mesmo ano, conseguimos realizar um concurso público em todas as áreas do conhecimento para docente e técnico-administrativo. Também tivemos a doação do espaço onde funciona o ambulatório do curso de Medicina. Para além disso, continuamos com vários cursos em parceria com a Escola de Governo, e com várias secretarias do Estado.

Já nesse ano, conseguimos aprovar, na instância do Executivo, o plano de saúde. Porém, estamos todos com os salários atrasados e sem a reposição, nem da inflação. Aproveito para repetir, quando o pagamento com atraso apresentou a Uern no último dia, não achamos justo, buscamos o Governo e reclamamos. Por isso, ou não, os pagamentos seguintes foram por faixa salarial, considerando todos os servidores estaduais, em efetivo exercício, aposentados e pensionistas. Não posso nesse momento, mesmo sendo reitor, professor, exigir o pagamento preferencial da Uern, uma vez que nos propomos a ser uma instituição socialmente referenciada, com uma completa integração com os outros setores.

Existem tramitando no Governo do Estado os projetos dos Planos de Cargos, Carreira e Salários dos docentes e técnicos-administrativos; o projeto de reposição salarial e, ainda este ano, queremos depositar o projeto de autonomia financeira. A autonomia financeira da Uern está aprovada nas leis do PPA, PEE e LOA.

Temos insistido no diálogo e avançado em questões históricas, como a desburocratização para concessão de Dedicção Exclusiva e a formalização da capacitação dos técnicos administrativos.

Moisés Albuquerque: Há vários anos se fala em autonomia financeira da universidade como forma de otimizar recursos e investimentos. A comunidade acadêmica pode ainda sonhar com essa conquista, ou precisa encarar a realidade imposta por sucessivos governos?

Pedro Fernandes: Eu acredito completamente na implantação

da autonomia financeira. Dessa forma, transmito a toda comunidade essa minha confiança. Importante colocar que autonomia financeira não é soberania, pois continuaremos sob a luz das leis, especificamente a Lei de Responsabilidade Fiscal.

Breno Perrucci (TV Assembleia/Sindjorn): Caro reitor, qual a justificativa para a Uern não oferecer o curso de Jornalismo também em Natal ou em outros campi do Estado? Por que só em Mossoró?

Pedro Fernandes: Os últimos cursos criados pela Uern, o foram no ano de 2010. Quando assumimos em setembro do ano de 2013, trabalhamos no reconhecimento ou renovação de reconhecimento dos cursos existentes. Também tivemos a dura missão de seguir a determinação do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão em suspender as vagas de quinze cursos em onze municípios, onde funcionam os núcleos avançados de educação superior. No ano passado, conseguimos finalmente fazer concurso para os cursos que tinham sido criados em 2010. Resumidamente, justificamos a prioridade de consolidar os cursos existentes.

Com a conclusão da obra do Campus Avançado de Natal, estamos focando na mudança, bem como na prospecção por novos cursos.

Breno Perrucci: Uma cidade do porte de Mossoró e com um mercado de comunicação tão em ebulição já merecia ter ao menos uma pós-graduação pública oferecida pela Uern. Existe alguma meta para que isso possa acontecer em um curto prazo?

Pedro Fernandes: Concordo plenamente. Hoje temos vários egressos do curso de comunicação fazendo Mestrado em Ciências Sociais e Humanas da Uern, como em outras IES.

Para criação de uma pós-graduação lato sensu, nível especialização, o corpo docente tem total autonomia para propor e, em sendo aprovado nos conselhos, o curso já pode entrar em vigor. Já uma pós-graduação stricto sensu, níveis mestrado e/ou doutorado, tem que ter a recomendação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Essa recomendação avalia a proposta enviada pela instituição, considerando qualificação docente, produção acadêmica, experiência de ensino, pesquisa e extensão. Nos últimos dez anos, tivemos a aprovação de vinte e dois mestrados e/ou doutorados em várias áreas do conhecimento.

Carlos Santos (Blog Carlos Santos): A política do governo federal nos últimos anos ensejou denso investimento no ensino superior, pulverizando vários cursos que, passados alguns anos, parecem esvaziados. Esse fenômeno ocorre também na Uern e como sua gestão trata isso?

Pedro Fernandes: A evasão e a retenção são realmente desafios que as instituições têm enfrentado. Não associaria ao denso investimento do governo federal, por conseguinte a expansão. Vejamos, Natal, capital do Estado, destaca-se no cenário turístico, contudo os cursos de Turismo da UFRN e da Uern possuem uma grande evasão. Esses cursos antecedem o REUNI. Muitas variáveis devem ser consideradas. O próprio comportamento humano com o advento e fácil acesso à internet, pois numa sala de aula, o docente tem se esforçado cada vez mais para manter um estudante concentrado. A forma de ingresso na universidade pública em nosso Estado se dá exclusivamente pelo Enem/SiSu. Nesse sistema, o candidato possui uma pontuação, e dentre os cursos ofertados, escolhe muitas vezes aquele que consegue entrar, descartando qualquer aptidão. O ensino superior privado se expandiu bastante, o que tem aumentado consideravelmente o leque de opções, em contrapartida a facilidade no abandono do curso.

Induzir atividades de extensão, pesquisa e empreendedorismo são ações que motivam o estudante, por conseguinte contribuem para sua permanência na universidade.

Carlos Santos: Particularmente acho que a Uern e seus segmentos se comunicam mal, principalmente além dos limites de Mossoró e na capital. Daí, vejo, como até “natural” a pregação por sua privatização ou federalização como se fosse um sobrepeso para o erário estadual. Como desmitificar isso? O que a Uern tem feito para provar aos incrédulos que é importante e imprescindível?

Pedro Fernandes: Essa visão de que a Uern é um “peso” se trata de um pensamento equivocado de pessoas que não conhecem a universidade e o seu papel social. A Uern tem suas ações focadas no interior do Estado, mas também está presente em Natal com o campus e o Complexo Cultural na Zona Norte. Temos estimulado nossos professores, estudantes e técnicos a divulgarem tudo que a Uern tem de melhor. Além disso, temos na nossa agência de comunicação uma equipe multimídia de profissionais qualificados que estão atuando nas redes sociais, audiovisual e em um site reformulado e mais interativo. Ainda temos a Uern TV que produz conteúdo de qualidade transmitido nacionalmente no Canal Futura e estamos próximos de tornar o sonho da FM Universitária uma realidade.

Saulo Vale (Rádio Rural): Este ano, relatos de alunos e furtos nos equipamentos da Uern TV revelaram um cenário de insegurança dentro dos *campi* da universidade. O que a gestão tem feito para reverter esse quadro?

Pedro Fernandes: A Uern não é uma ilha nesse cenário de insegurança que assola o país. Temos discutido soluções com a comunidade acadêmica para essa área. Não é uma coisa fácil de resolver, mas temos mantido uma equipe de vigilantes preparados para proteger a comunidade e o patrimônio, além de buscado parcerias com as Polícias Militar e Civil.

Saulo Vale (Rádio Rural): Integrantes da Associação Brasileira de Reitores das Universidades Estaduais e Municipais (ABRUEM) têm discutido alternativas à preocupante crise nas instituições públicas de ensino superior. Na sua opinião, qual o caminho que as universidades estaduais devem seguir, em comum, para amenizar os efeitos da crise?

Pedro Fernandes: O caminho é a autonomia financeira das universidades estaduais. Estamos fazendo a nossa parte aqui na Uern. Avançamos no projeto de autonomia financeira, conseguindo aprovar em três leis estaduais metas para a implantação da autonomia financeira em 2017. Vale lembrar que o Governo Federal tem o PROUNI e o FIES que fortalecem as universidades particulares e o REUNI as federais. Precisamos ter uma ação dessas também para as estaduais e municipais, que são responsáveis por 40% dos alunos matriculados no ensino superior público brasileiro.

Lídia Pace (Intertv Cabugi): O senhor foi reeleito reitor neste ano. Quais os maiores desafios de uma nova gestão, e quais serão os setores e ações que terão prioridade em um curto espaço de tempo?

Pedro Fernandes: Nosso maior desafio é tornar a Uern ainda mais socialmente referenciada, participando ativamente da educação básica, seja na formação de professores, ou na criação de escolas de aplicação. Atuando nas políticas

públicas como agente transformador, na saúde, na segurança, na inclusão, na cultura, no esporte, no cuidado ao meio ambiente, e na inovação tecnológica.

Lídia Pace (Intertv Cabugi): A abertura de novos cursos no campus da Zona Norte e a ampliação de recursos para pesquisa para os já existentes estão nos planos do senhor?

Pedro Fernandes: Sim. A equipe do professor Francisco Dantas, diretor do Campus Avançado de Natal, está empenhada na preparação de projetos pedagógicos para criação de novos. Importante frisar que existe todo o empenho para otimização do corpo docente existente, sem a necessidade de contratação. Vamos reforçar em Natal a nossa vocação para formar professores, promovendo o desenvolvimento socioeducacional na Zona Norte.

César Santos (De Fato): Reitor Pedro Fernandes, é inegável o desempenho gigantesco da Uern na área do ensino, com a formação de mais de 40 mil alunos em sua história, e na extensão com a sua capilaridade social, estando presente em quase todo o Rio Grande do Norte; porém, parece incipiente na pesquisa. A instituição precisa produzir ciência, conhecimento novo, e isso a Uern tem feito muito pouco. Como a sua gestão projeta avançar na pesquisa?

Pedro Fernandes: A pesquisa tem avançado nos últimos anos na Uern. Hoje, são 22 cursos de mestrado e doutorado, em 2007 não tínhamos nenhum, contando com os primeiros

cursos de doutorado, Letras no Campus em Pau dos Ferros e Bioquímica e Biologia Molecular, na FACS. Na inovação tecnológica, saltamos de três patentes em 2013 para 23 em 2016. O nosso portal de periódicos atualmente hospeda 17 revistas científicas todas vinculadas aos cursos de graduação e pós-graduação. Além disso, temos a regulamentação e acompanhamento dos grupos de pesquisa. 127 artigos foram publicados em 2016, bem como dobramos de 3 para 6 a quantidade de bolsistas de produtividade. PIBIC, PIBITI e PIBIC-EM são ações crescentes. De 2009 até 2017, conseguimos aprovação em todos os CT-INFRA/FINEP, totalizando mais de R\$ 14.000.000,00 em investimentos federais. O Pró-equipamentos/CAPES é outro edital que temos tido sucesso, com aprovação total de R\$ 2.000.000,00. Só de bolsas de mestrado/doutorado e residências médica e multiprofissional contabilizamos um investimento anual de R\$ 3.500.000,00.

César Santos (De Fato): É evidente que para produzir ciência a instituição precisa de doutores. A Uern enfrenta uma situação bem delicada. Com os salários “congelados” há mais de quatro anos e sem perspectiva de reajuste, em virtude da fragilidade financeira do Estado, parece inevitável a saída de doutores para outras instituições, que oferecem melhores condições salariais. Como é possível a instituição enfrentar o problema para inibir a perda de quadros que, reconheça-se, já é bem frágil em quantidade de doutores?

Pedro Fernandes: Nós temos feito o possível para fortalecer a política de fixação de servidores, incluindo os doutores. Antes da fixação, porém, uma política de capacitação docente se intensificou desde o ano de 2000, aproximadamente. Postura institucional adotada que hoje facilita a fixação, uma vez que a maioria dos docentes foram capacitados pela Uern e possuem naturalidade onde atua. Hoje tornamos mais flexível a concessão de Dedicção Exclusiva; temos ampliado as atividades de pesquisa e extensão, assegurando carga horária. Do total de 794 docentes, 581 estão com DE. Hoje, temos a maioria dos 355 mestres encaminhando o doutoramento e outros 342 doutores.

Alex Calixta (Comunicador Efectivo): Desde sua fundação o campus de Patu só teve um aumento no número de curso, que foi a vinda do curso de Letras. Há uma possibilidade da vinda de outro ou outros cursos para o CAP – Campus Avançado de Patu?

Pedro Fernandes: Temos uma grande preocupação em aumentar as ofertas de cursos. A qualidade precisa ser priorizada. Por isso, durante nossa gestão, 2013-2017, não criamos nenhum curso de graduação, em nenhum campus. Focamos no reconhecimento e na renovação do reconhecimento dos cursos existentes. Em agosto deste ano, iniciamos o processo de recredenciamento da Uern. Paralelo a isso, realizamos o concurso público para atender as demandas existentes, como no caso do curso de Letras que não possuía nenhum professor efetivo.

Está tramitando a proposta pedagógica para criação do curso de Direito em Patu que é preciso cumprir a legislação nacional que exige a manifestação favorável da OAB para início do curso, mesmo após aprovado internamente. Temos também uma proposta para criação de Serviço Social.

Alex Calixta (Comunicador Efectivo): Há um projeto de facilitar o acesso dos estudantes não residentes em Patu no tocante à moradia e assistencialismo?

Pedro Fernandes: Sim, temos. Já contamos com uma residência feminina com 16 leitos e num curto prazo teremos a residência masculina com o mesmo quantitativo de vagas. Importante frisar que iniciamos a expansão das residências e que desde o ano de 2016, estamos buscando a locação do imóvel, que por questões burocráticas ainda não se concretizou. Temos ainda o auxílio PAE (Programa de Assistência Estudantil) e auxílio-alimentação.

Marcos Dantas (95 FM/Caicó): O que a administração do atual reitor planeja em relação à expansão do ensino superior no Seridó?

Pedro Fernandes: Devemos perseguir a retomada e conclusão da obra que fica junto ao Hospital do Seridó. Em 2013, inserimos esta demanda no Proinvest, empréstimo que o Governo Estadual tinha com o Banco do Brasil, de acordo

com a lei estadual N°. 9.856, de 11 de junho de 2014, porém, o Banco não aceitou a alteração. Também fomos à FUNASA na tentativa do desmembramento do terreno, visando conseguir a escritura pública e, por conseguinte, convênios. Uma outra frente é a destinação de orçamento do tesouro estadual.

Concomitante ao que foi supracitado, numa luta da comunidade acadêmica que passou também por uma articulação, envolvendo o Governo do Estado e a Prefeitura, conseguimos a doação de um espaço que hoje funciona o campus e que estamos buscando convênios e destinando orçamento para ampliação das salas reformadas, espaços de convivência e a biblioteca. Em seguida, assegurar instrumentos para prática de esportes e um auditório. Temos ainda as clínicas odontológicas que precisam ser reformadas.

No que diz respeito à parte acadêmica, estamos trabalhando em propostas de mestrado, duas especificamente: Odontologia e Ensino, este segundo em parceria com a UFRN. Em 2017 iniciamos o Mestrado em Filosofia. Houve a ampliação de vagas para os cursos de graduação existentes. Novos cursos de graduação serão demandados pela comunidade para, após apreciação dos colegiados, serem implantados.

Marcos Dantas (95 FM/Caicó): Sobre o Campus Avançado de Caicó, havia duas frentes de obras em andamento, referentes à reestruturação da rede elétrica, reforma e drenagem, financiadas por recursos de emendas parlamentares dos deputados Mineiro e Álvaro Dias. Como estão essas obras, o que já foi concluído e quais os prazos para finalização das demais etapas restantes?

Pedro Fernandes: A obra da reestruturação da rede elétrica já foi concluída, com a instalação de um transformador de 225 kva, rede de entrada de energia elétrica e postes com iluminação para a área interna do campus.

Já a obra de melhorias e drenagem, executamos por enquanto a mudança e instalação de novo portão do acesso principal ao campus e alguns serviços topográficos para drenagem. Executado menos de 20% da obra.

Esse contrato encontra-se paralisado, aguardando liberação de repasses para retomada dos serviços.

Entrevista com o Reitor Pedro Fernandes

A Uern tem como grande característica um perfil muito inclusivo. Quase 90% de nossos alunos são egressos de escolas públicas e muitos deles vêm de um quadro de vulnerabilidade social. Que análise o senhor faz dessa importância social da Uern?

REITOR: Isso é o que mais nos motiva, é onde reside nossa luta. Estamos fora de um grande centro e de um grande estado. A Uern continua sendo essa instituição sediada no interior. Nosso Campus em Natal está instalado na zona norte, que é uma região mais populosa que Mossoró e não contava com uma universidade. Além disso, nós insistimos em cursos de licenciatura para a formação de professores. A Constituição Federal assegura que todo estado deve investir pelo menos 25% das suas despesas em Educação. Muitos querem traduzir isso de forma errada, como se esse investimento fosse exclusivo para a educação básica. No Rio Grande do Norte, desse percentual de 25% para a Educação, a Uern equivale a 2,7%. Mas o investimento em Educação também se traduz em outros pontos. Afinal, quem é que está presente nas quatro regiões do RN formando professores nas áreas básicas e dando condições para que esses professores continuem nesses

municípios? É uma satisfação poder proporcionar a todos os norte-rio-grandenses o ingresso no ensino superior.

Aproveitando esse gancho da questão social, hoje existe uma grande discussão em torno da inclusão sob vários aspectos, como a igualdade racial e de gênero. Qual o papel da Universidade nesse contexto?

A Universidade foi vanguardista na oferta de vagas, considerando o sistema de cotas em 2002, onde pelo menos 50% das vagas são para alunos que tenham cursado toda sua educação básica na escola pública. Também destinamos 5% das nossas vagas para pessoas com deficiência. Estamos provocando a nossa equipe para trabalhar a implantação das cotas raciais e também a discussão da regionalização. Com a adesão do ENEM/SiSU, a Universidade abriu suas portas para alunos de todo o País, mas precisamos preservar as vagas para quem nasceu no nosso Estado.

Também estamos trabalhando para que a Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN) tenha autonomia e uma transversalidade para permitir que nossos alunos não só tenham essa cota para entrar, mas que consigam permanecer. Temos buscado a questão da acessibilidade em todos os nossos espaços. Também temos buscado o diálogo com o Diretório Central dos Estudantes (DCE) para que essas políticas inclusivas estejam em consonância com a nossa gestão.

Precisamos destacar também o papel do Diretório Central dos Estudantes (DCE), que deixou de ter um presidente para

ter coordenações, e essas coordenações discutem todas essas áreas. Temos buscado esse diálogo para que essas políticas inclusivas estejam em consonância com a nossa gestão.

Um dos principais marcos recentes da Universidade foi a criação da Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), agora em 2018. O que representa para a Uern a criação dessa pró-reitoria?

REITOR: Desde o início da primeira gestão, até mesmo antes de tomar posse, a gente apontava infraestrutura e assistência estudantil como foco. E fizemos todo um trabalho nessa perspectiva, culminando com a criação da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis. Pró-reitoria essa que passa a ter assento não só nos conselhos da instituição, mas também nos fóruns nacionais em busca de melhorias.

Hoje, ela já controla a maior política de bolsas da instituição, bolsas de assistência estudantil, bolsas de extensão, ensino e pesquisa, e estamos avançando para buscar bolsa creche e xerox, no intuito de que os estudantes em situação de vulnerabilidade social tenha condições mínimas de transformar o sonho de se formar em realidade. Para além dessa política de bolsas, temos expansão das residências universitárias. Nós também fizemos a licitação dos espaços para venda de lanches, a gente colocou o subsídio naqueles alimentos, buscando fazer com que o aluno pague menos na alimentação e consiga aqui ficar dentro da instituição. Buscamos parceria com o Governo do Estado através do restaurante popular e conseguimos colocar

um no Campus Central. Mas queremos mais. Queremos chegar em todos os campi e essa vai ser nossa busca.

Nós investimos na aquisição de transportes, adquirimos três micro-ônibus, um ônibus novo, investimos em ajuda para participação de eventos. Tudo isso a PRAE vai conduzir. Algumas coisas já vinham sendo feitas, e outras ela deve inovar.

Além dos avanços citados, a Uern teve crescimento bastante significativo na pesquisa e na pós-graduação. Fale um pouco sobre essa trajetória e os desafios para essas áreas.

REITOR: Esse crescimento se deu ao longo desses 50 anos. A gente tem que dizer isso, tem que olhar para cada gestão, cada ex-reitor, ex-reitora, pró-reitor, técnico, professor, aluno para chegarmos onde estamos. O fato é que em 2007 nós não tínhamos nenhum mestrado nem doutorado na instituição e isso era almejado por todos. Por quê? Porque já existia uma política de capacitação de docentes a ser considerada.

Nós criamos uma plataforma de bons professores, com boa qualificação, hoje chegando a 90% de mestres e doutores no corpo docente, mas precisávamos dessa oferta de mestrado e doutorado. Nós tínhamos o grande desafio de quebrar a assimetria onde a oferta de mestrado e doutorado e as vagas se concentrava nos grandes centros. Conseguimos com muita luta, com muito trabalho, porque para além da capacitação docente, tem que ter a fixação, e essa fixação não se dá só através dos salários. Ela se dá pelas condições de trabalho,

pelas condições da elaboração de uma pesquisa. E é dessa forma que a gente é avaliado. Agora, temos uma plataforma de 22 turmas, de 22 ofertas do mestrado e doutorado.

Diante dessa oferta, existe também o Plano Nacional de Educação, que aponta para a interiorização do ensino superior e para formação continuada de professores. E nós oferecemos vagas para todas as áreas dos professores da educação básica. Se você é professor de História, você tem o mestrado em Ciências Sociais e Humanas. Se é professor de Geografia, você tem o mestrado em Geografia. Se você é pedagogo, professor de Letras, de Física, Matemática, Química, Biologia... Todas as áreas têm uma oportunidade dessa formação continuada, para além dos mestrados profissionais. A gente fica muito contente com essa vivência e essa inserção na pós-graduação, mas isso é só o começo. Nós também precisamos avançar no conceito dos cursos e na oferta de doutorado. Então esses avanços foram só o começo.

Hoje o corpo docente da Uern é formado por alto índice de doutores e mestres, e a Universidade investe na capacitação dos técnicos-administrativos. Como priorizar esse trabalho e mantê-los na instituição?

REITOR: Nós temos pela frente três desafios: a captação que se dá através de concurso público, a capacitação que trabalha dentro dessa motivação, e a fixação. A capacitação contribui na fixação, mas é muito pouco porque na medida que se capacita, o servidor fica mais apto a ir embora. A gente

tem visto isto em outras instituições, inclusive privadas. Nós temos esse desafio aqui em ter um ambiente onde o respeito, a eficiência e a ética prevaleçam buscando fazer com que as pessoas se sintam parte da Universidade.

Temos avançado na capacitação. Antes a gente brigava para ter um terço da classe docente formada por mestres e doutores, agora temos 90%. Antes a gente brigava para ter um terço de Dedicção Exclusiva (DE) e hoje é 90%. Tudo isso em menos de 10 anos do primeiro concurso. Nós estamos fazendo com que os técnicos ocupem cargos administrativos com protagonismo, fazendo com que eles tenham a capacidade de mostrar o que têm de melhor. Além disso, temos a paridade com os técnicos escolhendo os nossos dirigentes em igualdade com professores e alunos.

A Uern realizou, em oito anos, dois concursos públicos. O que representa para a Universidade ter servidores efetivados por concurso público?

REITOR: Respeito! A nossa instituição, como tantas outras, surgiu com as regras daquele momento, mas hoje tem servidores concursados e provisórios. Lembrando que na questão dos provisórios, desde 2015 temos uma lei que limita o tempo de condição provisória dos professores.

Em 2014, tivemos que fazer a terceirização dos serviços de apoio de acordo com o Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) assinado em 2007. Buscamos com que as pessoas continuassem tendo um trabalho, mas dentro da legalidade.

Também tivemos uma situação muito triste, que eu acho injusta, que foi a ADI (Ação Direta de Inconstitucionalidade) dizendo ser inconstitucional uma Lei Estadual de 1994, onde nós tínhamos cerca de 80 servidores efetivados por esta lei, uma Lei estadual e aprovada na Assembleia Legislativa e sancionada pelo Governo do Estado. Essas pessoas por mais de duas décadas prestaram seus serviços sem uma penalidade administrativa, sem uma punição, e tiveram que ser exoneradas. Eu tive que assinar isso. Não posso falar de concurso público sem lembrar dessas feridas que doeram muito. A Universidade não transgredir a lei, não está aqui para ser uma caixa fechada sem mostrar às pessoas o nosso ambiente público.

Quais as estratégias da Uern para driblar esse cenário de crise e continuar investindo em infraestrutura?

REITOR: É driblar mesmo! A gente tem buscado entender qual a situação do nosso Estado. A gente sempre revisita a primeira gestão, onde apontamos que a folha de pagamento dos servidores não tem outra alternativa, tem que ser via Estado. A gente tem buscado projetos para apoiar, acrescentar, complementar o custeio previsto no nosso orçamento. E o investimento, que tem sido o grande gargalo do nosso Estado, tem sido buscado também por meio de convênios e projetos.

Podemos citar projetos da pós-graduação, através do Pró-equipamentos, através do CTInfra, onde sempre que lança um edital nós somos contemplados, e com percentual ainda maior

que as outras instituições. Apontamos o PIBID, o PARFOR, o Ensino a Distância, que têm contribuído nesses convênios. As emendas, que fomos muito criticados quando a gente passou a visitar os parlamentares tanto a nível federal quanto a nível estadual, apresentando projetos para a Universidade, e dali buscando emendas para que esse recurso adicional venha para questões pontuais.

O senhor poderia citar algumas das obras provenientes dessa captação de recursos?

REITOR: O resultado disso hoje é que nós temos a obra do Campus de Natal sendo concluída, sendo esse dinheiro do Pró-Investe anterior à gestão Pedro Fernandes, eu faço questão de dizer isso. Um investimento de R\$ 6,2 milhões para conclusão da obra, e aqui atribuindo muito à comunidade do Campus Avançado de Natal. Conseguimos a Biblioteca de Pau dos Ferros, uma obra de mais de R\$ 1 milhão. Conseguimos no Campus de Apodi, que foi aprovado também na gestão Milton Marques, no Conselho Universitário.

Temos aqui em Mossoró um prédio do curso de Pós-Graduação em Ciências da Computação, que foi a opção daquele momento do CTInfra, em que temos recursos em conta e estamos com dificuldade com o construtor. Estamos buscando, inclusive em via judicial, resolver essa questão, que soma em torno de R\$ 1 milhão. Temos um prédio vizinho, que é o Núcleo Tecnológico em Engenharia de Software, um investimento de R\$ 1,3 milhão, que já era para ter sido concluído. Também estamos brigando com o construtor. A

gente busca o prédio da FANAT, que é imenso, num valor de quase R\$ 4 milhões. Conseguimos investir em 2014 em torno de R\$ 1 milhão dos R\$ 2,2 milhões ali postos. Foi quando verificamos que o Estado não tinha condições de concluir e nós tínhamos várias outras demandas nos campi. Então, optamos por atender estas demandas. Buscamos estrategicamente um recurso de emenda, pouco mais de R\$ 1 milhão. O valor está destinado, e estamos aguardando a liberação desse recurso, obviamente apresentando diligências para a liberação e a retomada daquela construção e conclusão.

Para além disso, nós contabilizamos em torno de R\$ 3 milhões com emendas de parlamentares, tanto estaduais quanto federais, com projetos de pesquisadores, projetos institucionais, onde estamos conseguindo fazer o que se precisa imediatamente. Um exemplo é a Faculdade de Letras e Artes (FALA). Os primeiros blocos foram construídos no Campus Central fazia pelo menos 40 anos e nunca tinha sido feita uma reforma. Estamos perseguindo para fazer nos outros. Aponto aqui também a Faculdade de Educação (FE), a Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais (FAFIC), a Faculdade de Ciências Exatas e Naturais (FANAT), a Faculdade de Serviço Social (FASSO), a Faculdade de Ciências Econômicas (FACEM), a Faculdade de Enfermagem (FAEN), em que fizemos toda a reforma, além da Faculdade de Ciências da Saúde (FACS). E aí tenho que trazer o trabalho feito em Patu, o trabalho feito em Assú, a nova sede do Campus de Caicó, onde a gente apresenta toda essa busca por melhorias.

A Uern também avançou bastante nos últimos anos no que

diz respeito à extensão. Hoje a Universidade está sendo apontada como referência, principalmente no que diz respeito à curricularização da extensão. A que o senhor atribui esse avanço?

REITOR: Atribuo a muito trabalho. Há muito tempo a Universidade faz uma extensão bem-conceituada, bem vultosa. O FESTUern é prova disso. Você consegue envolver sobretudo escolas públicas, atraindo jovens e crianças para a arte e a apresentação em público, que é muito difícil, mas nós também apontamos avanços durante nossa gestão, como o (programa federal) Capacitasuas, capacitação de assistentes sociais, onde a Uern protagonizou, de 2013 a 2015, a maior capacitação envolvendo os 167 municípios do estado, com a entrega de quase 1.500 certificados, um projeto em parceria com o Governo do Estado e com o Ministério do Desenvolvimento Social, e fomos demandados por outros estados para fazermos essa mesma capacitação.

Também devemos citar esse papel protagonista da Universidade na discussão da extensão a nível nacional. Em consequência disso, terminei sendo o presidente da Câmara de Extensão da ABRUEM (Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais), o que era até irônico, porque eu era pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação antes de assumir a Reitoria, e muitos achavam que eu ia me dedicar somente a essas ações. Registro o trabalho do pró-reitor de Extensão Etevaldo Almeida, que fez essa discussão ampla no âmbito da nossa Universidade, no âmbito da ABRUEM, e hoje está sendo convidado em todas as

instituições do País.

Não adianta a gente ter 90% de mestres e doutores trancados dentro de laboratórios. A pesquisa de ponta se faz necessária, mas também que ela tenha interação e inserção social, como somos avaliados.

Durante muitos anos, a Uern ofertou cursos nos Núcleos Avançados, mas foi necessário suspender essa oferta. Gostaríamos que o senhor falasse sobre essa suspensão.

REITOR: Quando a Universidade expandiu sua atuação por meio dos Núcleos Avançados não havia a política de expansão do ensino federal. Também não havia essa oferta de ensino privado e educação a distância. Com o tempo, essa situação mudou. Hoje, principalmente depois da Lei de Diretrizes Básicas (LDB) de 1996, que atribuiu aos Conselhos Estaduais de Educação a tarefa de avaliar as universidades, com o reconhecimento, credenciamento e renovação de reconhecimento dos cursos, a gente teve que se ajustar. De 2001 a 2018, nós precisávamos fazer o credenciamento de nossa Universidade. Iniciamos esse processo em 2013, quando assumimos. Entretanto, não podíamos pensar em credenciamento sem passar pelo reconhecimento e a renovação de reconhecimento dos cursos. Fizemos isso e com muita satisfação fomos credenciados. Com muita segurança entregamos aos nossos concluintes, no ato da colação de grau, seus diplomas com o carimbo válido. Assim, nós temos a convicção que tivemos que tomar algumas decisões não

tão simpáticas, mas necessárias para termos todos os nossos cursos reconhecidos e regulamentados.

Nesse processo de construção da revista, nós conversamos com muitas pessoas e o que a gente viu de mais forte foi o relato de muitas pessoas sobre o papel da Uern em transformar a vida delas. Sejam alunos, servidores, pessoas da própria comunidade que têm acesso à extensão. De que forma a Universidade desempenha esse papel de instrumento transformador da realidade?

REITOR: A Universidade é sim transformadora de vidas. Aproximadamente 89% dos nossos alunos nunca estudaram em escola particular. A Uern faz com que o sonho deles de se formar se transforme em realidade. Mais ainda, faz com que aquela escola da educação básica passe a ter um professor ou uma professora. Faz com que aquela criança, aquele jovem daquele município tenha um professor para lhe ensinar a ler. A atuação da nossa Universidade é nessas pessoas que não estão nesses palanques, não estão na mídia. É por isso que dizem que a Universidade tem sido “alvo”, e a gente fica muito tranquilo porque a gente escuta mil pessoas falando da Universidade como transformadora da sua vida, enquanto escuta uma questionando o papel da nossa instituição.

Neste seu segundo mandato, o que o senhor encara como seu maior desafio?

REITOR: O segundo mandato, sem dúvida, é uma nova experiência, tudo se apresenta de forma distinta, com um detalhe: você é mais cobrado, pois já vem de uma gestão e as pessoas entendem que você já está preparado para dar respostas mais céleres. Iniciamos um segundo mandato de forma diferente, pois ousamos mudar toda nossa equipe, praticamente todos os cargos. Trouxemos pessoas que nunca haviam participado de uma gestão, justamente nessa proposta de que todos os servidores da nossa Universidade também conheçam, para além de sua parte acadêmica ou seu concurso fim, a gestão universitária. No momento que mudamos toda a equipe, nós tínhamos cobranças por respostas mais céleres, porém tenho certeza que nós conseguimos, sim, dar as respostas que precisávamos.

Todos nós sabemos os muitos desafios que passamos nesses primeiros meses da segunda gestão, mas superamos todos. Alguns ainda deixam marcas, a gente tenta passar por cima, buscando fazer com que a Universidade continue apresentando à sociedade, sobretudo aos norte-rio-grandenses, todo seu potencial e poder transformador.

A Uern está completando 50 anos e gostaríamos que o senhor falasse sobre sua relação pessoal com a instituição e o que ela representa na sua vida.

REITOR: Ainda bem que é a última pergunta, porque a emoção chega. Eu não tive oportunidade de me formar na Uern. Não tinha o curso de Ciência da Computação aqui. Eu

me formei numa coirmã, a UECE (Universidade Estadual do Ceará). Ingressei em 1998, mas já vendo meu pai formado pela Uern, sendo professor da Uern, minha mãe sendo formada pela Uern, minha esposa sendo formada pela Uern. Hoje tenho um filho que estuda e uma filha que estudava também nesta instituição. A gente olha lá a escritura do terreno do Campus Central, tem a assinatura do meu avô já participando do Conselho Curador. Minha tia Joaninha (Joana D'Arc Fernandes), viúva do ex-reitor Laplace Rosado.

É uma família que de geração em geração vem se envolvendo na instituição. Eu entrei na Universidade muito jovem ainda, com 24 anos, querendo transformar vidas, querendo fazer tudo de bom, achando que era só querer que dava certo. Mas posso dizer que não me aquietei, sempre busquei, tanto é que hoje estou como reitor, que é um cargo que encaro como uma missão. É uma responsabilidade quando olho a galeria de ex-reitores. Confesso que não me vejo do tamanho deles. Vejo ali pessoas com bonitas trajetórias, serviços prestados e eu cheguei aqui já nesse posto. Tento olhar para estes ex-reitores e ex-reitoras. Aliás, temos muito orgulho de ter ex-reitoras (Maria Gomes e Nevinha). Tento me inspirar neles todos, nas pessoas, nos alunos, a gente conhece vidas de estudantes que depois da Uern deram guinadas e assim fica todo esse envolvimento, não só profissional, mas o envolvimento emocional.

Hoje a Universidade é uma Instituição de Ensino Superior que tem destaque em nível nacional. Eu mesmo agora tive a oportunidade de abrir o Fórum dos Pró-Reitores de Graduação da Região Nordeste, com a participação da Nacional. Também

de abrir o Fórum Nacional dos Pró-Reitores de Extensão, também trazer discussões importantes para a Associação Brasileira dos Reitores e trago aqui para nosso Estado que a Uern tem 50 anos, é consolidada, presente e, sem sombra de dúvidas, a Uern é o principal instrumento transformador dessa sociedade porque ela respeita o ser humano, ela dá dignidade, ela dá autonomia para qualquer cidadão.

Revista Uern - 51 anos

Entrevista com o Reitor Pedro Fernandes

Qual Universidade buscávamos anos atrás, e qual a Universidade que temos hoje?

Com base nesses questionamentos, convidamos um grupo de egressos do curso de comunicação social da Uern para conversar com o reitor Pedro Fernandes e fazer seus questionamentos sobre a Universidade.

Assistência estudantil, inclusão, investimentos, autonomia financeira, avanços e desafios que a instituição enfrenta estão entre os temas abordados nesta entrevista.

Nossos entrevistadores concluíram o curso de comunicação social em diferentes épocas. Contamos com a presença de representantes da primeira turma graduada em comunicação social da Uern, em 2005, e também da última, em 2019.

Pessoas que acompanharam como estudantes a história recente da Universidade, e que na vida pessoal e profissional continuam acompanhando a instituição.

Entrevista com o reitor Pedro Fernandes

Julierme Torres, Graduado em 2008, Gerente da Agência Mossoró da Caixa Econômica Federal

Eu percebo a mudança que houve na nossa Universidade. Me formei em economia no final da década de 1990 e fui da primeira turma de comunicação social, que não tinha professor, nem sala de aula. Hoje quando a gente chega aqui e vê a estrutura que a Uern tem e a qualidade do material humano que está saindo daqui a gente vê que está no caminho certo. Ao mesmo tempo, eu me preocupo com o futuro da Universidade por tudo o que a gente está vivendo e o que a gente vê. E eu pergunto ao reitor se a gente pode ficar otimista com a Uern daqui para frente.

Pedro Fernandes – Eu tenho certeza que sim. Esse é o nosso papel, assegurar que instrumentos como a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte persistam, sobrevivam e continuem. Seria fácil explicar isso pelos profissionais que a gente tem hoje no mercado. Pela presença de vocês hoje aqui, é muito fácil dizer que é uma instituição que vem dando frutos, e bons frutos, e que vem dando certo. É uma instituição que completou 50 anos com todos seus atos em dia. O recredenciamento feito em 2017 pelo Conselho Estadual de Educação só pôde acontecer porque todos seus cursos foram reconhecidos ou tiveram o reconhecimento renovado, porque existe uma estrutura física própria, um corpo docente e um corpo técnico-administrativo concursado e qualificado. Em 2005 a Universidade foi provocada quanto a seu status de universidade porque ela tinha que ter pelo menos três mestrados e um doutorado. Em 2007 a gente não tinha nenhum mestrado e hoje temos 22 mestrados e 4 doutorados, além da maior capilaridade na pós-graduação do Estado do

Rio grande do Norte. Nós ofertamos cursos de mestrado em quatro municípios do interior, e a oportunidade para os professores da educação básica para ter a sua formação continuada em todas as áreas do conhecimento: geografia, física, química, biologia, história, letras, educação. Era o que o Plano Nacional de Educação preconizava: a interiorização do ensino superior e oferta de pós-graduação em nível do mestrado para professores da educação básica. Também fomos desafiados porque precisávamos ter pelo menos um terço de professores com dedicação exclusiva e um terço de professores com mestrado e doutorado. Hoje, 90% dos nossos professores têm mestrado e doutorado, com um detalhe, nós temos mais doutores do que mestres. 85% dos nossos docentes possuem dedicação exclusiva. Eu acredito muito que as instituições, seja ela pública ou privada, vão sobreviver a essa crise, são aquelas que estão organizadas como a nossa Universidade. Tenho convicção que tivemos que encarar muitas insatisfações, como o encerramento das vagas nos Núcleos Avançados de Educação Superior e a terceirização de ASGs, vigilantes e motoristas para cumprir um TAC. Insatisfações foram existindo, mas hoje nós conseguimos avançar na assistência estudantil e temos uma universidade onde o professor se aposenta pelo IPERN, baseado em uma lei. Por isso também que praticamente 90% do investimento nesses últimos seis anos (em torno de R\$ 62 milhões), mais de 90%, aproximadamente R\$ 60 milhões foram do Governo Federal de projetos, emendas, convênios, por mérito.

Carlos Adams – Graduado em 2008, Diretor de Comunicação da Ufersa

A gente pode dizer que a Uern fez mais com menos?

Pedro Fernandes – A gente teve que aprender a viver com menos. A gente encara tanto a dificuldade financeira como até a incompreensão de alguns. Digo sempre. A Uern não está na capital do Estado, o seu gestor não é escolhido pelo governador. É eleito pelos seus pares e não faz palanque para ninguém. Entre 2008 e 2010, quando a gente começou a trabalhar a criação dos mestrados, eu era pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, sempre que a gente sentava para discutir, a voz era uma só: a gente não tem condições. E eu dizia, vamos trazer o coordenador de área, e trouxemos alguns coordenadores de áreas para cá e eles saíam encantados porque o que ele imaginava era que não tinha nada, mas o grande foco deles era no corpo docente, na capacidade instalada e na interiorização, e a gente oferecia isso para eles. A gente teve que aprender a viver com esse menos, e aquele profissional que aqui está, tanto como servidor quanto como aluno é porque quer, e isso faz a grande diferença.

Nathália Rebouças, graduada em 2009.

Gerente de Comunicação da Prefeitura de Mossoró

E hoje, qual o maior desafio que a Universidade enfrenta?
Qual a sua maior preocupação como reitor?

Pedro Fernandes – Financeiro. Não falo em orçamento. A gente se dedicou nesses últimos seis anos a discutir o

nosso orçamento, desde o Plano Plurianual, amparado pelo Plano Estadual de Educação. Também aprovamos, na Lei de Diretrizes Orçamentária, ano a ano, o que a gente vislumbra. Aprova-se na Lei Orçamentária Anual (LOA) aquilo que se precisa, e quando vai praticar, em rubrica como investimento, você tem praticamente 100% de corte. Em rubrica como custeio, você chega a 50% de corte, ficando basicamente para você pagar terceirizado e a folha de pagamento. A Universidade ainda pleiteia a autonomia financeira. Hoje nós temos autonomia de gestão financeira, a gente define como gastar, como pagar, mas o dinheiro não vem para a Uern. O dinheiro fica no Governo do Estado. A gente executa a nossa atividade durante o mês e manda a fatura para o Governo pagar. Lá, se mistura com demandas de presídios, de hospitais, com demandas do dia a dia que estão lá em Natal e a gente termina perdendo essa força. A autonomia financeira garantiria o repasse em forma de duodécimo, então todos os meses a Universidade receberia um valor para poder fazer o pagamento de suas despesas. A Universidade hoje equivale a menos de 2% do orçamento do Estado. A Constituição Federal define que todos os estados devem investir pelo menos 25% do seu orçamento financeiro em educação, priorizando Ensino Fundamental e Médio. Quando eu falo que menos de 2% vem para o Ensino Superior, o investimento no ensino Fundamental e Médio, está sendo priorizado. Porém é preciso levar em consideração um outro aspecto. Partindo da Reta Tabajara para todo interior do Estado, pelo menos 90% dos professores da educação básica são egressos da Uern, e aí eu pergunto, será que esses 2% estão só no Ensino Superior ou estão também na Educação Básica? O que é a educação

básica sem professor? Também temos relatório do Tribunal de Contas do Estado (TCE) dizendo que não existe nenhum tipo de impedimento desse percentual ser investido no Ensino Superior. Então está na hora de acabar com essa discussão e do Rio Grande do Norte perceber a força desse instrumento, não só para a formação de recursos humanos, mas para a promoção do desenvolvimento financeiro, social, político, administrativo. Nós temos uma capacidade instalada em todas as áreas do conhecimento e nas regiões mais carentes do nosso Estado. Carentes de pessoal, porém as regiões mais ricas no nosso Estado. Basta pegar o ranking dos produtos mais exportados pelo nosso Estado, e ver que a maioria desses produtos estão concentrados no Oeste, Alto Oeste e Vale do Açu.

Saulo Vale, graduado em 2015

Super TV e Rádio Rural

Várias matérias que têm tramitado na Assembleia Legislativa, e que têm a ver com a Uern, têm sido aprovadas, mas em contrapartida, nós temos escutado críticas ferrenhas à Universidade por deputados estaduais e algumas lideranças políticas. Isso, eu creio, que é também reflexo daquela política com o fechamento de alguns núcleos, que acarretou insatisfação de alguns políticos, onde esses núcleos foram fechados em seus redutos eleitorais. O senhor não teme que haja uma perda de apoio político na Assembleia para a Uern?

Pedro Fernandes – Existem vários pontos sendo discutidos na Assembleia em relação à Uern. A Assembleia Legislativa é uma casa plural, que tem vários pensamentos, várias ideologias, vários interesses. É natural que ali haja embate. Preocupado eu estaria se todo mundo fosse contra ou a favor. Mas você tocou em um ponto forte. Nós tínhamos em onze municípios, quinze cursos de graduação onde pelo menos um ou dois deputados, por exemplo, têm ali o seu colégio eleitoral. Até 2010 a Universidade nunca tinha tido um concurso. Todo mundo era contrato e chegavam os pedidos para se contratar. Hoje é todo mundo concursado. Não se tem mais esse pedido. Os últimos cursos de graduação criados na universidade o foram em 2010. Passamos esses seis anos como reitor sem criar nenhum curso, apesar de toda a vontade e de perceber toda demanda, mas não se podia criar um novo curso se eu não tinha ainda um corpo docente para os já existentes. E hoje nós temos esse corpo docente. O que nos cabe é mostrar toda essa legitimidade, toda essa legalidade, toda essa seriedade do trabalho da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, mostrar sua importância. A Assembleia é uma casa plural, é uma casa que tem que ter seus embates, tem que questionar o que não tá compreendendo e a gente tem por obrigação inclusive de apresentar que instituição é essa.

Willian Robson, graduado em 2010

Doutorando da URSC

Como o senhor está vendo a Uern no ranking das universidades que se dedicam à pesquisa e como está a produção científica da universidade? Em relação aos cursos de mestrado e doutorado,

como a Universidade está trabalhando e quais as perspectivas em relação ao intercâmbio com outras universidades, como a UFRN, Ufersa, IFs, de modo a garantir um trabalho voltado à pesquisa e desenvolvimento, como a própria governadora Fátima Bezerra chegou a mencionar.

Pedro Fernandes – Em 2007 a Uern não ofertava nenhum curso de mestrado. O que tinha era o Prodema, o Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento, que era uma rede e que foi descredenciado em 2005. Em 2008 foram iniciados três mestrados: computação, física e letras. Foi a partir daí que começou-se a perceber uma maior organização da pesquisa na Universidade. Até então, cada professor fazia a sua pesquisa, que muitas vezes não era nem institucionalizada, e muitos alunos não sabiam nem o que era um programa de iniciação científica. Não se tinha bolsa suficiente, mas também não existia o interesse de muitos docentes, até porque também não tínhamos muitos docentes efetivos com mestrado e doutorado. Hoje a realidade é outra. Já temos uma capacidade instalada. É aquilo que falamos: 90% de mestres e doutores e 85% de dedicação exclusiva. Apesar de ter autonomia para criar um curso de graduação, não temos autonomia para criar um curso de mestrado. Esse curso tem que ser autorizado pela CAPES, e seguindo os mesmos requisitos da UFRJ, da USP, da Unicamp. Ao submeter uma proposta de um novo curso, nós temos que informar qual é o corpo docente, quais as linhas de pesquisa, quais as produções referentes a esse corpo docente ligado a essa linha de pesquisa e o que você se propõe a fazer. E ainda assim, chegamos a 26 cursos de

mestrado e doutorado. E olha que número interessante! Nós temos hoje 35 cursos de graduação, então quase que para cada curso de graduação nós temos um de pós. Nossos professores possuem carga horária para desempenhar suas pesquisas. Nós ampliamos muito as bolsas de iniciação científica e nossa participação nos projetos da FINEP (CT Infra), da CAPES (Pro-equipamentos), do CNPQ (Bolsas de Produtividade). Há oito anos tínhamos um bolsista de produtividade, hoje estamos em torno de oito, em áreas distintas. A gente pode dizer que a Universidade faz sim a sua pesquisa e conseguiu implantar um ambiente para isso.

Julierme Torres – Hoje a Universidade tem um número de mestres e doutores muito interessante. Nos períodos em que eu estive na Universidade muito se falava que a Uern investia na formação de mestres e doutores, incentivava para esse professor fazer essa formação fora, e quando eles voltavam, a Universidade acabava perdendo esse quadro para as universidades federais. Essa realidade ainda existe? E levando em consideração o histórico de que a Universidade vem, em função da crise no Estado, em uma sequência de atrasos salariais, uma sequência de greves, isso contribui para perder esse quadro? Como a Universidade consegue manter esse professor na instituição?

Pedro Fernandes – Em 2005 a gente tinha 15% de mestres e doutores e hoje temos 90%, então se existia esse tipo de situação, acredito que a instituição já superou. No início desta década, tivemos um REUNI muito forte, não só aqui no Rio

Grande do Norte, não só na Uern, mas em todo o país, linhas de pesquisa inteiras de mestrado de instituições de ensino superior, até mesmo as federais, localizadas no interior de seus estados, foram perdidas porque os pesquisadores migraram para as capitais. Neste cenário, a Uern, que mandava seu professor para fazer o doutorado fora e ficava na expectativa para quando ele voltasse, depois de quatro anos, passou a adotar outra forma de capacitação, através dos mestrados e doutorados interinstitucionais. Ao invés da gente mandar aquele professor para fora, a gente começou a trazer cursos aqui para dentro, e os professores dando aula, faziam sua pós-graduação. Obviamente essa rotatividade existiu, mas a Universidade investiu nessa forma de capacitação mais acelerada e nas pratas da casa. A primeira experiência foi o Minter em direito, que aconteceu em parceria com a UFRN e formou uma turma de mestres na própria Uern, e todos continuam aqui até hoje. Temos uma experiência muito positiva também em relação ao doutorado interinstitucional. O primeiro que a gente fez foi na FACS, a Faculdade de medicina, com a UFRN também. Os resultados são muito evidentes. Só naquele polo temos atualmente três residências, sendo duas médicas e uma multiprofissional; além de três cursos de mestrado e dois de doutorado. Também trouxemos, em parceria com a Ufersa, um Dinter em administração. Conseguimos formar doutores em contábeis, administração e economia e hoje temos condições de ofertar um mestrado em economia. Também investimos em um Dinter em educação em parceria com a UERJ, que tem conceito sete. Hoje dos 50 professores efetivos da Faculdade de Educação, 49 são mestres ou doutores. Desses, 32 são doutores. Temos um

mestrado em educação e estamos trabalhando para que esses mestrados conceito três possam ganhar envergadura para chegar ao conceito quatro. Abrimos recentemente um edital para professor visitante, professor com alguma qualificação e histórico e currículo para ingressar nesses cursos.

Amina Costa

Jornal de Fato

Grande parte dos alunos da Uern retornam para a instituição mais tarde como professores. Como o senhor vê, apesar das dificuldades, que inclui atraso salarial, os egressos da Uern estarem optando por ser docente da instituição?

Pedro Fernandes – Primeiro é preciso levar em consideração a oportunidade. Quantos concursos tivemos no nosso estado nos últimos cinco anos? Do Estado, teve um da educação, que foi suspenso, e teve o da Uern, que inicialmente nós abrimos para 116 vagas, sendo 76 para professor e 40 para técnicos. Fomos criticados porque eram poucas vagas. A Universidade é feita por nós. Somos nós, sobretudo aqueles que conhecem a instituição, que serão responsáveis pelo futuro dela. A vinda desses egressos para trabalhar aqui nos deixa muito seguros, porque eles sabem o que tiveram e sabem o que eles têm hoje. Não podemos deixar de falar no momento em que a gente vive no nosso país. Ser professor hoje é um desafio. Ser servidor público é um desafio. Ser servidor público estadual é um desafio maior ainda. De um estado como o nosso que durante muito tempo teve royalties do petróleo em abundância e

quando isso baixou, está passando por essas dificuldades. O Rio Grande do Norte é rico em fruta, em sal, em petróleo, já foi rico em algodão, já foi rico em café. Talvez nos falte ainda recursos humanos. E o que as universidades fazem é formar recursos humanos. O que falta é alinhar isso com a economia local.

Larissa Maciel, graduada em 2019

Sistema Oeste de Comunicação

Eu entendo a Universidade como uma ferramenta social muito forte. A nossa turma deixou um legado no curso de mostrar como a universidade pode mudar a vida das pessoas. A gente sai daqui amadurecido em vários âmbitos, não apenas no acadêmico. A Uern tem as cotas sociais, está avançando na cota racial e uma das maiores vitórias que eu presenciei foi o nome social. Levando em consideração a Uern como uma ferramenta social, hoje, qual é o papel da Universidade para fazer a sociedade enxergar o papel da educação para transformar pessoas?

Pedro Fernandes – A Universidade insiste em abrir essas portas. A gente foi vanguardista nas cotas para alunos que vinham da escola pública e hoje 89% dos nossos alunos nunca estudou em escola particular. Isso para nós é um grande orgulho. Também inserimos as cotas para pessoas com necessidades especiais. De acordo com o IBGE, mais de 50% da nossa população brasileira é formada por negros, pardos e índios. Nós conseguimos aprovar uma lei que garante, dentro

desses 50% das cotas sociais, a inclusão dessas pessoas autodeclaradas. Também conseguimos avançar em um ponto que foi muito discutido na nossa instituição, o argumento regional. Com a expansão de outras instituições de ensino superior para o interior do Estado, e do Ensino à Distância, a Uern pode hoje privilegiar aquele que cursou o ensino fundamental e médio em escolas no Rio Grande do Norte, independente de pública ou privada. Esse estudante terá um percentual na sua nota do ENEM. O nome social, o voto paritário, foram conquistas importantes que já são realidade, mas não podemos esquecer o diploma, que quando vocês se formaram esperaram até seis meses para receber e desde 2014, é entregue, de forma gratuita, no ato da colação de grau. Tudo isso demonstra muito respeito, atenção e a busca por identificar as demandas atuais e por atendê-las é que nos mantém com como instrumento transformador.

Carlos Adams – Ao longo desses 51 anos, em alguns momentos surgem comentários em torno de uma possível federalização da Uern. Na sua concepção, a Universidade deveria ter sido federalizada ou foi melhor ter continuado como estadual?

Pedro Fernandes – A Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais (ABRUEM) é formada hoje por 46 instituições. Dessas, 42 são estaduais, sendo que aproximadamente 80% estão capilarizadas no interior de seus Estados e focam na formação de professores, como é o caso da Uern. As estaduais são responsáveis hoje por 40% das

matrículas no ensino superior público. As maiores instituições do nosso país hoje são estaduais: USP e Unicamp. Na região Nordeste, temos estados como Alagoas e Paraíba, com um PIB menor que o nosso, que mantém suas estaduais. A da Paraíba inclusive com autonomia financeira. No Ceará, que possui um dos maiores IDEBs do país, existem três estaduais. Das 27 unidades da federação, 22 têm universidades estaduais. Por que a gente não pode ter? Será que o foco da UFRN e da Ufersa é o mesmo da Uern? Quantos cursos de pedagogia nós temos no interior do estado ofertados de forma presencial. De uma certa forma, estamos desonerando o governo federal, então se o governo federal chegou com o REUNI e com o Prouni, por que não um programa voltado para as estaduais? Nós protocolamos na Câmara Federal, na época o presidente era Henrique Alves, uma solicitação nesse sentido. Conversamos com o relator do orçamento, que era Heráclito Fortes, do Ceará, onde seriam direcionados R\$ 2 mil/ano por cada aluno matriculado para as estaduais. Também fomos ao MEC. Eles queriam a formação de professores e médicos e nos animamos, pois em 2019, ainda somos a única instituição do interior do RN a formar médicos. Será que o estado do Rio Grande do Norte não pode ter uma universidade? Será que ele não pode se orgulhar de ter um instrumento formador, com o impacto de menos de 2% no Estado, sendo responsável pela formação da gente? Para mim, privatizar ou federalizar é tirar do Estado um patrimônio que ele deveria se orgulhar. E eu acredito que o estado do Rio Grande do Norte se orgulha sim da Uern. A gente não pode se basear somente pela fala de um ou de outro.

Nathalia Rebouças – O senhor falou sobre a autonomia financeira. Como tem avançado essa questão com o atual governo?

Pedro Fernandes – No final da gestão do reitor Milton Marques, uma comissão designada pelo reitor entregou um documento sobre a autonomia financeira. Em 2015 esse documento foi atualizado. Fizemos uma discussão tanto no Conselho Universitário como entre nossos estudantes, docentes e técnicos-administrativos, finalizamos esse documento e protocolamos junto ao Governo do Estado ainda na gestão Robinson Faria. Não existia um compromisso para se colocar para a frente, mas a gente vinha mostrando a importância da autonomia para a instituição. A governadora Fátima Bezerra, ainda em campanha, reconhecia a importância dessa autonomia. Nós já tivemos conversa com a própria governadora e sua equipe sobre a importância desse tema. Esse documento está no Governo do Estado e a gente espera, obviamente, alcançar a autonomia. O governo tem seis meses de gestão. A gente sempre defende o diálogo, a inserção, o conhecimento, mas eu acredito que no final desse ano, início do próximo, a gente deva intensificar essa discussão. Hoje a Universidade funciona como autônoma, mas sem dinheiro. Para uns, dar esse dinheiro é autonomia plena. Para nós, é a gente realmente poder formar as pessoas sem as amarras da política ou sem as amarras locais.

Amina Costa – Recentemente foi criada a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis. Como se deu essa evolução para a

criação dessa melhoria para os estudantes?

Pedro Fernandes – A gente não entendia como não tinha uma pró-reitoria voltada para a maior comunidade que nós temos na universidade que é dos estudantes. Havia um departamento de assuntos estudantis dentro da Pró-Reitoria de Recursos Humanos, que recebia demandas de técnicos administrativos, docentes e também dos estudantes. Quando a gente assumiu a Reitoria, em 2013, transformou esse departamento em diretoria, dando autonomia para trabalhar. Com isso as residências universitárias foram ampliadas e hoje só não conseguimos implantar em Pau dos Ferros devido a questões contratuais. O número de bolsas também cresceu. Em 2013 eram 25 bolsas de iniciação científica (PIBIC) e 50 bolsas de monitoria, no valor de R\$ 200, cada, com recursos da Uern, que demoravam aproximadamente seis meses para serem pagas. Hoje nós temos 70 bolsas de PIBIC/Uern, continuamos com as 50 bolsas de monitoria, e temos outras 70 bolsas de extensão, que naquela época não existiam. Todas pagas em dia, com recursos da Uern. Também instituímos o Programa de Apoio ao Estudante (PAE), que concede 200 bolsas aos alunos em condição de vulnerabilidade social. Em 2009 nós tínhamos um orçamento mensal de R\$ 90 mil para capacitação de servidores e de R\$ 20 mil para bolsas de alunos. Hoje, nós temos um orçamento mensal de R\$ 33 mil para capacitação de servidores e de R\$ 140 mil para bolsa de aluno. Isso tudo com a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis capitaneando esses recursos. Nós tínhamos um recurso para adquirir carros pequenos, vans ou equipamentos, mas priorizamos um ônibus de R\$ 500 mil para atender aos estudantes. O ônibus que nós tínhamos já tinha mais de 1 milhão de quilômetros rodados.

Além disso, trouxemos o restaurante popular para o Campus Central, que hoje oferece café da manhã, almoço e a sopa na hora do jantar, e estamos buscando também para os outros *campi*. Conseguimos ser inseridos no Fundo de Erradicação e Combate à Pobreza, o FECOPE, que irá possibilitar ofertar mais 200 bolsas de R\$ 400 durante 10 meses. Todo início do semestre temos o Seminário de Ambientação Acadêmica, onde a PRAE, junto com as demais pró-reitorias e setores da nossa Universidade, recebe os nossos alunos, apresentando a instituição.

Willian – Com relação à urbanização do Campus Central, percebemos que melhorou muito em relação à época em que estudávamos aqui, mas penso que o reitor ainda está no centro da cidade, geograficamente distante. Há a perspectiva de levar a Reitoria para o Campus Central e de avançar na urbanização, para fazer com que o aluno se sinta bem dentro do Campus?

Pedro Fernandes – Apesar de ser uma distância de aproximadamente 5km, eu trabalho em torno de 10 a 12 horas por dia sem pisar no Campus Central. Há bem pouco tempo quando chovia, era um lamaçal na entrada do Campus Central, e todos reclamavam, com razão. Mas o que ninguém via é que tínhamos um problema mais sério, e em todos os *campi*, que era a eletricidade. Nós tínhamos uma capacidade instalada de pelo menos o dobro do que era suportado. Cada um ligava seu ar-condicionado, seu equipamento, sem levar em consideração a capacidade da rede. Só para vocês terem ideia, passamos em torno de dois anos com mais de cem centrais de ar para serem

instaladas, mas não instalamos até adequar toda a parte de eletricidade. Isso é urbanização. Nós também priorizamos a acessibilidade. Hoje nós temos a Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas, a DAIN, que era um departamento dentro da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação. Hoje ainda se questiona a acessibilidade da Uern, mas há 15 anos não existia nada, nem mesmo uma rampa ou um corrimão. Nós temos uma emenda impositiva no valor de R\$ 20 milhões, sendo R\$ 17 milhões de recursos federais e R\$ 3 milhões de contrapartida estadual. Uma comissão formada por representantes de cada campus definiu que obras estruturantes seriam realizadas com essas emendas, em cada unidade, priorizando obras de uso coletivo, como no Campus Central, que será destinada à construção de um auditório, uma nova biblioteca, um anfiteatro, o muro, a ampliação do calçamento, dois banheiros de maior porte que serão utilizados de forma compartilhada pelas faculdades. Na frente do atual prédio da biblioteca, estamos construindo o Núcleo de Práticas Jurídicas. Recentemente, escrituramos o antigo prédio do Fórum Silveira Martins, na Avenida Rio Branco, e a intenção é de que a Faculdade de Direito seja transferida para lá, onde já funciona o Núcleo de Práticas Jurídicas. Uma solução para o problema da distância que você apontou seria levar a Reitoria para este prédio que está sendo construído. A atual biblioteca acolheria as pró-reitorias que hoje funcionam no Epílogo de Campos, e o prédio onde hoje funciona a Reitoria, no corredor cultural, seria a Escola de Música, o Núcleo de Línguas, um polo de startups e empresas júnior. Nossa dificuldade agora é em realizar os projetos dos outros *campi*. Nós cadastramos todos os nossos projetos para receber os recursos, mas como nosso CNPJ é em Mossoró,

onde está localizada a sede da Reitoria, o entendimento é de que o recurso só pode ser utilizado em Mossoró. Fomos recentemente a Brasília para resolver essa questão. Fomos ao FNDE, ao MEC, contando com o apoio da bancada federal. O deputado Beto Rosado foi comigo a esses locais e disponibilizou seu assessor Marcos Pinto para nos auxiliar, assim como o deputado Rafael Motta, que disponibilizou sua assessora Kamila Carvalho e o deputado João Maia, que colocou seu assessor João Madson à nossa disposição para essa questão. Um apoio muito importante para conseguirmos resolver este problema. Ainda falando em infraestrutura, a Uern incorporou o prédio onde funciona os ambulatórios de medicina e hoje oferecemos mais de 20 especialidades, sendo em alguns casos os únicos a oferecer através do Sistema Único de Saúde em Mossoró, como é o caso da endocrinologia. O antigo Fórum Silveira Martins também já está escriturado, prestando uma média de 300 atendimentos por mês. Conseguimos também escriturar o Aceu, que agora é definitivamente patrimônio da universidade e está dentro desses R\$ 20 milhões para revitalizar o espaço, também no corredor cultural. Em Caicó não tínhamos um campus, e conseguimos a doação de uma escola antiga, a Joaquim Apolinar, que também foi incorporado ao patrimônio da Uern. Concluimos o campus de Natal. Está faltando somente a questão de mobília e climatização, que também está nesta emenda. Então, conseguimos aumentar o patrimônio da Universidade em um momento de crise. Hoje, o que é da Uern está escriturado, o que nos deixa aptos a conseguir recursos federais para todos os nossos campi.

Adams – O senhor ainda tem mais dois anos à frente da Uern. Qual seria a grande meta a ser atingida pelo reitor Pedro Fernandes?

Pedro – A nossa autonomia financeira. Nossos grandes objetivos ao nos colocarmos à disposição da Universidade no cargo de reitor eram assistência estudantil, infraestrutura e autonomia financeira. Além de tudo o que a gente já falou sobre assistência estudantil, dos nossos 10 mil alunos de graduação, mais de 2 mil estão em estágios, obrigatórios ou não. Na infraestrutura temos essa incorporação ao patrimônio da universidade bem como novas construções, mas ainda nos falta a autonomia financeira. Para manter uma universidade autônoma, independente, com a possibilidade de formar profissionais, independente do que sinaliza uma ideologia partidária, precisamos ter dinheiro. Conseguimos avançar até em relação a atualização do estatuto da universidade, uma discussão que durou mais de dez anos no Conselho Universitário. Em nível de documentação e de patrimônio, a Universidade está toda regulamentada. Em relação a seus servidores, também. São todos concursados e são convocados com toda a legalidade, transparência e tranquilidade, com o aval do Governo do Estado e do Tribunal de Contas. No entanto, ter um orçamento e não saber quanto vamos ter de financeiro para pagar as contas é um grande desafio e não podemos deixar de perseguir essa autonomia financeira por tudo que ela representa para a nossa instituição.

Entrevista com o Reitor Pedro Fernandes

A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern), chega aos seus 52 anos de serviço prestado ao estado. E esse ano nós convidaremos representantes da comunidade interna e externa para entrevistar o Reitor Pedro Fernandes.

Irene Van Den Berg - Professor Pedro, a extensão é um importante braço da Universidade que constrói a relação com a sociedade. Durante esse período de pandemia e isolamento social, as universidades de todo o Brasil se mostraram extremamente importantes pelo seu protagonismo e pela sua atuação social. Gostaria que o senhor fizesse uma avaliação das ações e do papel da Uern de antes do contexto de pandemia no estado do Rio Grande do Norte.

Pedro Fernandes: Agradeço a pergunta da professora Irene, que é uma forte batalhadora pelo trabalho da nossa instituição, então do ponto de vista de ensino, de pesquisa e de extensão. E como ela bem falou, a extensão é um dos pilares que sustentam nossa instituição, sustenta a academia, e através desta extensão é onde a gente consegue, sim, fazer uma pesquisa envolvida no nosso contexto, fazer uma

pesquisa que vale a pena para o desenvolvimento da nossa região. Eu sempre digo: se você se tranca num laboratório, se você se envolve com um livro, mas se você não dialoga com a comunidade a qual você está inserida, certamente aquele seu trabalho, aquela sua atividade ela vai ficar “descolada” do que toda a sociedade almeja. A gente, enquanto reitor, chegou a ser presidente da câmara de extensão da Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais, justamente por protagonizar a curricularização da extensão, sendo uma das primeiras universidades a fazer com que isso tenha uma resolução na instituição de ensino superior. E nesse contexto de pandemia, nesse contexto onde a sociedade busca realmente respostas, busca saber o que vai acontecer daqui pra frente, a nossa universidade, ela tem pautado, sim, várias atividades, desde o diálogo com a sua comunidade; seja estudantes, docentes, técnicos administrativos, mas o diálogo na sociedade buscando entender realmente qual impacto isso está fazendo nas pessoas. No ponto de vista de saúde, conversar com as famílias, conversar com aquele que está se sentindo ameaçado. Mas também tem o viés da economia, onde nossos cursos de economia, de administração, de contábeis, têm buscado também entender e minimizar os prejuízos causados por esse momento que está realmente angustiando todos nós. Para além disso, a extensão é muito pautada, muito sustentada na cultura, na arte, então a gente tem buscado, sim, através da música, através da dança, através do esporte, fazer com que as pessoas minimizem essa incerteza que tá na cabeça de cada um de nós. Temos hoje uma capacidade instalada de alto nível, temos técnicos administrativos e docentes que conseguem, sim, dar essas respostas, através desses servidores

temos grupos de estudantes que se empenham para levar o melhor para as pessoas.

Lisboa Batista: A universidade é o locus do conhecimento, conseqüentemente, as instâncias sociais que produzem esse conhecimento fazem da universidade o espaço fundamental para que este objetivo possa concretizar-se. Nesse contexto, como a nossa Uern, em sua trajetória, e no seu “vir a ser”, pode contribuir para ser a instituição que cada vez mais esforça-se para o desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da extensão? Por oportuno, parabéns aos que passaram pela Uern e aos que vivenciam hoje a vida universitária. Na passagem de seus 52 anos de existência, eu faço parte dessa história.

Pedro Fernandes: Professor Lisboa, agradeço a pergunta, e realmente, a gente fica muito entusiasmado nesses 52 anos de Universidade do Estado do Rio Grande do Norte quando a gente percebe a inserção dessa instituição em toda nossa sociedade. Temos, sim, uma capacidade instalada, relevante, através de vários títulos, mas também de pessoas com bastante experiência no ensino, na pesquisa e na extensão. Gostaria de puxar a resposta dessa parte dessa sua pergunta, da nossa relação com a educação básica, que talvez seja o grande motivador da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, essa relação que o ensino superior tem com os primeiros anos. Hoje podemos dizer que temos a instituição de ensino superior que recebe o aluno da educação básica, sobretudo pública, e entrega um professor pra essa mesma educação. A educação básica, fundamental para qualquer

país, qualquer região. Temos além da graduação de qualidade, incluindo todos os cursos de licenciatura, em todas as áreas do conhecimento, uma pós-graduação hoje, revisitando o nosso plano nacional de educação, onde lá, está dizendo, orientando, buscando, a formação dos professores da educação básica e a formação em nível de pós-graduação *Stricto Sensu*, mais especificamente Mestrado. E a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte de hoje pode se vangloriar em dizer que tem vinte e dois mestrados em quatro municípios do interior, não é fácil isso, basta buscar em toda rede nacional de ensino superior, quantas instituições se disseminam, oferecem com tamanha capilaridade o *stricto sensu*, uma vez que essa avaliação é bastante robusta e exige da infraestrutura, da produção, da titulação. Mas a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte consegue, sim, apresentar essa oportunidade aos nossos professores da educação básica, fazendo que em todas as áreas do conhecimento, dos ensinamentos iniciais, a gente tenha a oportunidade de pós-graduação. Dessa forma, por si só, a gente já demonstra o tamanho do valor que a nossa instituição tem. Mas eu não poderia deixar de falar do mercado, do comércio, das empresas nesses municípios, sobretudo, os do interior, uma vez que nós temos quantos escritórios de advocacia, de contabilidade, de administração, consultórios odontológicos, clínicas médicas, assistentes sociais, educadores físicos e tantos outros profissionais que essa instituição, a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, lá atrás, de forma vanguardista, iniciou essa formação, acreditando que esses comércios, essas cidades, dependiam desses profissionais, então a gente traz aqui, para além da participação da nossa instituição em pesquisas,

em desenvolvimento, seja no agronegócio, seja no sal, seja no petróleo, mas destacando a nossa educação básica e os comércios locais desses municípios.

Cleide Alves: Ao longo de pouco mais de três anos trabalhando na Uern, percebo que a agenda do reitor é corrida, ele chega a trabalhar de 10 a 12 horas por dia, sabemos que a tarefa de administrar uma universidade do porte da Uern não é fácil, existe particularidades diversas e é preciso que se tenha profundo conhecimento sobre o funcionamento da instituição. É nítido que o senhor trata todos os servidores concursados e terceirizados da mesma maneira sem distinção, mostra que uma universidade é feita por pessoas independente de sua atuação, a valorização e o reconhecimento são presentes. Diante disso tudo, fica o questionamento: já que o senhor é pai, professor e reitor, além do filho, como conciliar essas diferentes posições?

Pedro Fernandes: Eita, “Cleidinha”, me permita lhe chamar assim, antes da sua resposta, eu vou lhe dizer que é muito bom lhe ver e te ter aqui, pra gente é uma satisfação muito grande e os cargos ao longo dos dias, eles vão desaparecendo, e as pessoas vão crescendo. Então, como você mesma falou, independente do cargo, a gente conversa, dialoga, aprende e se tiver oportunidade ensina todos da mesma forma. Fico feliz com sua pergunta, e até dizer que também sou avô, né. Você sabe as minhas angústias que eu tenho passado, mas não é fácil conciliar. Em um dado momento, você se sente “sumido” porque lhe procuram em todos os cantos e você

não está em nenhum deles, porque muitas vezes você está na estrada, você está indo para reuniões, voltando das reuniões, buscando chegar em um dado evento, em um dado momento, ao mesmo tempo que você tem um outro evento dentro da sua casa, e ao mesmo tempo que você queria estar na sala de aula ministrando sua disciplina. Tentei enquanto reitor, consegui ainda ministrar umas quatro a cinco disciplinas, orientar alguns alunos de iniciação científica, de mestrado, fazer alguns projetos de extensão e, muitas vezes, eu disse isso a minha família que esteve ao meu lado e apoiou essa missão de estar à frente dessa grandiosa instituição, desse enorme patrimônio. Então tanto minha família, como meus alunos, compreenderam e tenho buscado sim, me dedicar na função a qual assumi e espero estar fazendo isso a contento, e esse a contento, é claro que aí eu já digo para muitos dos meus amigos e minhas amigas: não se preocupe, você não vai agradar todo mundo, talvez você não agrade a ninguém, mas o importante é você ter a consciência, ter a convicção de que você está fazendo o seu melhor. Ser sincero, não busque querer dar respostas mais convenientes naquele momento, porque as consequências dessas conveniências, muitas vezes, você não vai conseguir arcar, então em um dado momento você vai ter que dar um não, mas as pessoas vão sair satisfeitas pela sinceridade, algumas vezes você vai dar o sim, mesmo sem saber como vai executar, mas isso lhe dá força para fazer com que aquilo aconteça. Mas em todos os momentos você vai precisar das pessoas ao seu lado, pra que façam lhe sentir humano.

Edicarlos Ferreira: Sabemos que a Uern tem uma relação muito forte com o município de Patu, desde a sua inserção, ela vem contribuindo de forma relevante para o desenvolvimento de Patu e todas as cidades vizinhas. Gostaria de perguntar se as ações que o senhor pensava para o Campus de Patu, conseguiu implementá-las todas e também saber de que forma a Uern pode contribuir ainda mais para o desenvolvimento do município de Patu e das cidades circunvizinhas?

Pedro Fernandes: Ter uma instituição de ensino superior no município de Patu é o único município onde só existe a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte como instituição pública, igual a Assú. Só que Assú, ali vizinho, em Ipanguaçu tem o IFRN. Então Patu é o nosso terceiro Campus Avançado em nível de nascimento, ali em 1980, temos uma enorme responsabilidade com o município e com a sua região, na formação, hoje a gente se depara com os professores, com os profissionais e com os gestores, os políticos da região, praticamente. Todos são egressos da nossa universidade e nós percebemos toda essa importância e buscamos sim, dar esse retorno. Retorno esse que não pode se resumir à oferta de um curso, ele não pode se resumir à entrega de diplomas de profissionais na região, buscamos a instalação do restaurante popular naquela região, onde não existia o restaurante popular na cidade de Assú e aí já temos isso concretizado. Temos o programa de iniciação à docência, levando para mais de 100 alunos uma bolsa de 400 reais ao mês, é o impacto no comércio local, sim. Além de termos esses alunos na sala de aula, trabalhando essa iniciação à docência,

queremos ampliar a oferta de cursos, seja de graduação, seja de pós-graduação, buscamos viabilizar o curso de direito para aquela região, uma vez que é um curso bastante procurado. Também temos um estudo aí feito por Patu, que o curso de turismo, curso de computação, são cursos importantes, temos uma demanda do curso de serviço social. Para além desses cursos a serem ofertados no próprio Campus, a gente buscou, lá atrás, ainda pró-reitor de pesquisa e pós-graduação, trazer uma bolsa DCR, de desenvolvimento regional, para fazer um trabalho ali com a Serra do Lima, agora mesmo recente tivemos a situação daquele incêndio na serra e fizemos um trabalho juntamente com o município, e estamos estudando desde a coleta da sinalização, de receber esses visitantes, então a Universidade ainda tem muito a fazer para a região, ela tem muito a contribuir com a região, como também temos a certeza que já fizemos muito.

Herbert Torquato: Olá, professor Pedro Fernandes. Em primeiro lugar, parabenizar nossa instituição pelos seus 52 anos, sabemos também que agora em 2020, se completa 10 anos daquele grande concurso de 2010, realizado ainda na gestão do saudoso professor Milton Marques. De lá pra cá, esse perfil técnico mudou bastante, ainda na sua gestão podemos destacar várias conquistas da categoria. Como que a instituição, como a Uern viu essa modificação do perfil técnico e o que a Uern ainda tem a oferecer para a categoria nos próximos anos?

Pedro Fernandes: Em 2010, vocês vejam, a universidade

fez seu primeiro concurso para técnico-administrativo, então apesar de hoje estarmos completando 52 anos, com 42 anos foi que a instituição fez seu primeiro concurso para técnico-administrativo. Eu tive a oportunidade de, quando assumi o cargo de reitor, fazer ainda convocação daqueles que ainda estavam na lista, pois o concurso ainda estava vigente, mas outros desafios já surgiram. Uma vez que, como nunca a instituição tinha tido concurso para técnico-administrativo, o plano de capacitação dos técnicos não existia, a participação de técnicos-administrativos em determinados cargos eram raros. A opinião do próprio técnico-administrativo, muitas vezes mais importante do que muitas outras opiniões, mas aquele técnico não tinha aquela sua estabilidade que o concurso público lhe dava. Então tudo isso a gente passou a trabalhar e passou a conviver com muita felicidade, tanto é que em 2016 conseguimos fazer um segundo concurso público, e digo com muita felicidade, com muita tranquilidade, hoje dos nossos quase 670 técnicos-administrativos podemos ter aí, em torno de uns 400 a 350 que foram efetivados nesses últimos concursos. É uma instituição totalmente renovada, no que tange ao segmento, com novos anseios, com aprendizados e que a gente tem realmente percebido uma mudança no comportamento, uma mudança nas ações, uma mudança no dia a dia. Mas também temos percebido uma satisfação enorme que é empossar um concursado para um cargo, mas também de técnico-administrativo, mas também nomear um técnico-administrativo para um cargo de pró-reitor, para um cargo de diretor administrativo. Hoje os técnicos administrativos que nunca tiveram, eles têm participação no Consep, no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Eles

são atuantes no Consuni, a CPPTA tá aí buscando cada vez mais seus direitos. E destaco aqui, inclusive, decisões que a gente acompanhou dos técnicos-administrativos diferente da dos docentes, como a questão do auxílio transporte. Então é uma categoria hoje que muito tem dado a nossa instituição, muito tem retornado com o seu trabalho, mas também muito tem ensinado a essa instituição para que torne um ambiente promissor e que os próximos concursos, as pessoas busquem fazer e não poderia deixar de destacar a nossa capacitação de técnicos-administrativos, hoje nós temos bolsas específicas para técnicos-administrativos em editais específicos, nós fazemos questão de que caso o técnico chegue aqui com uma demanda de uma capacitação, consigamos essa liberação, essas condições, para que ele faça sua pós-graduação, seja ela especialização, mestrado e doutorado. Tendo a certeza que os servidores da universidade, tendo a sua perfeita formação ou aquela formação que ele almeja, isso vai impactar no estudante e vai mostrar àquele estudante que ele não só pode ter essa formação, como ele pode também fazer parte do quadro da nossa Universidade.

Bárbara Paloma- Olá, quero aqui em nome da OAB Mossoró saudar o nosso magnífico reitor professor Pedro Fernandes, que com muito zelo, compromisso e dedicação vem conduzindo a instituição da Uern, e parabenizá-la por seus 52 anos de fundação, levando ensino, levando conhecimento e transformando a vida de muitos norte-rio-grandenses, por meio da educação. Professor Pedro, sabemos que o papel da universidade vai muito além do ensino, compreende também

a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse sentido, professor, como o senhor avalia o papel da mulher na gestão pública?

Pedro Fernandes: Eu fico muito feliz com suas palavras, agradeço demais a sua responsabilidade de estar à frente de uma instituição responsável pela formação de pessoas competentes, de pessoas dedicadas, abnegadas, como você. Sucesso também à frente dessa sua missão, parabéns desde já, por todo trabalho que você vem fazendo. Nós temos várias questões na nossa instituição, como gestor público, como pessoa, como profissional, como pai, como filho, e uma delas é essa insistência, ou essa situação de um homem e uma mulher. Eu já digo a você que confio muito na opinião feminina, sigo muito a opinião das mulheres. Tenho muito orgulho de ter como vice a professora doutora Fátima Raquel Rosado Moraes, de ter como chefe de gabinete a professora doutora Cícilia Raquel Maia Leite, dentre outras tantas mulheres que têm me orientado, têm me ensinado, têm me mostrado como fazer da melhor forma. Temos nessa entrevista mesmo, a professora doutora Marlúcia, diretora do Campus de Assú, a professora doutora Irene, diretora do Educa, e aí a gente entende que está mais do que na hora de acabar, se é que ainda existe, algum tipo de questionamento sobre mulher, nós precisamos é de pessoas, de seres humanos que busquem fazer o melhor por aquela causa que você está à frente, e desejo que todos nós pensemos cada vez mais assim, se é técnico, se é docente, se é estudante, se é homem, se é mulher, se é pobre, se é rico se é negro, se é branco...

a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, dentre um dos seus papéis, é apresentar para toda a sociedade que não existe nenhum tipo de distinção, o que vale realmente é a dedicação, o que vale realmente é a busca por fazer melhor, e é isso que eu almejo, que eu busco enquanto gestor, e tenho certeza no que eu vou lhe dizer, tenho muita felicidade em todas aquelas mulheres que toparam se dedicar a essa gestão, a essa instituição.

Arimateia de Matos: Olá, pessoal. Quero saudar toda a comunidade Universitária que acompanha nosso co-irmã Uern, que esse ano completa 52 anos de atuação na educação superior pública, gratuita e de qualidade no Rio Grande do Norte. A UFERSA é parceira e irmã da Uern em vários projetos, e isso muito nos orgulha. Quero agradecer a oportunidade de participar desse momento, também saudando o nosso amigo e fraterno reitor Pedro Fernandes, com quem compartilhamos nossos desafios e conquistas. Caro amigo Pedro, a pergunta é sobre a gestão pública nas nossas instituições. Qual o papel das nossas universidades do interior, nesse desafio da gestão pública do Rio Grande do Norte?

Pedro Fernandes: Nós somos parceiros de gestão pública, de fórum dos reitores nas universidades públicas do Estado do Rio Grande do Norte, temos uma convivência de muitas angústias, mas muitas vitórias também. Vimos muitos avanços em nossas instituições. É fato que, muitas vezes, a gente só é lembrado pelo que não deu certo, mas isso faz parte também do papel do gestor, ele nunca faz nada esperando o

reconhecimento, ele tem que fazer em prol da instituição, em prol das pessoas e sempre tenho dito, sobretudo em prol daqueles que você nem conhece. É sempre uma situação de muita dedicação, de muito aprendizado e de muitos desafios. E as nossas instituições elas possuem um papel de muita responsabilidade, de protagonismo e de transformação. Nós estamos no Nordeste do Brasil, nós estamos “cravados”, em nossa maioria, no interior do nosso estado. No caso da Uern, nós temos nosso Campus na zona Norte de Natal, que muito se caracteriza e muito se aproxima de uma região de interior, muito mais até do que a capital do Estado. E nós temos a responsabilidade de fazer com que as pessoas percebam que existe esperança, que as pessoas percebam que, independente de onde nasceram ou de como foram criadas, elas podem sim ter uma independência, ter voz, ter crítica, ter autonomia e liberdade, ter liberdade de expressão... e é isso que a nossa universidade, as nossas universidades têm proporcionado a toda essa nossa região, a todas essas pessoas. Basta a gente buscar o perfil do nosso alunado, que muito se aproxima o aluno da Uern com o da UFERSA, rompendo fronteiras nós não temos só aluno do Estado do Rio Grande do Norte, nós temos alunos de todo o país e nós formamos profissionais para todo o país e para todo o mundo. Então, é necessário, sim, esse esforço que a gente empreendeu, essa dedicação, falo isso porque você está terminando seu mandato, parabéns no ano 2020 eu estou terminando o meu no ano 2021, mas pedindo que os próximos que venham, venham sabendo que essas instituições merecem toda dedicação, merecem toda atenção. Uma simples entrevista dessa, nós estamos aqui cercados de pessoas que, através da nossa universidade,

conseguiram seu sustento, conseguiram comprar uma casa para sua família, conseguiram cear em um determinado espaço de trabalho e dizer: “Eu não sou melhor do que você, mas eu também não sou pior do que você, cada um tem seu valor”, e é isso que a gente quer, é isso que a gente busca. A gente não quer saber de autoridade, a gente não quer saber de personalidade, a gente não quer saber de quem fez mais ou de quem fez menos, a gente quer mudar, sim, o panorama da nossa região, a gente quer fazer com que as pessoas não dependam única e exclusivamente da chuva para sobreviver, porque através do conhecimento, quando eu tiver chuva em abundância, eu vou ter condições de prever ambientes e momentos com a escassez da chuva, e ali não chegar a fome. Diante dessa situação que a gente vive, todos nós falamos que o mundo ficou muito pequeno, ao mesmo tempo que a gente insiste em viver ilhado. Basta ver nossas estradas, basta ver a dificuldade de acesso à internet, de infraestrutura, muitas vezes falta saneamento, basta ver a luta por um aeroporto. Muitas vezes, Arimatea, nós somos questionados porquê que a gente não trouxe determinada palestra, ou porquê que determinado servidor ou estudante da nossa instituição não foi para determinado local, essas perguntas têm diminuído, porque a gente tem feito todo esforço para fazer isso valer. Mas você imagine se nossa região tivesse aeroportos como a gente vê cidades menores do que as nossas, tendo voos diários regulares, tendo estradas duplicadas, tendo a Rede Nacional de Pesquisa (RNP), arrodando, tendo internet para todos, já chegando 5g. Então é esse o desafio que as nossas instituições encontram hoje, é mostrar que do sal podemos fazer muito mais, da fruta também, do cimento, do petróleo, do vento...

Mas essas riquezas, elas podem vir, algumas não se acabam, mas se eu não tiver formação ou se eu não tiver conhecimento pra tirar o melhor delas, nada adianta. Então posso dizer que as nossas instituições têm essa responsabilidade, e também posso dizer que elas têm cumprido o seu papel.

Rangel Junior- Meu querido professor Pedro Fernandes, pra mim é uma enorme satisfação acompanhar o seu trabalho, a sua enorme contribuição à educação brasileira notadamente por intermédio da sua atividade à frente da Uern. Eu queria que você emitisse uma opinião sobre como você está vendo os maiores desafios que deverão ser enfrentados por todos os educadores e educadoras desse país, notadamente no ensino superior em relação às novas formas de abordagem do conhecimento por intermédio das tecnologias digitais?

Pedro Fernandes: É uma honra muito grande pra mim escutar você me chamando de amigo, quantos desafios passamos, quantas reuniões tivemos, quantas buscas das mais importantes, até daquelas que nem precisavam acontecer, como por exemplo um edital do Ministério da Educação, onde somente as instituições de ensino superior federais poderiam participar, as estaduais e as municipais ficavam fora, então muitas vezes a gente ia indignado, mas tinha que manter a diplomacia para tentar mostrar que o que importava era o mérito. Mas também, travamos uma luta muito importante ali em 2013-2014, em busca de programa nacional de apoio a essas instituições estaduais e municipais, nós víamos ali no REUNI para as federais, o ProUni para as privadas, mas as

estaduais e municipais, muitas vezes, responsáveis pela interiorização do ensino superior em praticamente todos os estados da nossa federação, não tiveram nenhum programa nesse sentido, ao mesmo tempo que os estados se queixavam do custo, do ônus dessas instituições, e aí a gente sempre ficava debatendo e discutindo sobre as contradições do nosso ensino, uma vez que as melhores instituições de ensino superior públicas, elas são estaduais no nosso país e os melhores ensino médio são federais, através dos Institutos Federais e aí todo aquele discurso de dizer que o ensino médio era do Estado e o ensino superior era da nação, a gente buscava isso na Constituição Federal e não encontrava, então foram muitos embates, muitas discussões e conseguimos aí, participamos juntos desse caminho 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, dessa possibilidade de ter em nossas instituições a pós-graduação stricto sensu, para nós enquanto pesquisador da instituição, enquanto gestor da instituição, a gente entendia que aquele aluno de iniciação científica já tava de olho na outra instituição que tinha mestrado, muitas vezes ele nem vinha na graduação porque ele sabia que aqui, ele não teria condição de dar continuidade a sua formação. Mas dentre todos esses embates, hoje, não só hoje, de algum tempo a gente já vem se preparando com o ensino a distância, eu sou da área de ciência da computação, quantas tecnologias nós já estudamos, usamos, desenvolvemos. Sou de uma área de sistema embarcado, de sistema no tempo real, meu doutorado foi nessa área, Rangel, aí em Campina Grande, na Universidade Federal de Campina Grande, onde era um desafio você implementar pra um dispositivo, qualquer que fosse uma rotina, você não poderia falar em armazenar dados, uma vez

que eu não tinha capacidade de armazenamento ali, mas algum tempo isso foi mudando, a tecnologia foi avançando, o hardware hoje você praticamente, se você perguntar a um adolescente se ele quer um notebook ou um celular, ele vai preferir um celular, detalhe dificilmente você faz uma ligação do seu celular, você vai usar seu celular para várias outras coisas e tudo isso já estava do nosso lado. E aí trago até a provocação: quantas das nossas instituições já tinham pelo menos a equiparação de alunos de forma presencial, de quantitativo de alunos de forma presencial e de forma a distância? Várias instituições já se depararam com isso, quantos a gente teve que dizer que a formação é a mesma, você não tem a diferença, é tipo aquela discussão que a gente fazia no mestrado, se o mestrado profissional é diferente do acadêmico em nível de validade de diploma. Mas aí, chegamos a esse momento de 2020, de uma pandemia onde nos obrigou a ter que usar essas tecnologias. Hoje eu me pergunto, será que era necessário mesmo, professor Rangel, eu sair de Mossoró e “bater” em Natal depois de três horas e meia, quatro horas pra pegar um avião, pra chegar em Brasília depois de quatro horas pra fazer uma ou duas horas de reunião e depois voltar? A instituição com tantas dificuldades financeiras, mas você tinha que ir pra essa reunião. Será que era necessário realmente? Tantas horas, a gente enquanto professor, de forma presencial, se debater, se questionar e se perguntar como segurar ou ter atenção do aluno ali na sala de aula. Então vejamos, hoje a tecnologia ela não é nova, todas essas ferramentas que a gente está usando já existiam, mas a gente preferia falar do congestionamento das grandes cidades, dos carros no meio da rua. A sala de aula mesmo, quantos

desafios a gente tem na sala de aula, de ter que botar o ar-condicionado, ter que botar a internet, tem que ter a segurança, tem que ter a acessibilidade e muitas vezes o aluno chega na sala de aula, o professor passava uma atividade de pesquisa e você ia para o laboratório, voltava pra casa pra fazer o acesso à internet. No entanto, eu tenho que trazer para essa sua resposta também outros embates que nós tivemos... Na exigência, no nosso caso dos Conselhos Estaduais de Educação, obviamente em consonância com o Conselho Nacional de Educação, daquela carga horária mínima em sala de aula. Nós temos as exigência, ao mesmo tempo que a gente tem exigência de inovar. Então eu peço que um aluno de jornalismo, de radialismo, de computação, ele cumpra mais de 2500 horas de uma graduação, mas que ele inove, que ele empreenda, em qual momento dessa grade ele vai fazer isso? Como ele vai fazer isso? Pois se ele faltar a sala de aula, ele vai levar falta, se ele faltar ali aqueles 15% ele é reprovado. Nós professores, temos que apresentar um programa geral da disciplina, depois do programa a gente tem que cumprir aquilo naquele plano de trabalho, e temos que apresentar aqueles slides, como se os alunos nunca tivessem visto. Então, a pergunta foi direcionada, dirigida à minha pessoa, eu vejo com muita tranquilidade, não vejo como desafio, vejo como uma oportunidade e entendo que a gente tem um sistema que não precisamos chamar de híbrido, por quê? Porque eu preciso cumprir, eu tô falando se é presencial, se é a distância, “não, vamos fazer um modelo híbrido”, mas eu tenho várias demandas de modelo híbrido, como o cumprimento de uma carga horária excessiva em sala de aula, ao mesmo tempo que eu tenho que ter o meu ócio criativo, e eu tenho que ter a

capacidade de inovar, a necessidade de estagiar pra cumprir aquela carga horária, ao mesmo tempo que eu tenho que ir pro grupo de pesquisa, porque senão é como se eu tivesse fora daquele pensamento. Me deparei com alunos que cumpriram toda a sua carga horária de disciplinas regulares, com Ira acima de 9, no entanto, como eles trabalhavam o resto do dia, eles não fizeram as atividades complementares... E eu não posso dar o diploma, porque ele tem que cumprir as atividades complementares, ainda nessa entrevista eu falei na curricularização da extensão, a gente discute tanto, você sabe disso, Rangel, a gente discute tanto a forma de normatizar isso, uma resolução pra isso, que a gente termina sem ter como colocar em prática. Então o que eu vejo hoje, como grande desafio, não é o uso das tecnologias no ensino, seja ele básico ou seja ele superior ou não, o que eu vejo como um grande desafio são as nossas mentalidades que insistem em manter o tradicional, o conservador ou o confortável. Ou a gente se reinventa ou a gente não vai ter mais aluno de graduação, não, basta ver hoje quais são as maiores empresas do mundo, o WhatsApp, Facebook, Airbnb, Spotify, nessas empresas não têm 10 anos de existência, mas pra eu chegar a um título de Doutor eu passo pelo menos quatro anos na graduação, dois anos de mestrado e quatro anos de doutorado. Uma empresa já chegou ao topo do mundo enquanto eu ainda não concluí minha formação. Então a gente vai ter que saber dialogar com isso, vai ter que saber dialogar sobre isso, porque a gente precisa sim fazer com que a nossa sociedade tenha as melhores pessoas, pessoas mais bem informadas. No entanto, no tempo que o mercado hoje está exigindo e no tempo que as pessoas hoje estão querendo, nem todos têm mais paciência.

Eu tô falando isso pra você, mas de repente uma dessas empresas que chegou ao “top do mundo”, ela já se acaba também, porque é assim que as coisas estão acontecendo. Eu gosto muito quando a gente lê sobre aquilo que diz que a maior frota de táxi do mundo, o Uber, não tem nenhum carro... Então a gente tem que se deparar, sim, e tem que entender esse momento, porque ele já chegou e as nossas instituições precisam saber fazer essa leitura.

Marlúcia Cabral: Olá, eu sou a professora Marlúcia Barros Lopes Cabral, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, atuando no Campus de Assú, como professora do Departamento de Letras e também estou diretora do referido campus. O campus de Assú foi criado em 1974 e foi pioneiro no processo de interiorização da Uern, que se espalhou pelo interior do Estado levando a educação superior pública, gratuita e de qualidade. Então, eu gostaria de saber do magnífico reitor, professor doutor Pedro Fernandes, qual a importância desse processo de interiorização da Uern? A Uern chegando no interior do Estado, sendo inclusiva, chegando aonde necessita chegar mudando vidas. Professor Pedro, como o senhor vê a importância da Uern no interior do Estado?

Pedro Fernandes: Professora doutora Marlúcia, veja como a vida é surpreendente, porque aqui eu estou lhe respondendo como reitor, mas certamente a reitora poderia ser você pelo serviço prestado, pela dedicação, pelo trabalho já realizado e por todo esse envolvimento que você tem com a causa da

educação, com o ensino, com a interiorização, com a busca pela formação, e que essa formação traga a independência, autonomia para as pessoas, independente do sobrenome, independente de onde você mora. Então, a gente fica realmente lisonjeado em fazer parte de uma instituição de ensino superior que iniciou no interior, como você mesma falou, e expandiu, então esse processo de expansão foi em Assú... Foi o primeiro Campus Avançado, em seguida o de Pau dos Ferros, depois o de Patu, depois o de Natal e o de Caicó. Lá em Natal, diga-se de passagem, é um campus que faz com que nossos olhos brilhem, principalmente por onde ele está localizado, que é na zona norte, um bairro altamente populoso e carente de oferta de ensino superior público, somos a única instituição oferecendo ali o ensino superior público, então a gente traz a nossa participação na capital também nesse bojo ou nessa plataforma da interiorização, e volto a pedir a todos que visitem ou revisitem o plano Nacional de Educação, que ainda está vigente de 10 anos, 2014 a 2024, onde ele busca o quê? A interiorização do ensino superior, a formação de professores no interior, a formação continuada de professores no interior. E aí eu pergunto: e o que é que a nossa universidade faz? Será que a gente não protagoniza tudo isso que está aí pré-definido, mas também a gente pode visitar o Plano Estadual de Educação, bem como os Planos Municipais de Educação. Então a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, mesmo passando por todo aquele boom de provocação de cursos de engenharia, de alguns cursos que dariam maior visibilidade a uma sociedade, ela insistiu na formação da licenciatura, ela insistiu na formação de profissionais que tenham a ver com sua região. É dessa

forma que a gente entende que vamos contribuir com o nosso estado, com o nosso país, reconhecendo o nosso entorno e retornando para esse entorno o conhecimento, e aí várias políticas surgiram. Hoje nós estamos na instituição que foi vanguardista no sistema de cotas sociais. Lá atrás você tinha até 50% de vagas para pessoas que fizeram a educação básica em escolas públicas, hoje pelo menos 50%, então chegamos a ter cursos com 90% de estudantes que vieram da escola pública. Nós temos a nossa lei que é chamada pessoas com necessidades especiais, é assim que está na nossa lei de 2013, onde 5% das nossas vagas são para pessoas que têm alguma deficiência, nós temos o sistema de cotas para negros, pardos e indígenas. Nós temos ainda o sistema de cotas para você que fez sua educação básica, ensino fundamental e ensino médio no Estado do Rio Grande do Norte e em nenhum momento estamos desprestigiando um outro estado, mas sim tentando abraçar ainda mais essa formação do nosso Estado, tentando fazer com que você que conhece a nossa cultura, conhece a nossa arte, que você que estudou aqui, não precisa ter nascido aqui, se forme aqui, porque temos a certeza, ou um pouco mais de certeza, que você ficará em nosso estado trazendo esses frutos.

Hoje esta entrevista está sendo conduzida por três estudantes do curso de Comunicação social, mostrando um pouco do protagonismo estudantil da Uern. Antes de encerrar essa entrevista, eu gostaria que o senhor falasse um pouco sobre os avanços na área da assistência estudantil.

Pedro Fernandes: A gente sabia que a gente tinha dois grandes desafios: a política de assistência estudantil, bem como a nossa infraestrutura. Esses dois desafios, a gente entendia e até entende que eles seriam resolvidos com a autonomia financeira. O que é a autonomia financeira? Hoje a universidade participa da elaboração da Lei de Diretrizes Orçamentárias do Estado do Rio Grande do Norte, então essa discussão vai até agosto de determinado ano, para a LDO, para então discutir a Lei Orçamentária Anual que, via de regra, é pra ser aprovada até o final do ano pra valer no ano seguinte. Então todo ano esse orçamento é aprovado. Com a aprovação desse orçamento, a Universidade passa a ter números, um número que equivale ao pagamento da folha de pessoal, o número que equivale ao pagamento das despesas correntes, que a gente chama de custeio (água, luz, telefone, bolsas, internet, combustível, terceirizados); e um número que a gente chama de investimento ou capital que é a compra de um equipamento, a compra de um veículo, a construção de um imóvel, e nós fomos buscar essa autonomia financeira porque muito embora o orçamento tenha sido aprovado e a Universidade passa a ter esses números, que dentro do seu planejamento daria para fazer várias ações, mas esse número ele é chamado de orçamento, não é o financeiro propriamente dito. Então com base nesse orçamento, a Universidade passa a desenvolver suas atividades, por exemplo: vamos lançar um edital de bolsas para assistência estudantil, e até então, não existia na nossa universidade em 2013, 2014, foi o primeiro edital de bolsa para assistência estudantil, e ali eu comprometo um valor, esse valor está dentro do orçamento, mas na hora de pagar eu mando para o Governo do Estado, através da

Secretaria do Planejamento e essa Secretaria de Planejamento, que tem que pagar, porque a Uern não tem um financeiro, ela não tem o dinheiro, então por isso que muitas vezes é inaceitável dizer “A universidade pagou isso errado” ela não paga nada, quem paga é a Secretaria de Planejamento. “Ah, eu não conheço as contas da universidade”, quem paga é a Secretaria do Planejamento. O que a gente faz aqui é definir o nosso planejamento, pautar o nosso orçamento e convencer, tanto o Legislativo como o Executivo estadual a aprovarem esse orçamento. Então, com a autonomia financeira, o que é que mudaria? Todo mês, um doze avos desse orçamento, em nível de dinheiro, seria depositado numa conta da universidade, e aí o reitor, através dos seus gestores, ordenadores de despesa, conselho diretor, iria fazer os pagamentos. Então os terceirizados estão atrasados. “Ah, no dia tal o dinheiro foi transferido para Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte não pagou”, aí sim, a Universidade não teria pago, se a gente tivesse autonomia financeira. Ao mesmo tempo que aquele repasse de um doze avos limitaria a Universidade nas suas despesas, como hoje ela é limitada a seu orçamento, mas o que é que acontece hoje na prática? O que é que vem acontecendo? Os terceirizados trabalham, os alunos bolsistas fazem suas atividades, a gente encaminha para o Governo do Estado, as bolsas, a gente tem conseguido pagar ainda no dia 15 do mês corrente, mas os terceirizados a gente não tem conseguido. E aí eu não trago só a responsabilidade para o Governo do Estado também não, porque muitas vezes as empresas vencedoras das licitações, elas não pagam os encargos sociais exigidos para emissão da sua nota fiscal, e aí

fica o trabalhador sem receber e todo mundo culpando o outro. Com autonomia financeira, a gente teria esse dinheiro e a gente teria essa plena responsabilidade, ou com o cumprimento do Governo do Estado com esse pagamento, e aí eu não me refiro a governador, estou falando de Estado, eu não estou falando de gestor, não estou falando de reitor, eu estou falando de estado como seria. Pronto, então nesse desafio a autonomia financeira, a gente não conseguiu avançar ainda. Mas na assistência estudantil a gente não parou, então vejam só, em 2013 e aí também não quero comparar as gestões, porque cada um tinha seu tempo, cada um tinha seus desafios e cada um teve seus avanços e a gente teve a possibilidade de trabalhar nessa linha, em 2012 e 2013 a gente tinha em torno de 40 bolsas, muitas vezes não pagas, por mês. Hoje nós temos 500 bolsas, nós temos bolsas de extensão, bolsas de iniciação científica, bolsa de ensino, bolsa de assistência estudantil. Nós também avançamos na residência universitária, e até então a residência existia em Mossoró única e exclusivamente. Nós saímos buscando a residência universitária em todos os campi da nossa universidade e conseguimos. Aquela cidade que não tem ou que demorou, foi porque para você locar um imóvel, você precisa ter toda uma documentação e a gente não encontrava, e isso era feita uma ampla discussão. Nós tivemos também uma coisa simples, que para muitos era simples, a participação no Consepe, nós temos a presença dos seis reitores, dos seis pró-reitores, me desculpe, do reitor e do vice, oito. Nós tínhamos a participação de 15 representantes docentes das unidades acadêmicas, são 23, e eram quatro estudantes visitando o estatuto vigente. Tiramos os três pró-reitores e mais do que dobramos a

participação dos discentes e também avançamos na escolha do nosso gestor e na escolha dos nossos diretores com o voto paritário, até então a escolha dos gestores da nossa universidade se dava com 70% para docentes, 15% para técnicos e 15% para estudantes, e aprovamos, mesmo antes de aprovar nosso estatuto, igualitário 33, 33 e 33, fomos o reitor eleito nesse sistema de votação. E aí temos essa oferta hoje de graduação, de pós-graduação, com o sistema de cotas, com a busca desse apoio estudantil. E aí lembro muito bem, Brena, quando a gente estava buscando o restaurante universitário, sabendo que o restaurante universitário era difícil conseguir, ao mesmo tempo que era muito difícil manter e nós identificamos três caminhos ali em 2013/2014, que era o restaurante universitário propriamente dito, através da adesão do Enem/SiSu, pois com a adesão da Universidade ao Enem/Sisu, a gente não só deixou de ter que comprometer em torno de 500 mil reais ao ano com o vestibular, com o PSV, e todo esse recurso foi para a assistência estudantil, mas também a gente passou a concorrer ao PNAEST, que é o programa nacional de assistência estudantil, através do qual, pela quantidade de alunos, a Universidade do Estado iria ter direito a dois milhões por anos. Ali em 2014/2015, esses dois milhões por anos iriam nos permitir restaurantes universitários, creche, acompanhamento psicológico, a questão de livrarias, mas nenhuma dessas parcelas foram pagas desde 2015, é importante que se diga. Se a gente só tivesse visto essa oportunidade, estaríamos fadados ao fracasso, então pegamos o dinheiro do vestibular, colocamos na política de assistência estudantil PAE - Bolsas para aquele aluno que tem a menor renda, que assim comprova e passava a receber uma bolsa,

detalhe, as outras bolsas de extensão, de pesquisa, de ensino, quem concorre é o professor, e o professor depois escolhe seu aluno. Essas bolsas de assistência estudantil, quem concorre é o aluno, e essa bolsa quem recebe é ele, como as outras, mas quem participa do edital é ele. Fomos atrás do restaurante popular e ainda na gestão do governador Robinson Faria conseguimos implantar o restaurante popular no dia 10 de março de 2016. Em Mossoró, tivemos resistência de onde a gente menos imaginava, alguns me acusavam de estar escancarando a Universidade para entrada de todo mundo e minha pergunta era simples: não é uma instituição pública? Mas mesmo assim, insistiam que eu deveria implementar um sistema de catracas na entrada, porque só podia entrar quem fosse da Universidade, eu não concordei com isso. Hoje eu vejo aquele ambiente, com aquele termo que a gente adora usar, socialmente referenciado, impactando no seu entorno de dentro pra fora, mas de fora para dentro, e quanto a gente aprende com isso. Mas também vejo um sonho distante, lembro numa greve que participei, não era nem reitor, da busca pelo ônibus, o ônibus que a gente tinha mais de 1 milhão de quilômetros rodados. Quando a gente optou em comprar o ônibus, pelo valor de 500 mil reais, anda na gestão da governadora Rosalba Ciarlini, recebi muitas críticas, muitas críticas de gestores porque os carros da universidade estavam quebrados, era pra ter comprado carros pros servidores, pros professores irem pros núcleos, e eu resisti e mais uma vez agradeço a todos que tiveram ali ao nosso lado e quantas viagens, hein, esse ônibus fez, quantas realizações, quantas histórias. Mas também trago a PRAE, só voltando aqui pro ônibus, era uma pauta de uma greve de estudantes na minha

gestão não, na gestão anterior ainda de Doutor Milton, a pauta dos estudantes era a compra de um ônibus. E o poder de diálogo, antes de chegar na PRAE, a capacidade de dialogar. Me lembro o diretório central dos estudantes era numa sala emprestada da Faculdade de Educação, e nós tão logo assumimos, buscamos uma sala no Centro de Convivência que é onde todos se encontram, discutem, conversam, dialogam, criticam... “Mas reitor, vai ser difícil”, difícil o quê? O diálogo? Se a gente não puder exercitar o diálogo, quando a gente conseguiu a duras penas, com o apoio da Secretaria Estadual de Educação e o apoio da Universidade Federal Rural do Semi-árido, levar RNP, rede nacional de pesquisa, que era uma internet de 100 mega, eu disse: “Coloque no centro de convivência”, “Não, tem que ir pros laboratório, tem que ir pra sala de aula, tem que ir pra biblioteca”, beleza, mas primeiro chegue no centro de convivência e coloquei uma vez nas minhas redes sociais “Peço a todos que usem e me digam se está funcionando ou não”, mas no início queriam colocar senha, eu: “Não, não coloquem senha não”. Mas sabe onde eu errei? A gente não colocou tomadas e os aparelhos começaram a perder a bateria e não tinha tomada suficiente para carregar os aparelhos, você imagine, mas falo isso de uma forma feliz. Como também, Brena, não posso deixar de trazer isso aqui, da forma como os livros eram comprados, era disponibilizado um formulário para todos os docentes dizerem qual o livro que queriam e a nossa instituição, que não tinha um ciclo regular de reconhecimento e renovação de reconhecimento de seus cursos, pecava porque muitas vezes tinha livros nunca usados ou não exigido no PCC, ao mesmo tempo que os livros ali

exigidos ou não tinha na biblioteca e foi através da PRAE, da conversa com os alunos, da conversa com o DCE, de todo esse diálogo, que a gente passou a olhar para o projeto pedagógico de curso e a comprar os livros que ali estavam com muita dificuldade, e era não só pelo dinheiro, mas quando você fazia uma licitação para comprar todos os livros, bastava faltar um volume ou uma obra de mil, para toda aquela compra ficar comprometida e eu não tinha como fazer licitação para cada obra. Então todo esse desafio a gente foi aprendendo, a gente foi buscando trazer o melhor e isso, digo com muito orgulho hoje, todas as salas das nossas unidades de Mossoró, seja de Enfermagem, seja de Medicina, seja do Campus Central, são climatizadas; todas as salas de Assú, climatizadas; todas as salas de Patu, climatizadas; praticamente todas as salas de Pau dos Ferros, climatizadas; de Caicó, climatizadas; de Natal, climatizadas. Com muito desafio, porque para manter essa estrutura é difícil, precisa de recurso regular, mas todo esse trabalho que a gente tem feito, tem sido voltado para onde o nosso estudante está e para ele, e aí termina essa minha resposta dizendo sobre a política de estágio, onde nós temos mais de dois mil alunos, estudantes estagiando, seja no estágio obrigatório ou não, mas nos orgulhamos de ser o maior PIBID do Estado, de ser o maior PARFOR do Estado. E dessa forma a gente entende sim que discutimos, que dialogamos, que discordamos, mas respeitamos, sobretudo, os estudantes, o movimento estudantil e muito me entusiasma ver um aluno muitas vezes comprometendo a sua atividade na sala de aula para estar discutindo em um conselho. E aí eu trago aqueles conflitos que a gente chegou lá atrás, eu tenho que fazer com que esse estudante participe da política institucional, das

discussões da nossa instituição, e ao mesmo tempo que ele não pode ficar comprometido no seu ambiente acadêmico, mas dessa forma a gente compreende que conseguimos ter essa empatia.

Ceres Germanna: Olá, professor Pedro. O senhor sabe que a Uern faz parte da minha vida há mais de 15 anos. Quando entrei no curso de ciência da computação, em 2003, como aluna e depois em 2008 no curso de mestrado em Ciência da Computação, deparei-me com excelentes professores que fizeram e fazem parte da minha formação. Hoje como professora do curso e colega dos meus ex-professores, consigo perceber o quanto, ao longo desses anos, a Uern tem incentivado a capacitação de professores e técnicos. Incentivo esse que cresceu bastante durante sua gestão. Inclusive, se hoje estou em um programa de doutorado, deve-se especialmente a isso. Então, o que o incentivo à capacitação aos servidores da Uern representa para o senhor? De que forma os capacitados retornam à Uern? E quais os principais benefícios e retorno à sociedade que esse incentivo vem trazendo?

Pedro Fernandes: Ceres, uma vez formada, fez o concurso, terminou seu mestrado e hoje está fazendo doutorado em Portugal, em Coimbra, e isso muito nos orgulha tanto no sentido pessoal como profissional. Obviamente, a nossa instituição, foi desafiada em vários momentos. Vocês vejam que ali em 2005, 2006, nós tínhamos, é... nós estávamos tentando cumprir uma exigência que era ter $\frac{1}{3}$ do nosso corpo docente de mestres e doutores, $\frac{1}{3}$ do nosso corpo docente em

dedicação exclusiva e pelo menos 3 mestrados e 1 doutorado, e isso era surreal. A gente não conseguiria atender nem tão cedo. A gente procurava, olhava para um lado, olhava para outro. Nós tínhamos dedicação exclusiva, mas não chegávamos ali a esses 40%, 33% nem de doutorado, a gente tinha de mestrado, mas a exigência pelo doutorado era que a instituição precisava de doutores para poder ter seus cursos de pós-graduações em stricto sensu. E isso eu não posso dizer que começou na minha gestão. Eu tenho que trazer todos os ex-reitores, mas ai já destaco o reitor Walter Fonseca, que teve uma política agressiva de capacitação docente, sobretudo, o reitor Milton Marques, que deu continuidade à essa capacitação docente e começamos ali os primeiros cursos de mestrado. É certo que a Uern participou do PRODEMA, que era um mestrado em rede ali em 2000 a 2005, mas em 2005 esse programa foi descontinuado. 2006, 2007, nós não tínhamos nenhum, foi quando em 2008, três cursos de mestrado foram criados, o de Computação, o de Letras em Pau dos Ferros e o de Física. Computação e Física em Mossoró. Hoje nós temos 22 mestrados e 4 doutorados. Hoje nós temos 90% dos nossos professores com mestrado e doutorado, sendo mais doutores do que mestres! Essa marca a gente bateu recentemente, porque sempre que a gente fazia um concurso, que era uma grande conquista, também não adiantava abrir vagas pros doutores em determinadas áreas onde o nosso mercado não tinha doutores disponíveis para fazer esse concurso, e nem na região. Então, hoje nós atendemos esse requisito de mestres e doutores, nós atendemos esse requisito de dedicação exclusiva que até então, até 2011, 2012, para se ter almejado dedicação exclusiva era através de um edital concorrido e

estressante. Conseguimos ajustar as contas da universidade e agora está com o fluxo contínuo. Basta o departamento demandar que aí a universidade já implanta, e implanta tendo um compromisso também com o crescimento vegetativo da folha. Nós fazemos isso desde 2014 e não temos impacto na folha, porque a gente tem conseguido equilibrar esse trabalho. E a capacitação como a Ceres perguntou, a nossa docente, ela é responsável por retornar a nossa instituição aquilo que tantos almejam, que é ter o tripé: Ensino, pesquisa e extensão. E da primeira pergunta que nós tivemos da Professora Irene, ela falou sobre extensão, e aí é esse o nosso grande desafio, porque ser doutor hoje não é só publicar artigos científicos. Ser doutor hoje não é só ficar dentro de um laboratório ou de uma biblioteca estudando aquilo que você quer. Ser doutor é ter a capacidade de estudos aprofundados, ter a capacidade de ler, de compreender e, sobretudo, ter a capacidade de visitar o projeto pedagógico do nosso curso de graduação e entender que a sua linha de pesquisa num grupo de pesquisa e a sua atuação no núcleo de extensão têm que estar focadas, têm que estar alinhadas com o que aquela graduação pretende ensinar, com o que aquela graduação se propõe a formar os nossos recursos humanos. Então, todo esse desafio, esse trabalho que é feito, busca termos essa graduação de qualidade, formar excelentes profissionais e eu sempre priorizo aqueles profissionais que voltam para sala de aula, aquele professor que se dedique à educação básica, sobretudo, à nossa educação básica pública.

Reitor, 2020 ficará marcado pela pandemia que impôs um novo modo de vida para a humanidade, mudando

planos e prioridades das pessoas. Na Uern, 2020 seria o ano em que o calendário acadêmico estaria de acordo com o calendário civil. Que lição o senhor tira da pandemia?

Pedro Fernandes: Quantas vezes discutimos o retorno das aulas... Fizemos todo um esforço para ajustar o calendário acadêmico com calendário civil, fizemos toda uma luta, um empenho de todos os servidores, professores e professoras, técnicas e técnicos administrativos, bem como dos estudantes para no ano de 2019 a gente colocar praticamente três semestres letivos e consegui ali no final de março, início de abril de 2020, iniciar o 2020.1 tão sonhado, tão sonhado a equivalência na nossa instituição, isso obviamente em virtude de atividades legítimas, não tô aqui tirando a legitimidade das atividades de greve, de feriados, de calendários e mais uma vez vem aquela questão, o que são 200 dias letivos? Por que 200 dias letivos? O que são 800 horas letivas? Por que 800 horas? Como é que eu vou saber mensurar isso em um ano... Eu preciso de um parâmetro, um parâmetro. Mas a gente se deparou em 2020 com uma pandemia que nos fez refletir, inclusive, sobre esses parâmetros que eram inquestionáveis, 200 dias letivos eu tinha que colocar sábado, eu tinha que desconsiderar feriado, porque tinha que ter 100 dias letivos por semestre. Mas conseguimos, chegamos no 2020 e antes de iniciarmos essa equivalência de calendário acadêmico com calendário civil, nos deparamos com essa pandemia, com essa situação de mundo e mais triste ainda estamos nos deparando com essas vidas que estão sendo perdidas e que a gente fica se perguntando como é que isso vai terminar. E, obviamente, me

traz aquela reflexão: será que o mais importante era colocar o calendário em dia? E quanto a gente sonhou por isso...Será que o mais importante era a gente ter conceitos, resultados, notas? Será que a gente não tava buscando muito mais do que a gente precisava? É disso que a gente tem que refletir nesse momento, sobre isso que a gente tem que refletir sobre esse momento. E nesse momento e dizer a todos vocês que foi o momento maior do que todos, mas que continuamos firmes, que a Universidade tem mais essa história, esse momento. Nós enquanto participantes dessa história, temos mais esse momento para contar, mas você estudante, você mais jovem, técnico, técnica, professor, professora, aproveite muito... Esse momento de quarentena, de ficar em casa, que sinceramente, no lançamento dessa revista, a gente não tem noção de como estaremos, mas para fazer essa reflexão, quantas vezes exigimos demais, quando já temos muito. Quantas vezes a gente se deparou com situações de que achávamos incapazes quando estávamos fazendo melhor do que muitos, quantas vezes queríamos ficar em casa, ao mesmo tempo que estamos chateados por estarmos em casa. Dessa forma, para além de uma instituição de ensino superior, somos pessoas, somos uma sociedade, uma coletividade e que tenho muita certeza que depois dessa tempestade, depois desse momento, a gente vai conseguir olhar o próximo com mais respeito, com mas atenção, com mais carinho, e que muitas vezes uma palavra dita naquele momento e respondida também naquele momento seria desnecessário e a nossa vida seria bem melhor, Espero sim que todos nós saíamos dessa situação, que toda as famílias que sofreram e que estão sofrendo com essa pandemia rezem, tenham fé em Deus, abracem quem

está aqui, abracem o próximo e que agradeçam, agradeçam a oportunidade de fazer parte dessa instituição, dessa vida, dessas pessoas. Desejo um feliz 2021 para todo mundo, desejo uma feliz sala de aula para todo mundo, uma feliz prova para todo mundo, um experimento para todo mundo, uma aula de campo, um abraço! Tem algo mais importante nesse momento que estarmos vivendo do que um abraço? Do que um aperto de mão? Aquele que me conhece sabe como eu gosto de apertar, de abraçar, de brincar e deve imaginar como estou sentindo falta. Mas eu tenho certeza que aquele que não gosta vai passar a gostar. Então, gente, viva, viva!

**Entrevista com a Reitora em Exercício Fátima
Raquel Rosado Moraes**

A gestão da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern), quadriênio 2017/2021, liderada pelos professores Pedro Fernandes Ribeiro Neto e Fátima Raquel Rosado Moraes, é encerrada neste dia 28 de setembro. Foram quatro anos de superação e desafios, que deram continuidade a um modelo de gestão iniciado em 2013. Diretamente à frente da Universidade desde o ano passado, a reitora em exercício Fátima Raquel Rosado Moraes fala sobre os avanços conquistados nos últimos oito anos e das dificuldades enfrentadas, sobretudo no último ano, frente à pandemia de COVID 19. Em entrevista, a reitora em exercício responde aos questionamentos dos jornalistas Fabiano Moraes e Rosalba Moreira, e da estudante Thifanny Alves, do curso de Jornalismo da Uern, representando, respectivamente, os segmentos de docentes, técnicos-administrativos e discente. Ela abordou questões sobre investimento na assistência estudantil, valorização de servidores, proposta de autonomia financeira, o enfrentamento à pandemia de COVID e ação de consolidação da Uern como uma Universidade socialmente referenciada.

Thifanny Alves: A assistência estudantil é um tema bastante debatido por todos os segmentos da Uern, e entendemos a importância dela para a permanência dos alunos na instituição. Como a senhora avalia a assistência prestada a nós, alunos, nos últimos anos?

Fátima Raquel: Se lembrarmos da Uern de 2013, quando iniciou o atual modelo de gestão de Pedro Fernandes e Aldo Gondim, e que foi dado sequência por Pedro Fernandes e eu, nós não tínhamos nada em assistência estudantil. As bolsas que tínhamos demoravam meses para os alunos receberem e nós tínhamos a residência universitária somente no Campus Central. Com o incremento de alunos oriundos de escola pública, a gente teve que se reinventar nesse contexto. E nos últimos oito últimos anos, a gente conseguiu dar um suporte maior de bolsas para a assistência estudantil, de modo a possibilitar que nossos alunos possam viver a comunidade acadêmica. Além do quantitativo de bolsas, nesse contexto de pandemia, nós também iniciamos o auxílio-inclusão digital para garantir, além da permanência, que esse aluno pudesse viver o ensino remoto. Também incrementamos residências universitárias em todos os campi. Acreditamos que houve avanços e que ainda temos muito que avançar. Temos que ter como horizonte a proposta de melhorar ainda mais a oferta de produtos e serviços voltados aos alunos para que possam permanecer na Universidade.

Rosalba Moreira: A Universidade tem investido na capacitação de servidores. Gostaria que a senhora falasse

sobre os incentivos que a Uern tem dado aos servidores e comentasse quais os benefícios que a Instituição recebe ao capacitar o servidor.

Fátima Raquel: Desde que nós entramos na Universidade, e sempre que falo lembro da primeira e segunda gestão do professor Pedro Fernandes, tendo em vista que estamos nesse projeto nos últimos oito anos, sempre foi nosso interesse incrementar a participação dos técnicos para além da vida administrativa. Em 2013, o que tínhamos de política de capacitação era voltado aos docentes. Ao longo dos oito anos, incrementamos com os Mestrados e Doutorado Interinstitucionais (Minter e Dinter) a capacitação dos docentes, visando à capacitação em maior escala; organizamos a política de capacitação docente e técnica, implementando um instrumento legal para a capacitação; disponibilizamos bolsas para os técnicos fazerem essa capacitação; e estamos buscando meios para que os técnicos sejam liberados para se capacitarem. Nós também incentivamos dentro de nossos programas de pós-graduação a oferta de vagas específicas para o nosso corpo técnico. Nós entendemos que docentes e técnicos capacitados trazem um incremento para o serviço da Universidade e refletem diretamente na qualidade do serviço prestado pela Uern à comunidade.

Fabiano Moraes: Quais os maiores desafios enfrentados com relação à parte financeira, como custeio e investimento, sobretudo nessa época de pandemia?

Fátima Raquel: Ao longo de oito anos de gestão, a Universidade tem sofrido dificuldades financeiras. Dificuldades essas vivenciadas pelo próprio estado, e por sermos parte do Estado, também temos a diminuição de aporte financeiro para as atividades administrativas, custeio e investimento. Diante das limitações financeiras, tivemos que ir atrás de parceiros e emendas parlamentares para garantir atividades da Universidade, pensando que tínhamos que ofertar ensino, pesquisa e extensão de qualidade, apesar da dificuldade. E nesse contexto de pandemia, essa dificuldade saltou ainda mais aos olhos, porque o Estado voltou seu custeio e investimento para a saúde e a gente teve de se reinventar para esse novo contexto. Estamos agora discutindo a questão da nossa autonomia financeira, creio que em breve teremos essa autonomia e esse cenário começará a ser diferenciado.

Thifanny Alves: A Uern aprova mais de dois mil novos alunos por ano. Qual o diferencial da Uern na formação dos alunos?

Fátima Raquel: Para mim, o diferencial da Uern é o ser humano. Os recursos humanos que dela fazem parte. A gente pode não ter as melhores paredes, os melhores equipamentos, as melhores tecnologias, mas nós temos um corpo docente, técnico e discente que vem para a Universidade porque quer realmente viver a universidade, fazer diferente. São pessoas que se apaixonam pela Uern e, por se apaixonarem, dão o melhor de si. Então, mesmo com as dificuldades que a gente vive, as pessoas tentam se reinventar, sempre buscando

melhorias, sempre batalhando, cobrando de quem devemos cobrar. Quem vem para a Universidade, vem com a vontade de contribuir, vontade de transformar vidas.

Rosalba Moreira: Devido à pandemia, tivemos que adotar o sistema de home office. Como a senhora avalia o trabalho desenvolvido por nós, servidores, nesse sistema e, com a proximidade do retorno das atividades presenciais, há a perspectiva que esse sistema continue sendo utilizado em determinadas situações?

Fátima Raquel: Todos nós estamos de parabéns, porque todo mundo teve que se reinventar nesse momento e a Universidade continuou viva. Foram muitas ações que desenvolvemos para que a Universidade continuasse caminhando. E uma das coisas foi o home office. Muitos de nós tiveram dificuldades em trabalhar em casa, mas de um modo geral, a Universidade conseguiu desenvolver muito bem o trabalho nessa nova realidade. Com o advento da pandemia, transformamos todos os nossos processos em processo SEI, não temos mais processos físicos, com exceção do que já estava acontecendo. Conseguimos, no diálogo, ter todos os atendimentos de forma remota, e fomos bem avaliados nesse contexto; conseguimos desenhar a retomada das atividades acadêmicas. Dentro desse contexto de pandemia, a gente conseguiu se sair bem. Dentro dessa nova realidade, tiramos alguns aprendizados e um deles é o home office. A gente está estudando regulamentar o home office. Sabemos que em algumas atividades não tem como acontecer de forma remota, temos que voltar para o presencial.

Mas para alguns setores, o home office foi mais produtivo. E esse momento é de avaliar. Não que faremos do home office uma regra de nossa universidade, mas ele deve ser analisado como uma forma de potencializar ainda mais as atividades acadêmicas e administrativas

Fabiano Morais: Em relação à autonomia financeira, gostaria de saber se é uma realidade próxima ou distante?

Fátima Raquel: Tenho que acreditar que é uma realidade próxima. Em 2013, recebemos um projeto de autonomia, e desde então estamos avaliando e discutindo com toda a comunidade acadêmica, até a elaboração de uma proposta para o Governo do Estado. E dessa vez, até por um compromisso da governadora Fátima Bezerra, nós temos a perspectiva de estar entregando esse projeto de autonomia no dia 28 de setembro, na assembleia de transmissão de cargo, momento em que estaremos junto com a reitora eleita e nomeada, Cicília Maia, e a governadora Fátima Bezerra. Vamos entregar o nosso projeto de Lei para ser encaminhado para a Assembleia Legislativo. Isso se materializando, e acreditamos que irá se materializar, passaremos a percorrer a Assembleia, na perspectiva de garantir a aprovação o mais rápido possível.

Thifanny Alves: A Uern sempre se destacou com suas contribuições à sociedade. Nesse período de pandemia não foi diferente. Nós tivemos alunos da área de saúde atuando na linha de frente, a senhora mesmo chegou a participar como

voluntária nos postos de vacinação. Gostaria de saber como foi viver esse momento, enquanto professora e reitora?

Fátima Raquel: Desde que tomamos a primeira decisão, em 15 de março de 2020, de suspender as aulas presenciais, nós tomamos essa decisão com o olhar muito na saúde. Desde os primeiros momentos, nossa preocupação foi com as pessoas, como elas iriam viver aquele novo contexto, embora naquele momento a gente tivesse muita expectativa de que a pandemia iria passar logo. Então, suspendemos as aulas presenciais, organizamos o trabalho remoto. Naquele momento, veio o sentimento de que nossa comunidade precisava ser acolhida pela Uern, então começamos uma série de ações, atividades, na perspectiva de acolher as pessoas. Quando a vacina chegou, a gente fez questão de se envolver. Por eu ser enfermeira e atuar nessa área, eu quis participar, eu sentia a necessidade de dar esse retorno à sociedade. A gente tentou ter essa responsabilidade não apenas na comunidade acadêmica, mas também de levar as ações para a comunidade externa e dar esse alento no período de pandemia. Nós servimos ao Estado e nessa hora nós tínhamos o compromisso de contribuir para tentar amenizar os efeitos da pandemia na sociedade.

Rosalba Moreira: A senhora assumiu a Reitoria no momento da pandemia. Quais as maiores lições que a senhora pode ter como reitora e pessoa?

Fátima Raquel: Acredito que as duas se resumem em uma só: resiliência. A maior lição que esse contexto de pandemia nos ensinou foi a respeitar o outro, entendendo a sua diversidade, cada um estava vivenciando aquele momento de uma forma diferenciada, e ser resiliente diante de tantas dificuldades. Porque dizer que foi fácil, não foi. Para ninguém. Assumi uma gestão em 1º de março e quinze dias depois estávamos vivendo um momento de pandemia. E não tinha nenhum roteiro, foi tudo novo para todo mundo. Teve momentos que tive vontade de desistir? Nenhum! Foi tanta resiliência, preocupação com os outros, vontade de fazer a universidade avançar, que era um compromisso que tinha assumido e não iria voltar atrás. Contei muito com a professora Cícilia Maia, e fizemos uma grande parceria juntas. Todas as decisões que tomamos foram de forma coletiva. O diálogo esteve presente mais do que nunca. A maioria das decisões foi bastante acertada, o momento de parar, de fazer capacitações, de servir à comunidade em geral, o momento de retomar as atividades acadêmicas... foi tudo tão maturado coletivamente que não houve espaços para erros graves, foi muita resiliência, paciência e construção coletiva. E acho que no serviço público deve ser construído assim, de forma coletiva.

Fabiano Morais: O que a senhora pensa como metas a serem atingidas pela próxima gestão que tem à frente a professora Cícilia Maia e Francisco Dantas?

Fátima Raquel: Por ter acompanhado bem de perto a dupla, Cícilia Maia e Francisco Dantas, a construção da nova gestão,

inclusive da carta programa, eu creio que uma das metas mais importantes é a consolidação da nossa autonomia financeira. Nós iremos conseguir sim, nós teremos nossa autonomia, e precisamos trabalhá-la e consolidá-la para não ser só um papel, mas que ela se materialize no avanço da nossa universidade. Também está clara a necessidade de inclusão, da garantia dos direitos humanos, a necessidade de que a Universidade seja cada vez mais socialmente referenciada e cada vez mais inclusiva, então penso que para a próxima gestão, além da autonomia e avanços no ensino, pesquisa e extensão, na reorganização e reflexão dos nossos cursos e projetos pedagógicos, nós precisamos avançar cada vez mais na garantia dos direitos humanos, na garantia da austeridade, na garantia de que todos sejam respeitados, independente de qualquer situação. E Cícilia Maia e Francisco Dantas vão trabalhar para que isso se materialize cada vez mais no âmbito da Uern.

Ao longo de mais de cinco décadas de existência, a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Uern tem sua história marcada pela luta de muitas pessoas que se dedicaram e continuam se dedicando à defesa da educação. Oferecer as ferramentas necessárias para que nossos estudantes tenham acesso ao ensino superior público, gratuito e de qualidade é um gesto que merece todo nosso reconhecimento.

Nesse sentido, as decisões tomadas pelos conselhos superiores e pelos gestores, com as representações dos estudantes, professores, técnicos e da sociedade, são cruciais para que a Universidade seja reconhecida pela importância que ela tem.

As palavras têm o poder de dar significado a muitas coisas, sendo assim, nada melhor do que as palavras dos próprios homenageados para dar uma pequena noção da importância de seus trabalhos.

Organizamos um compilado de discursos e entrevistas concedidas pelos reitores Pedro Fernandes e Fátima Raquel ao longo do período à frente da Instituição. Por meio deles, compreendem-se momentos importantes da Uern e como ela chegou até aqui. Boa leitura!

